

***As Mulheres  
na Comunidade Portuguesa Emigrante do  
Reino Unido***

***Trajectórias de Vida***

---

**Maria Amélia Estrela**

Licenciada em Filologia Germânica

**Relatório Final de Investigação  
Projecto realizado no âmbito de Licença Sabática**

**Maio de 2003**

**Maria Amélia Estrela**

lia.estrela@sapo.pt

Professora Efectiva da Escola Eugénio dos Santos  
Lisboa

## ÍNDICE

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
	Objectivos	6
	Metodologia	6
<b>2</b>	<b>RAZÕES PARA EMIGRAR</b>	<b>11</b>
<b>2.1</b>	<b>ASPECTOS REMOTOS</b>	<b>11</b>
2.1.1	Infância difícil e insatisfação	12
2.1.2	Emigração e deslocação anterior da família	15
<b>2.2</b>	<b>RAZÕES PRÓXIMAS</b>	<b>19</b>
2.2.1	Alguns aspectos laborais britânicos	20
2.2.2	Emigrar por razões económicas	22
2.2.3	Emigrar por razões familiares	24
2.2.4	Emigrar por razões educativas	27
<b>2.3</b>	<b>Conclusões</b>	<b>29</b>
<b>3</b>	<b>OS PRIMEIROS TEMPOS</b>	<b>31</b>
<b>3.1</b>	<b>A CHEGADA</b>	<b>31</b>
3.1.1	Em que condições chegam ?	31
3.1.2	Como reagem à diferença do clima, do aspecto das cidades, da língua e dos costumes?	33
<b>3.2</b>	<b>OS PRIMEIROS TEMPOS</b>	<b>36</b>
3.2.1	Separações	36
3.2.2	O trabalho	38
3.2.3	A guarda dos filhos pequenos	39
3.2.4	Alojamento	40
3.2.5	Isolamento	41
3.2.6	Balanço	43
<b>3.3</b>	<b>Conclusões</b>	<b>43</b>
<b>4</b>	<b>A RECONSTRUÇÃO DO DIA A DIA</b>	<b>45</b>
<b>4.1</b>	<b>Trabalho</b>	<b>45</b>
4.1.1	Trabalhos domésticos	45
4.1.2	A procura da realização pessoal	48
<b>4.2</b>	<b>A família</b>	<b>50</b>
4.2.1	“Eu fui buscar os meus filhos “	50
4.2.2	Estabelecer uma rotina	51
4.2.3	Uma casa, um apartamento, um espaço onde viver.	52
4.2.4	“Encontrei o meu marido”	53
<b>4.3</b>	<b>As novas relações sociais – a tentativa de superação progressiva do isolamento.</b>	<b>53</b>
<b>4.4</b>	<b>Conclusões</b>	<b>56</b>

<b>5</b>	<b>A LÍNGUA</b>	<b>59</b>
<b>5.1</b>	<b>O inglês</b>	<b>59</b>
5.1.1	Motivos para aprender inglês	61
5.1.2	Os meios	62
<b>5.2</b>	<b>O português</b>	<b>63</b>
5.2.1	A manutenção dos laços familiares	64
5.2.2	A língua portuguesa como instrumento de trabalho	67
5.2.3	A língua portuguesa como traço comum.	67
<b>5.3</b>	<b>Conclusões</b>	<b>68</b>
<b>6</b>	<b>A EDUCAÇÃO</b>	<b>71</b>
<b>6.1</b>	<b>Angelina</b>	<b>71</b>
<b>6.2</b>	<b>Gina</b>	<b>73</b>
<b>6.3</b>	<b>Rita</b>	<b>75</b>
<b>6.4</b>	<b>Carmo</b>	<b>77</b>
<b>6.5</b>	<b>Eva</b>	<b>78</b>
<b>6.6</b>	<b>Clara</b>	<b>81</b>
<b>6.7</b>	<b>Luisa</b>	<b>82</b>
<b>6.8</b>	<b>Conclusões</b>	<b>84</b>
<b>7</b>	<b>A IDENTIDADE CULTURAL</b>	<b>87</b>
<b>7.1</b>	<b>Nós e os outros: a comparação de características</b>	<b>88</b>
7.1.1	Os conceitos que as mulheres encontram já formados	88
7.1.2	Os conceitos que vão sendo construídos pelas mulheres	89
<b>7.2</b>	<b>A identidade cultural vista como uma responsabilidade</b>	<b>90</b>
7.2.1	Respeitar	90
7.2.2	Transmitir	91
<b>7.3</b>	<b>Alguns aspectos e características da comunidade portuguesa em Inglaterra</b>	<b>92</b>
7.3.1	Aspectos da comunidade nos anos 60 e 70	93
7.3.2	A preocupação económica	96
7.3.3	A entre-ajuda	96
7.3.4	A comunidade portuguesa em Lambeth	97
7.3.5	Aspectos do funcionamento de uma das associações de portugueses em Londres	99
<b>7.4</b>	<b>A ligação a Portugal</b>	<b>101</b>
7.4.1	Em Portugal uma vez por ano	101
7.4.2	A ligação carregada de emoção	102
7.4.3	A recordação de um acontecimento histórico	104
<b>7.5</b>	<b>A ligação dividida: Portugal e Inglaterra</b>	<b>104</b>
<b>7.6</b>	<b>Como é vista a Inglaterra por algumas das entrevistadas</b>	<b>106</b>
<b>7.7</b>	<b>Conclusões</b>	<b>108</b>

<b>8</b>	<b>A IDENTIDADE COMO MULHER</b>	<b>111</b>
8.1	A adaptabilidade	111
8.2	A aprendizagem da independência	113
8.3	A capacidade de lutar	114
8.4	A libertação	115
8.5	A realização pessoal e a satisfação com a vida	117
8.6	Conclusões	119
<b>9</b>	<b>O FUTURO</b>	<b>121</b>
9.1	Ficar em Inglaterra	121
9.2	Regressar a Portugal	124
9.3	Conclusões	127
<b>10</b>	<b>CONCLUSÕES</b>	<b>129</b>
	<b>APÊNDICES</b>	<b>139</b>
	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>147</b>
	<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>149</b>



# 1 INTRODUÇÃO

Com este relatório proponho-me partilhar os resultados do trabalho de investigação desenvolvido em Inglaterra, durante o ano de 2002, junto de mulheres portuguesas residentes neste país. Uma licença sabática concedida pelo Ministério da Educação permitiu-me a realização deste projecto. O trabalho foi desenvolvido no “Centre for Psychology and Culture, University of Luton, England” com a orientação de Dr. Guida de Abreu e beneficiou de apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, Londres.

## **Antecedentes**

O meu interesse pelo tema de investigação proposto - “As mulheres na Comunidade Portuguesa emigrante do Reino Unido – algumas trajectórias de vida” - surge da minha experiência como professora, como coordenadora e também da minha própria vivência de mulher portuguesa num país de língua e cultura diferentes. No Reino Unido, exerci funções de professora de Língua e Cultura Portuguesas durante três anos (de 1993 a 1996) e de Coordenadora do Ensino do Português durante cinco anos (de Setembro de 1996 a Novembro de 2001). Posso afirmar que a minha experiência pessoal, docente e educativa é rica e diversificada, dado que advem do trabalho com crianças e jovens portugueses, com encarregados de educação, com professores ingleses e portugueses, com psicólogos escolares e terapeutas, com directores de escolas inglesas primárias, secundárias e *colleges*, com autoridades educativas a nível local e nacional, com associações de portugueses em Londres e com membros da comunidade emigrados há várias décadas, assim como com famílias recém-chegadas.

Durante a licença sabática e a par do trabalho de pesquisa desenvolvido em Inglaterra, frequentei, de Janeiro a Junho de 2002, 3 módulos semestrais do *Mestrado em Psicologia e Cultura* da Universidade de Luton, a fim de recolher e aprofundar conhecimentos necessários à execução deste projecto. Os títulos dos módulos e os respectivos coordenadores foram os seguintes:

- *Research Methods in Psychology and Culture*; Alfredo Gaitan e Guida de Abreu;

- *Working in Multicultural Communities*; Marcia Worrell;
- *Learning in Multicultural Communities*; Guida de Abreu.

## **Objectivos**

Através de histórias de vida de mulheres portuguesas residentes no RU, procurei examinar:

- As experiências, razões e expectativas de vida (para si próprias e para os seus filhos) que levaram essas mulheres a emigrar;
- o modo como essas experiências e expectativas influenciaram a adaptação, o desenvolvimento e a integração das emigrantes (aprendizagem da língua inglesa, mudança de actividade, formação profissional etc.); o modo como reconstruíram a vida da família;
- as memórias do trajecto escolar em Portugal e o modo como se preocupam ou como apoiam a educação dos seus filhos; que influência exercem as suas representações de educação;
- que alterações sofreu a sua identidade cultural e como viveram a sua identidade de mulher;
- que futuro pensam para si próprias e que razões têm para ficar em Inglaterra ou para voltar para Portugal.

## **Metodologia**

O presente estudo utilizou uma abordagem predominantemente qualitativa baseada na entrevista narrativa. Segundo Bogdan e Bilden (1982), o *método qualitativo* envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contacto directo do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo que o produto e preocupa-se em retratar a perspectiva dos participantes. O uso da *entrevista*, como principal instrumento da recolha de dados, tem a vantagem de delegar no informante o poder de exprimir a sua própria verdade (Mota 1999). A intenção deste trabalho foi dar voz às mulheres dentro da comunidade e dar oportunidade a que a história fosse contada pelas suas



próprias protagonistas. Recolher *histórias de vida* pareceu-nos ser o melhor método para servir esse objectivo.

Segundo Atkinson (1998), as histórias de vida podem esclarecer o pesquisador quanto a papeis e padrões de vida existentes dentro de uma comunidade. As histórias de vida ilustram também o que é viver num mundo feito de mudança. Sabemos como o processo migratório é, acima de tudo, um processo de mudança que ocorre em vários campos, quer dentro do indivíduo, quer dentro da sociedade. As histórias de vida proporcionam ao investigador informação acerca da realidade social que existe fora da história pessoal (Bertaux, 1981), para além de fornecerem conhecimentos acerca das próprias histórias, enquanto construção social (Rosenthal, 1993).

As entrevistas, cujo roteiro se encontra em apêndice, foram planeadas de modo a estimular narrativas que, entre outros aspectos, focassem:

- as razões da mudança;
- o desenvolvimento psicológico da entrevistada dentro do novo contexto sócio-cultural;
- a reconstrução da sua identidade como mulher emigrante;
- os instrumentos culturais e os recursos que teve ao seu dispôr;
- o modo como se situa actualmente dentro da comunidade.

Foram feitas 17 entrevistas cuja duração varia entre 1 hora e meia e 3 horas. As entrevistas foram gravadas, transcritas cuidadosamente na totalidade e analisadas com a ajuda do programa *Atlas/ti* que permite ao investigador seleccionar e organizar as citações das narrativas de acordo com temas e objectivos previamente determinados por este. No corpo deste trabalho, cada citação aparece identificada segundo o seguinte código: nº da entrevista, nome fictício da participante e, entre parênteses, primeiro e último nº das linhas do texto citado. Por exemplo:

P 14: Dora (1147:1156)

A escolha das entrevistadas obedeceu à preocupação de abranger um leque tão diverso quanto possível de situações e de experiências de vida. Procurei obter uma amostra que fosse suficientemente exemplificativa e descritiva da variedade de trajectos de

vida que necessariamente coexistem numa comunidade emigrante. Foram ouvidas mulheres de vários níveis de instrução (da licenciatura à incapacidade de ler e escrever) em situações socio-económicas diversas, com profissões, ocupações e percursos bem diferentes. No processo de escolha das mulheres a entrevistar, deixei-me, algumas vezes guiar pela intuição de que determinada pessoa teria uma narrativa rica e significativa e pela consciência de que determinada pessoa me intrigava ou me inspirava. No entanto, fiquei quase sempre surpreendida pela narrativa. A riqueza das experiências vividas pelas entrevistadas e a coragem e força com que as tinham vivido eram admiráveis. Surpreendeu-me também a disponibilidade e o gosto com que, depois de abordadas, acederam a ser entrevistadas e a forma corajosa com que me contaram as suas vidas, recordando aspectos dolorosos, fazendo balanços, meditando por vezes demoradamente em decisões e em motivos, estabelecendo não raramente pela primeira vez ligações entre as situações e as respectivas razões. Em quase todos os casos, a entrevista deu azo a sentimentos positivos, tendo até algumas das entrevistadas manifestado, no final da gravação, como se sentiam satisfeitas e valorizadas.

A experiência de trabalho anterior e o razoável conhecimento da comunidade portuguesa estabelecida em Londres e no sul de Inglaterra onde tenho também vivido nos últimos 9 anos, permitiram-me contactar pessoas que já conhecia e que sabia (ou suspeitava) terem vivências ricas no âmbito da emigração. No entanto, entrevistei também mulheres que não conhecia antes e que encontrei numa biblioteca local (duas) ou que me foram sugeridas por pessoas amigas (quatro) ou pelas próprias entrevistadas (duas). Todas as gravações foram feitas em casa das próprias mulheres, excepto três que foram realizadas no ambiente de trabalho, numa associação recreativa e num centro cultural. Foram sempre as entrevistadas a escolher o local e a hora com que se sentissem mais confortáveis e calmas. Foram feitas treze entrevistas em zonas diferentes de Londres e quatro em Bournemouth, Bristol e Canterbury.

Procurou-se que as pessoas a entrevistar possuíssem já um percurso de vida relativamente longo, significativo e rico de experiências. Assim, as idades das entrevistadas variam entre os 30 e os 70 anos: 5 mulheres na década dos 30 anos, 5 mulheres na dos 40, 2 mulheres na dos 50, 2 na dos 60 e 3 na dos 70. Procurou-se também que a situação familiar, o número de filhos, o status socio-económico, a

ocupação, a localização em Inglaterra e o tempo de estadia no RU fossem os mais variados. Em apêndice faz-se a listagem destas situações, atribuindo a cada mulher um nome fictício.

### **Estrutura do relatório**

A redacção deste relatório reflecte a preocupação primeira de dar voz às mulheres portuguesas em Inglaterra; daí as extensas citações das narrativas em que se encontra apoiado e que constituem a contribuição mais significativa deste trabalho.

Após a introdução, no segundo capítulo, são abordadas as razões quer remotas, quer próximas que motivaram a saída das entrevistadas para o RU.

Procura-se seguidamente captar as impressões dos primeiros tempos numa terra estranha, as expectativas e o estado de espírito à chegada, a perplexidade dos primeiros dias e as dificuldades maiores.

No quarto capítulo observam-se as tentativas de reconstrução da vida diária num país estrangeiro: a procura de trabalho e a tentativa de afirmação através dele, a organização da casa e da rotina diária da família, o estabelecimento de relações e a integração na sociedade de acolhimento. A situação laboral em Inglaterra será afluída.

As dificuldades de comunicação postas por uma língua estrangeira – o inglês – que se desconhece ou que se conhece pouco e as escolhas feitas para ultrapassar essa barreira são o objecto do quinto capítulo. O papel da língua portuguesa na comunicação entre as gerações da família emigrante é também observado.

Seguidamente, são abordadas as representações de educação das entrevistadas e o seu trajecto escolar em Portugal, assim como as suas preocupações e expectativas educativas, quer para si próprias, quer para os seus filhos; os projectos e esforços de crescimento são também relatados.

O sétimo capítulo trata do modo como as entrevistadas se identificam culturalmente, que relações estabelecem com a comunidade portuguesa emigrante, o que as liga a Portugal e a forma como encaram a cultura receptora.

No capítulo seguinte, são abordadas as exigências sentidas por cada entrevistada como mulher, quer no seu papel de mãe dedicada, quer como mulher independente, quer no modo de encarar a sua relação com o companheiro ou no modo de se afirmar e enriquecer na solidão.

O futuro e as razões para permanecer no RU ou para regressar a Portugal ocupam o penúltimo capítulo.

Apesar de cada capítulo apresentar algumas conclusões, no final do relatório tenta-se reflectir sobre o que se aprendeu nestas histórias de vida e em particular sobre as implicações para a educação, quer no que diz respeito às oportunidades formação e treino da mulher ao longo da vida, quer no que diz respeito à educação dos filhos.

A lista de participantes com alguns elementos informativos e o roteiro da entrevista antecedido de algumas notas explicativas encontram-se em apêndice.

## 2 RAZÕES PARA EMIGRAR

Mesmo antes de delinear este projecto e em anos anteriores de trabalho em Inglaterra, sempre me intrigaram as razões que levaram ou levam tantas mulheres portuguesas a emigrar para o RU, sós ou com as suas famílias.

Não me parecia que esses motivos se reduzissem unicamente às dificuldades económicas, à procura de emprego ou mesmo às razões monetárias relacionadas com o valor elevado da libra inglesa em relação ao escudo ou ao euro.

Não era certamente a realização pessoal através de um trabalho estimulante que movia as mulheres. Notei, muitas vezes que as encarregadas de educação com que contactava – mães, por vezes avós ou tias das crianças - tinham em Inglaterra ocupações bem mais modestas do que o nível de escolaridade atingido em Portugal faria esperar.

A mesma curiosidade era partilhada por professores ingleses e autoridades educativas locais com quem trabalhava que invariavelmente esperavam de mim uma explicação rápida e lógica para o número avultado de crianças portuguesas recém-chegadas à sua área. Os mais esclarecidos tinham de Portugal a ideia de um país próspero, com um nível de desemprego relativamente baixo.

### 2.1 ASPECTOS REMOTOS

A análise das entrevistas levou-me a concluir haver para cada mulher várias razões. Algumas dessas **razões** classifiquei de **remotas** por funcionarem como antecedentes e constituírem uma espécie de ‘paisagem’ no passado de cada uma que propiciou um estado de espírito aberto à mudança e preparou o terreno para a decisão de emigrar. Essa decisão só na aparência foi tomada repentinamente; ela parece ter sido, pelo contrário, longamente amadurecida no inconsciente. Esse estado de espírito pode ter tido origens diversas:

- uma *infância triste ou cheia de dificuldades*, marcada pela perda de um dos pais, pela violência doméstica ou pela pobreza;
- uma infância caracterizada pela *emigração dos pais*, pela deslocação da família, pela própria *experiência de emigração em pequenina*. Essa vivência pode ter diminuído o apego à terra e minimizado o receio de se aventurar. O exemplo dos

pais pode ter inculcado a noção de que é no estrangeiro que se vencem as dificuldades, que realmente se ganha a vida e que é, até, possível enriquecer.

Digamos que o estado de espírito que aponte-se pode caracterizar também por uma insatisfação generalizada, uma frustração que pode ser causada por:

- falta de trabalho
- dificuldade em encontrar uma ocupação estimulante que satisfaça ou que realize expectativas;
- falta de casa e de dinheiro;
- desilusão de um casamento que deixa a mulher sozinha com os filhos e com grande sobrecarga de tarefas. Um marido/companheiro emocionalmente ausente que não partilha os encargos nem as responsabilidades familiares, que passa o tempo com os amigos ou que é até violento.

O *exemplo de emigração recente dos outros*, quer sejam amigos, familiares ou vizinhos e a notícia (ou lenda...) do seu sucesso podem também determinar o estado de espírito propício à mudança. O exemplo dos familiares e amigos torna, aos olhos destas mulheres, a empresa possível e a decisão mais fácil. Torna também o país de emigração mais próximo, menos estranho, oferece uma aparente segurança.

### **2.1.1 Infância difícil e insatisfação**

1. Conceição teve uma infância extremamente difícil e trabalhosa, marcada pela violência paterna cujos aspectos dramáticos ela vai revelando com simplicidade à medida que a entrevista avança. Essa violência atinge também a mãe e os 4 irmãos. Não admira que aos 16 anos comece por emigrar para França, “para sair de ao pé dos meus pais, para não estar a ver aquele sofrimento”.

A nossa infância não é fácil porque o meu pai era um bocadinho duro para nós, um bocadito mais velho que a minha mãe, 18 anos. Bebia um bocadito, então dava maus tratos à minha mãe e não só, dava também maus tratos a nós. Só que a gente sempre com aquela coisa de esperar que um dia o meu pai melhorasse, talvez se ele deixasse o vinho ou que com o avanço da idade. Só que cada vez era pior. Ele continuava a beber ... não foi uma infância feliz, não foi uma infância feliz. Foi uma infância até muito triste. A gente não éramos crianças de brincarmos, não éramos crianças de fazermos barulho, a gente não era livre de ver televisão. Brinquedos não os havia.

trabalhávamos muito, éramos nós que sachávamos o milho, éramos nós que apanhávamos a fruta, éramos nós que semeávamos batatas, feijão, cortar as folhas das videiras - éramos nós que fazíamos isso . O meu irmão mais velho, coitado, sofreu bem. Era ele que 'curava', éramos nós que arrancávamos as uvas, éramos nós que pisávamos o vinho. Quer dizer, éramos... tudo. O meu pai praticamente dizia: 'Vão fazer isto ou vão fazer aquilo...'

Eu era muito fraquita porque o meu pai, com a tarefa que o meu pai deu à minha mãe, eu sou de todos os meus irmãos a mais fraca. Quando a minha mãe estava grávida de 7 meses, tiveram que me tirar. Portanto, foi parto... não até ao fim. Não foi gravidez até ao fim. Teve que ser provocado porque o meu pai batia tanto na minha mãe que um dia as veias do nariz arrebentaram-se. Então, ela ficou sem sangue. Como ela ficou sem sangue, os médicos disseram que era capaz de não conseguirem me salvar. Então, foi parto cesariana mas mesmo assim ainda conseguiram. Tive 10 dias na incubadora. Mas o médico diz que pode ter afectado. Agora se tem afectado ou não, não entendo. Não sou médica para dizer se é verdade. Só que eu sei que de todos os meus irmãos, eu sou a mais fraquita. E outra coisa...Quando eu era pequenita, o único sítio onde o meu pai me batia era na cabeça. Não olhava o corpo, era a cabeça. Tanto que eu agora tenho problemas de saúde. Todos os anos tenho inícios de depressões nervosas. Todos os anos tenho depressões nervosas mesmo. Não chega a esgotamento mas quase. Tanto que o ano passado andei muito mal. Pronto, é todos os anos.

P10: Conceição (18:29) (41:50) (97:116)

2. A morte da mãe, quando Florinda tinha 3 anos, teve como consequência uma infância muito trabalhosa e pouco feliz, marcada inclusivamente por conflitos. Mais tarde, já mulher, a crise de falta de trabalho e de habitação que se seguiu ao 25 de Abril trouxe-lhe novas razões para grande insatisfação e revolta. Florinda decidiu emigrar para Inglaterra em Novembro de 1978. O seu caso é também dos mais eloquentes.

Venho de uma família muito grande: eramos cinco irmãos quando a minha mãe morreu, tinha três anos. O meu pai casou quase imediatamente, mais três filhos se seguiram, não foi muito fácil. Passei praticamente a ser mãe deles, com seis anos de idade. Tomei conta deles, houve episódios mais tristes do que alegres. Não posso dizer que tenha tido um bom relacionamento com a minha madrastra, nunca tive.(...) *não posso dizer que tenha tido uma infância muito feliz*, o que me tornou a vida em Portugal certamente difícil e deslocada, sou uma pessoa que nunca me senti dentro de casa em Portugal, tenho que dizer a verdade.

25 de Abril, havia uma *grande confusão* em Portugal em matéria de trabalho, retornados, as pessoas vinham da África, e tinham sempre.(...)Foi nessa altura... que eu arranjei realmente a revolta que eu tenho contra Portugal. Eu adoro o meu país geograficamente, acho que Portugal é um país lindíssimo, pessoalmente. Mas sinto-me uma pessoa *revoltada porque quando eu quis trabalho, não havia trabalho* para mim, eu não tive outra alternativa senão ser doméstica, empregada doméstica porque nada mais me aparecia.

saí de casa (do pai), fui para a casa da minha irmã, comecei a trabalhar como empregada doméstica e, entretanto, casei. Chegou-se o casamento e o problema de

casa, gravidez, trabalho e tudo isso envolveu grandes problemas e pode-se dizer que *nunca tive uma vida feliz em Portugal*, nunca fui uma pessoa que me sentisse enquadrada dentro do meu próprio ambiente português.

P11: Florinda (8:20) (72:81) (122:128)

3. Noutro caso, o de Rita, a perda do pai trouxe-lhe uma infância cheia de dificuldades, teve de começar a trabalhar aos 10 anos e a “servir” aos 11. É natural que ambicionasse “algo mais”.

Tinha 3 anos, o meu pai morreu. A minha mãe ficou comigo, com o meu irmão e com a minha irmã. Fomos criados sem pai. Comecei a trabalhar...Saí da escola com a 4ª classe, com 10 anos. Comecei a trabalhar, a tomar conta de 3 crianças.(...) Não tinha ainda 11. Saí da escola em Julho e fui logo para lá. Fiz os 11 anos em Agosto e depois a minha mãe teve que me pôr a trabalhar. Fui servir para Lisboa. Estive lá 2 anos. Mas não gostava de Lisboa e *não gostava de servir. Gostava de algo mais.*

P 5: Rita (40:62)

Além disso, Rita sente a insatisfação provocada pela mentalidade restritiva do meio em que vive, meio esse que isola e coarcta principalmente mulheres que queiram ir além do modelo tradicional de “casar e ter filhos”.

eu mais um grupo de amigos tentámos, quando estávamos em Portugal, organizar um género de clube onde nós estivessemos e isso era um bocado... Foram dizer à minha mãe que eu mais 2/3 moças e 2 moços estávamos a organizar uma coisa dessas e a minha mãe, eu tinha quase 22 anos, ela ainda me bateu, ainda me deu uma bofetada, porque não queria que andasse *nas bocas do mundo* e porque (...) eu assim ainda ia passar por ser muito independente.

que eu podia não ser só empregada de balcão e limitar-me só a isso, e casar e ter filhos. Eu cá não. *Senti que podia ir mais além* e conseguir fazer coisas para comigo e para com os outros, envolver pessoas, coisa que eu em Portugal sentia que não poderia fazer. E sempre tive essa ambição.

P 5: Rita - (411:419) (434:443)

4. No caso de Carmo, a insatisfação sentida em Portugal tem origem em frustrações várias relacionadas em primeiro lugar com a carreira e a profissão que gostaria de ter tido e em segundo lugar com as dificuldades e os sacrifícios relacionados com as condições de vida e de trabalho como professora do ensino primário, numa aldeia do norte do país, no início dos anos 60.



Mas a minha ambição era ser paraquedista. Mas não podia ser paraquedista. E, então, (...) queria entrar para os correios, ser telefonista e trabalhar lá com os telefones, eu pus os meus documentos mas, como chegaram um dia mais tarde do prazo, não me deixaram entrar. Foi quando eu escrevi ao Salazar, claro, para me darem essa licença. E a Secretária escreveu-me a dizer que não. E eu digo assim “Pronto, vou para a Inglaterra. Aqui em Portugal não se pode... A gente não é livre,(...)Eu vou para a Inglaterra.” E vim.

fui dar aulas para uma aldeiazinha em Amarante. Chama-se Carneiro. Uma aldeia 12km distante de Amarante. Instalei-me lá na casa do padre e da irmã, onde eu pagava a minha pequena pensão e dava, então, aulas lá. Mas, para dizer a verdade, fiz muitos sacrifícios. Não havia electricidade, não havia estradas. Para se ir da estrada principal para a casa do padre e para a escola era como caminhos de cabra. E, então, quando vinha de férias a Lousada, para atravessar para a vilazinha tinha que arregaçar a roupa toda, porque a água era tanta. Não havia ponte nem nada. Fiz assim muitos sacrifícios. Mas estive.(...) Era uma escola primária. Uma escola muito pobre. Um lugar muito pobre mas gente muito humilde, mas muito boa, muito agradável. E gostaram muito de mim. E, então, eu dava aulas lá mas com muitos sacrifícios.

P 6: Carmo (43:69) (828:838)

### **2.1.2 Emigração e deslocação anterior da família**

1. A experiência de emigração em pequena pode apresentar-se, na memória, como uma referência, como um tempo de abundância. Luisa recorda com agrado a infância passada em França e considera que lá lhe teria sido possível ter um futuro. O regresso a Portugal, aos 14 anos, aparece como um choque. Segue-se a frustração do insucesso escolar, as dificuldades económicas dos pais e o ambiente rural português a que não estava habituada. Tudo isto constrói o clima de insatisfação que a leva a emigrar para Inglaterra aos 19 anos. Não há raízes que a liguem a Portugal e o estrangeiro (França ou Inglaterra) é encarado como a possibilidade de vir a ser feliz e próspera.

Os meus pais emigraram para França; a minha mãe levou-me quando eu tinha 6 meses, para França; *fui criada em França até aos 14 anos. Fiz lá a minha escola* até essa idade.Tenho mais uma irmã e um irmão. A minha irmã foi com 2 anos para França, ela é a mais velha. Fomos todos criados lá praticamente. Regressávamos todos os anos de férias a Portugal com os meus pais. Frequentámos a escola na França e também tivemos aulas de Português lá, por isso sabemos falar português e falávamos português com os nossos pais em casa. Tive uma infância boa,

Fomos criados praticamente com a minha irmã, mais sózinhos porque ela, a minha mãe, trabalhava muito. Mas ela compensava-nos com outras coisas. *Tinha mais posses na França* do que se fosse em Portugal. Trabalhava muito, estava com a gente pouco tempo. A minha irmã é que tomava mais conta da gente.

Gostava porque fui criada lá, tinha os meus amigos, tinha uma vida boa, *não nos faltava nada*, tínhamos tudo o que queríamos, estava a estudar e *podia continuar a estudar tinha um futuro* e foi o que não aconteceu em Portugal quando nós regressámos,(...) ia fazer 14 anos e fui para a escola mas fiquei lá um ano na escola e tive que sair porque os meus pais já não tinham posses, chumbei logo o 1º ano porque tive 3 negativas, só se passava com máximo de 2. Os meus pais não quiseram que estudasse mais, porque as coisas eram muito caras, tinham que comprar livros. A minha mãe tinha o trabalho dela mas era diferente, não rendia porque eles trabalhavam no campo. Sofri bastante até porque queria voltar para a França, eu estava habituada num outro ambiente.(...)

Eu fui criada lá era como se fosse francesa. Um dia mais tarde pensei voltar para a França.

A escolha de ter vindo viver para Inglaterra, *como já tinha estado na França. Gostei mais de viver no estrangeiro*. Como fui criada na cidade, desde criança não queria escolher Portugal para viver. Acho que é uma escolha, não viver em Portugal.

P 9: Luisa (12:21) (31:35) (49:61) (73:74) (556:560)

2. Também Dora recorda com agrado os anos felizes que viveu com os pais em Angola. Os anos difíceis passados em Portugal, após o regresso em 1974, marcam um contraste acentuado. A insatisfação causada pelas dificuldades e conflitos vividos pela família retornada foram propícias à mudança.

Os meus pais foram para Angola por volta de 1964/65. Eu nasci em Angola. Tenho um irmão mais novo. (...) Fiz a 1ª e a 2ª em Angola. (...) Recordo-me bem do tempo, dos frutos exóticos, daquela alegria que as pessoas tinham. Acho que é diferente nos países da Europa, mais frios. As pessoas em Angola são muito libertas de preconceitos. Quando a guerra começou, claro, fomos para Portugal, isso já em Junho/julho de 1974.

Para mim tudo era muito novo, via que havia muito conflito, porque era tudo muito conflituoso naquela altura mesmo entre os meus pais e entre a família. Senti isso um bocado, sentia que vivia num ambiente que não era aquele que eu gostasse mais. Os meus pais tiveram bastantes dificuldades e eu sentia isso, porque eles nunca esconderam, e eu tinha muita consciência das dificuldades que passavam.

P14: Dora (7:22) (76:82)

3. Para quem, como Custódia, cresce num quadro de constante deslocação, a decisão tomada em adulta de sair de Portugal e de se estabelecer em Inglaterra com marido e filhos pode surgir quase como uma sequência natural, sem maiores dificuldades de adaptação. Durante a infância e juventude, Custódia mudou de terra de 4 em 4 anos, dentro de Portugal ou para as colónias, e houve que adaptar-se a escolas, localidades e

até climas diferentes. Mais tarde, a experiência de vida em Inglaterra é encarada como uma forma de progredir intelectualmente e é lá que acaba realmente por criar raízes.

*sou filha de um nómada* porque o meu pai era oficial da marinha de guerra portuguesa. eles andam sempre de um lado para o outro Porque têm as chamadas comissões de serviço, são destacados para um local, ficam normalmente 4 anos num local, depois passam para outro e andam assim.

não fiquei lá muito tempo. Ele depois foi mandado para Caminha, para a Capitania, lá em cima no Norte. E aí aprendi a andar e a falar. Depois voltámos para o Barreiro, depois fomos para Lisboa. Isto sempre com 3 ou 4 anos de intervalo, às vezes menos, (...) enquanto estávamos lá eu já estava nessa altura a acabar a instrução primária e ia começar o 1º ciclo do liceu. E fiz a 1ª parte do 1º ciclo lá ainda em Vila Franca, quando ele foi destacado para Lisboa. E, portanto, fomos.

houve oportunidades aqui (Inglaterra) que eu não teria concerteza tido em Portugal. Embora agora em Portugal já haja também muitas oportunidades dentro destes campos, mas na altura em que eu vim não havia. Principalmente para adultos e pessoas que estão ocupadas também noutras carreiras. (...) Portanto, foi utilíssimo.

(o meu pai foi um nómada) E eu continuei a ser. Eu continuei a ser embora, está a ver, em Londres estou há estes anos todos. Aqui é que eu realmente criei raízes.

P 4: Custódia (58:63) (69:79) (368:372) (913:916)

4. A ausência dos pais – que emigraram para Inglaterra quando Célia era criança - a solidão e a falta de amor que sentiu em consequência disso, deram-lhe mais tarde a sensação de desapego, de poder “ir para qualquer lado”, de nunca ter criado raízes. No entanto, com o desenrolar da entrevista, esta aparente capa protectora de indiferença quebra-se subitamente quando Célia é questionada sobre o que sente quando pensa em Portugal.

os meus pais quando eu tinha 11 anos vieram para Inglaterra, para Londres, estiveram 20 e tal anos em Inglaterra; eu nunca cá vim enquanto eles estiveram em Inglaterra...

aos 11 anos quando os meus pais foram para Inglaterra eu fui para Portalegre para o Sagrado Coração de Maria de Portalegre, ele (o meu irmão) no de Santo António... era só padres praticamente, fomos criados lá praticamente sempre no colégio, aos fins de semana ou nas férias íamos sempre para casa dos meus avós

Eu nunca fui apegada a ninguém, sempre fui muito independente. (Porquê?) Talvez pela separação dos meus pais tão pequena. Então eu nunca me liguei a ninguém. Nunca senti que iria sofrer, *nunca tive raízes*. Se alguém me disser tens que ir para ali, eu vou para ali.

eu andei por tanto o lado, houve tanta coisa na minha vida. O primeiro choque foi... esse foi o maior choque porque aos 11 anos qualquer criança precisa dos pais (...) e tive que superá-lo sozinha. Depois ir viver para um colégio privado em que se é muito bem tratado mas *falta... o amor*. Acho que isso é um bocado duro.

5. Patrícia nasceu em Moçambique. O facto de os pais terem emigrado para África e de o pai, depois da independência das colónias, ter de continuar a emigrar, ausentando-se frequentemente em busca de trabalho com que pudesse sustentar a família de 6 filhos, parece ter fornecido a Patrícia um exemplo e um padrão de vida. Se bem que admire também o exemplo de trabalho e de sacrifício dado pela mãe, Patricia vai acabar por emigrar tal como o pai e o irmão mais velho, em busca de um futuro para si e para os 4 filhos pequenos.

Nasci em Moçambique. (...) nós somos 6 irmãos. O meu pai foi uma pessoa que sempre trabalhou para sustentar a família. A minha mãe acompanhou-o sempre para todo o lado. De norte a sul do país.(...) Estiveram em Angola também. Eu nasci em Moçambique. Depois, claro, com o 25 de Abril e com a independência das colónias, regressámos a Portugal todos.

O meu pai continuou a sair porque não havia trabalho em Portugal. Na altura foi muito difícil. Eu fiquei a viver na casa de uns tios meus no Porto. Os meus irmãos estavam em casa da minha avó. Outra minha irmã estava em casa de outro meu tio em Lisboa. Foi bastante difícil porque nós viemos sem nada. Nós trouxemos a roupa que tínhamos vestida no corpo e mais nada. Nem móveis nem... Começámos de novo. Uma família com 6 crianças naquela altura. O meu pai foi obrigado a ir para a Líbia. É serralheiro mecânico, é uma profissão que tem saída para o estrangeiro.(...) estive na Líbia 4/5 anos. Fui criada praticamente com a minha mãe e com os meus irmãos. Nós não tínhamos pai. O pai estava sempre fora. (...) *Os meus pais (...) sempre tentaram sair do país. Porque as dificuldades económicas eram muitas* e era um grande esforço para o meu pai. O meu pai a trabalhar em Portugal não conseguia sustentar uma família de 6 filhos, foi obrigado a sair do país para nos sustentar

Lembro-me do meu irmão Vítor, que faleceu no Rio de Janeiro há 3 anos atrás, que com 16 anos começou a sair para ir trabalhar.

Mas o meu irmão resolveu ir trabalhar porque sentia que a minha mãe passava grandes dificuldades. Porque não comprava um par de sapatos para ela, não arranjava o cabelo, não saía de casa. Porque estava sempre em casa. A vida dela era casa, filhos e mais nada. E andava com o mesmo par de sapatos se fosse preciso um ano. O mesmo par de calças. O mesmo cabelo. Eu lembro-me de ver a minha mãe com o cabelo todo apanhadinho, agarradinho cá atrás. E era assim que a minha mãe andava, com umas calças azuis, uma camisa branca. E ela lavava a camisa à noite e vestia a camisa de manhã... O essencial nunca nos faltou. E comer nunca faltou em minha casa. E eles sentiram essa necessidade de saírem, de ajudarem. Continuaram a estudar.

6. No percurso de vida de várias outras entrevistadas, o exemplo de emigração dos familiares - pais , irmãos, etc. - reforça a vontade de sair:

Foi em 1974... Hoje estão na América. Estão muito bem. Foram para a América, trabalharam lá e estão bastante bem lá. (...)

A maior parte [da família] emigrou para os EUA e para França. Porque não havia... Não tinham... Quer dizer, a minha irmã Fátima e eu, por exemplo, queríamos que os nossos filhos singrassem. Não ficassem a trabalhar ali no campo, ou nas terras. Queríamos que aprendessem cultura.

P 6: Carmo (826:828) (924:929)

o dinheiro não chegava a nada e continuava e a gente... entretanto, começaram a vir os imigrantes para a Inglaterra, o meu irmão veio para a Inglaterra

(agora)os dois mais novos estão em Londres (...)fomos sempre muito, muito amigos... a outra, a mais nova, também está cá, tenho a mais velha na Alemanha, tenho o mais velho ... nos Estados Unidos, *estamos assim muito espalhados pelo mundo*, e os outros três estão em Portugal

P11: Florinda (147:150) (1399:1405)

entretanto... os meus pais vieram imigrar para Inglaterra, também quiseram sair da vida do mar, que era bastante complicada,(...) Eles imigraram talvez uns 4 anos antes de eu ter imigrado. Eles já cá estavam.

P 8: Eva (252:258)

7. Para além da família, **os pares**, os outros membros do grupo que emigraram antes, frequentemente influenciam de modo remoto, com o seu exemplo, a decisão de partir.

Já tinha ouvido falar de outras raparigas, eu era ainda nova naquela altura, raparigas que tinham ido trabalhar para o estrangeiro, iam para Inglaterra, França, Alemanha...eu pensei ‘talvez seja uma boa altura de tentar a sorte e ir estudar’.

P 3: Júlia (74:77)

## 2.2 RAZÕES PRÓXIMAS

Durante as entrevistas, cada uma das mulheres identificou claramente uma ou mais razões para sair de Portugal. Chamei-lhes razões próximas por serem mais conscientes e imediatas na narrativa das entrevistadas. A maior parte destas mulheres tomou ela própria a decisão de emigrar; na entrevista exprimem-se na primeira pessoa com a vontade e clareza. Para além da esperança de encontrar uma sociedade mais justa onde pudessem deixar para trás desencantos e frustrações e onde fosse possível

realizar sonhos, eram movidas também por razões bem concretas. Podemos agrupar essas razões em 3 blocos:

- económicas – arranjar trabalho, ter uma ocupação melhor remunerada;
- familiares – salvar o casamento, libertar-se de conflitos, ajudar a criar irmãos, acompanhar o marido;
- educativas – aprender inglês, tirar um curso, educar os filhos no sistema inglês

### **2.2.1 Alguns aspectos laborais britânicos**

Antes de tratarmos dos motivos de ordem económica que levam as portuguesas a emigrar para Inglaterra, é importante tecer algumas considerações sobre aspectos laborais britânicos que afectam os emigrantes hoje em dia.

No Reino Unido é muito recente a introdução quer do salário mínimo (em 1999) quer do direito dos trabalhadores a férias anuais. Durante muitos anos, as lacunas da legislação laboral britânica foram supridas pelo equilíbrio entre sindicatos e patronato. Reinava o liberalismo laboral. No entanto, os sindicatos que eram muito fortes durante os anos 60 e 70, começam a ver o seu poder reduzido depois da entrada dos conservadores no governo. Particularmente com Mrs Thatcher, o equilíbrio de forças que existia entre patronato e sindicatos desaparece, pondo a nu a ausência de leis laborais que defendessem os trabalhadores e que regulassem, por exemplo, contratos, férias ou salários. Os portugueses que chegavam ao RU. sem saber falar inglês e sem se sindicalizarem estavam à partida numa situação muito desprotegida.

Hoje em dia, muitos portugueses emigram através de agências fornecedoras de mão de obra. As alterações laborais introduzidas no final dos anos 80 pelo governo conservador de Mrs Thatcher permitiram o aparecimento de agências que começaram a recrutar trabalho temporário fora do R.U. Antes disso, as agências de trabalho temporário limitavam-se a recrutar secretárias e enfermeiras dentro do R.U. Actualmente essas agências levam de Portugal para o R.U. mão de obra destinada a trabalhar principalmente na agricultura e em fábricas de processamento de produtos alimentares. A agência arranja-lhes trabalho, não forçosamente na mesma empresa, mas em várias empresas. O patrão é a própria agência que paga à hora aos

trabalhadores e guarda para si uma percentagem do que recebe das empresas pelo trabalho dos emigrantes. Hoje em dia, a agência não pode, por lei, pagar menos aos trabalhadores do que o salário mínimo, mas surgem entre emigrantes e agências muitas razões para mal-estar. Assim, no momento da contratação, não fica muito clara a questão dos salários líquidos e ilíquidos e acontece frequentemente que os emigrantes ficam convencidos de que vão ganhar como líquido o que é de facto o salário ilíquido.

Para além disso, antes da contratação, as agências habitualmente dão a entender aos trabalhadores que podem vir a ganhar somas muito avultadas e estes tarde demais compreendem que, para ganhar esses montantes, teriam de trabalhar, por exemplo, 70 horas por semana.

Uma pessoa pensa que vem ganhar muito trabalhando pouco. Parece-lhe uma ideia brilhante. Chega cá e percebe que tem de trabalhar muito para ganhar alguma coisa. Porque são trabalhos muito mal pagos aqui. Portanto, as pessoas são exploradas. Mas estas agências fazem mais do que esta espécie de confusão. Porque isto é uma confusão que eles criam. Dizem “Ah se vocês trabalharem muito podem (...) até ganhar 400 libras por semana.” E a pessoa (...) fica satisfeita e vem para cá. Chega cá e, para ganhar as 400 libras tem de trabalhar horas e horas que nunca mais acabam. Às vezes, sobretudo na agricultura, chove. Às vezes, no processamento dos produtos alimentares, faz um frio danado na fábrica porque exactamente estão a empacotar produtos. E, portanto, não é tão fácil trabalhar tantas horas.(...)(feitos os descontos) com a segurança social, que são 10%, e com os impostos, acabam por receber 65% ou 70% daquilo que lhes disseram que estavam a ganhar.

P13: Fernanda (715-732)

Além disso, as agências anunciam que fornecem acomodação, mas, no acto da contratação, pode não ficar claro que o preço elevado que cobram pelo alojamento será ainda descontado no salário. A cargo do trabalhador ficam também despesas de gás e electricidade que no R.U. são, como a acomodação, muito caras. Por outro lado, o alojamento no campo é feito geralmente em caravana, o que costuma desagradar profundamente aos portugueses que não têm a tradição de viver em caravanas.

Acresce que a 1ª semana de remuneração costuma ficar retida e o trabalhador só recebe o 1º salário passados 15 dias ou um mês e uma semana de trabalho. Pode acontecer que os emigrantes não levem de Portugal dinheiro suficiente para fazer face às despesas consideráveis desse primeiro mês. Consequentemente, quando recebem o 1º salário têm já uma dívida avultada. Tudo isto deveria ser tornado claro no processo

de contratação para que não viesse mais tarde a surgir como uma surpresa para o emigrante. Tudo isto cria grande tensão entre empregador e empregado. Não é raro apresentarem-se emigrantes no consulado português em Londres pedindo para serem repatriados.

as pessoas vêm fazer os trabalhos num país em que os salários não são altos; porque cá não são altos. As pessoas vêm fazer os trabalhos mais humildes que há (...) Portanto as pessoas vêm receber o salário mínimo e, depois, vão-se embora porque o salário mínimo não lhes dá para viver cá e para pagarem a renda da casa que deixaram em Portugal e, possivelmente, algumas dívidas. (...) há um trabalho, de facto, que é mal pago porque é um trabalho muito indiferenciado.(...) o mundo agora é, de facto, ainda mais selvagem.

P13: Fernanda (786:795)

As agências têm causado grandes problemas. Algumas pertencem a portugueses, mas a maior parte pertence a ingleses que têm agentes em Portugal que se encarregam do recrutamento através de pequenos anúncios em jornais portugueses: “Quer ganhar até 300 contos por semana? Telefone para...” Em Inglaterra essas agências têm geralmente capatazes portugueses que estabelecem a ligação.

### **2.2.2 Emigrar por razões económicas**

1. Uma das entrevistadas, Patrícia, vê num destes anúncios a possibilidade de ir para Inglaterra e de encontrar um trabalho que ela acredita ser mais compensador e motivante. Numa fase da sua vida em que se encontra desempregada e em que abunda o desencanto e a incerteza, agarra essa possibilidade com ambas as mãos.

Há pessoas que se sentem realizadas a limpar um escritório e são felizes. Mas eu não consigo ser feliz a fazer trabalhos desses porque já fiz uma coisa diferente. Já fiz uma coisa que me motivou mais. E estava um bocado perdida porque me tinha separado. Estava em casa dos meus pais. Tirava o curso de computadores e pensava ‘mas um curso de computadores ainda leva muito tempo a acabar. E depois? Será que arranjo um trabalho? Tenho estado há tanto tempo sem trabalhar’. Isto eram os meus receios. Quando um dia abri o ‘Correio da Manhã’ e vi que estavam a pedir pessoas para Inglaterra.

P 2: Patricia - (413:422)

2. No caso de Dora, as motivações foram: ganhar melhor, bastar-se a si própria, assumir as suas próprias responsabilidades, vencer por si mesma.



como já tinha 27 anos e precisava de uma motivação diferente que não encontrava na altura, de *sentir na pele a vida a meu cargo*, as minhas responsabilidades porque eu na altura vivia com os meus pais e eles ajudavam-me no que podiam, decidi vir. Como a empresa em que estava, estava às portas da falência, resolvi vir sem conhecer ninguém, sem família, sem nada.(...) Lá está a tal coisa: eu queria mostrar que era capaz porque tinha 27 anos e já não me achava nenhuma criança. Eu queria mostrar que era capaz de vencer por mim própria.

P14: Dora (129:138)

### 3. Gina e Angelina procuram trabalho mais bem remunerado, uma vida menos difícil:

A vida lá (na Madeira) tornava-se um bocadinho difícil, os ordenados eram baixos. Dois anos depois do 25 de Abril, parece impossível mas ainda ganhava 450\$00, casada, mãe de uma filha. O ordenado mínimo era 3.500\$00. Ganhava 450\$00 por mês. Falei com a minha patroa e ela deu-me um aumento, deu-me 1.200\$00, depois passou para o ordenado mínimo. Mudei então para o salão da minha cliente e aí o ordenado já era um pouco melhor, entretanto já tinha mais uma filha, *a vida era difícil*.

P15: Gina (67:80)

a família formou para vir para aqui porque aqui se ganhava mais e assim e assado. Disseram que a gente ia ganhar muito dinheiro, acho que era 60 libras a semana e o meu marido disse ‘olha vamos lá experimentar a vida, vamos lá experimentar a vida para ver se é melhor do que aqui’ mas a gente arrependeu-se.

P16: Angelina (113:118)

4. No caso de Júlia, depois de um divórcio e depois da procura infrutífera de emprego em Portugal, ir para o estrangeiro constituiu uma tentativa de ‘voltar a página’, de superar problemas emocionais e de iniciar uma vida nova. Estudar inglês e conseguir um diploma de um colégio britânico a fim de ficar melhor apetrechada para a vida, foi outro motivo. Enquanto se estuda, o trabalho como “au pair” supre as necessidades básicas de sobrevivência. Esta foi também a opção de outras mulheres.

eu tinha sido casada durante muitos anos, digamos 10 se bem que nos separássemos ao cabo de 8 e tinha muita dificuldade durante esses 2 anos em arranjar trabalho. Eu tinha estado 8 anos sem trabalhar não tinha quase prática de nada e *era muito difícil arranjar emprego*. Arranjei lições porque falava línguas mas, não sei, tinha também problemas emocionais...

A minha ideia era também estudar especialmente o inglês queria estudar e desenvolver o meu inglês e arranjar mais uns diplomas para depois talvez voltar a Portugal e arranjar uma situação já melhor com os conhecimentos adquiridos no estrangeiro. (...) estive numa família como “au pair” onde me tratavam muitíssimo bem...

P 3: Júlia (68:74) (77:82)

5. Antes de Abril de 1974, o regime antidemocrático e opressivo existente em Portugal forçou muitos portugueses a emigrar para o Reino Unido, assim como para outros países, a fim de encontrar no estrangeiro trabalho e liberdade de expressão dos seus ideais. Trabalhar no estrangeiro apresentava-se para algumas mulheres como a solução óbvia quando, por **razões políticas**, eram impedidas de exercer em Portugal a profissão que tinham escolhido e para a qual se tinham preparado. Fernanda está nessas circunstâncias.

Quando acabámos o curso fomos proibidos todavia de concorrer, de tomar posse de cargos públicos, o que de uma certa maneira, relativamente ao meu marido, se podia perceber naquele regime opressivo, porque ele tinha estado inclusivamente preso embora por pouco tempo e sem culpa formada. Relativamente a mim, nunca tinha tido problemas com a polícia.(...) Isso causou-nos um problema porque nós queríamos ambos seguir carreiras hospitalares. Como consequência disso, depois de várias peripécias, viemos para o estrangeiro. Viemos basicamente porque o meu marido teve uma bolsa da Gulbenkian para vir para cá fazer uma actividade, inicialmente mais médica (...) Nessa altura, eu estava grávida. Defendi a minha tese já grávida e *vim para cá com a intenção de trabalhar em medicina*. Viemos, no fundo, para podermos mudar de percurso e depois podermos trabalhar em Portugal noutra área de actividade que não fosse a medicina hospitalar. Portanto, viemos para aqui.

P13 Fernanda (630-646)

### 2.2.3 Emigrar por razões familiares

Assume-se geralmente que as razões económicas são o principal motivo que leva os portugueses a sair do país. No entanto, as narrativas mostram que as preocupações familiares e as expectativas educativas estão no centro de decisão de 11 das 17 entrevistadas. A necessidade de superar dificuldades familiares pode ser um motivo forte para emigrar.

O que leva as pessoas a estabelecerem-se no estrangeiro? Well, eu acredito que na sua maioria será a parte económica da vida, será dinheiro, embora eu veja que a vida dos portugueses em Portugal, de há uns anos para cá, está bastante enriquecida monetariamente. A gente vê pessoas lá... um casal cada um tem o seu carro, boas casas, tudo mais, vejo que o português está a enriquecer em questões de dinheiro, mas está a ficar cada vez mais pobre em questões pessoais. (...) Preocupa-se mais materialmente e não se preocupam tanto pessoalmente em saber, em querer saber...

P11: Florinda 11:53

1. Na sequência de um drama - a morte repentina da mãe emigrada em Inglaterra – Gina sai da Madeira, onde deixa duas filhas pequenas, e vem para Londres a fim de

substituir a mãe na educação dos 6 irmãos mais novos. Até que o pai volte a casar, Gina cuida dos irmãos e trabalha em Londres, separada das suas próprias filhas. Leia-se o seu relato comovente.

Um ano depois de a minha mãe estar cá, a minha mãe foi lá à Madeira de férias. A 29 de julho, veio de volta para Inglaterra porque lhe saiu um “flat” do “council” e tinha que estar cá porque senão perdia. Então veio no dia 29 de julho, fez a mudança no dia 30. Trouxe 5 filhos e ficou uma comigo, na Madeira. No dia em que fez a mudança, toda a noite trabalhou. Ela trabalhava no hospital de Westminster. De manhã foi trabalhar, não foi à cama, adormeceu no ‘bus’ e quando acordou já tinha passado a paragem, pôs-se de pé para saltar do autocarro, que era o 2, um daqueles antigos de porta aberta pensou que quando o autocarro parou nos sinais de trânsito, ela tinha tempo de saltar. Saltou, mas não deu tempo, caiu e aí ficou. Daí a minha vinda para aqui. Tinha 6 irmãos e a mais nova só tinha 8 anos. Seis crianças aqui, praticamente todos menores era muito difícil para o meu pai. Os meus pais tiveram 7 filhos comigo, eu sou a mais velha. *O meu pai estava cá, ficou viúvo com filhos menores e pediu-me ajuda*, para casa dele, para olhar pelos irmãos. Vim para casa do meu pai, fazer a vida de casa, cuidar da casa, deixei as minhas duas filhas lá com a minha sogra e vim para cá e só ao fim de um ano é que as minhas filhas vieram. Entretanto o meu pai casou, saí de casa dele, as minhas filhas vieram e eu passei a fazer a minha vida.

P15: Gina (83:104)

2. O desejo de salvar o casamento mudando de ambiente e a esperança de recomeçar noutra país, reconstruindo a relação longe das supostas causas da desagregação da família, foi motivo que levou duas das entrevistadas a sair de Portugal.

talvez se eu mudasse de ambiente com o meu marido, talvez as coisas melhorassem, eu conseguisse salvar, *eu conseguisse salvar o meu casamento*, eu conseguisse salvar alguma coisa porque aqui(em Inglaterra) não havia cafês, não havia amigos, não havia nada, eu pensei assim, ele vai, e vamo-nos estabelecer como uma família, vive mais para a família,

P11: Florinda (173:179)

Tendo (feito) uma escolha muito infeliz de marido e uma vida muito complicada nesse aspecto... Eu tinha pensado estupidamente, na minha inocência na altura, que mudando de país, talvez as coisas mudassem. O meu pai, na altura, tinha-me feito uma observação muito cheia de sabedoria que foi "Filha, tu queres ir para Inglaterra para ver se és mais feliz lá (mas)... a questão de mais felicidade não depende do local, depende das pessoas com quem estás"

P 4: Custódia (387:392)

3. O facto de se querer voltar “a andar de cabeça erguida” é razão suficientemente forte para sair do ambiente pequeno da vila e obter paz de espírito na distância. Vai-se

procurar encontrar no estrangeiro os meios necessários para ajudar economicamente a família e para recuperar a dignidade própria.

*Mas tive vários problemas familiares.* Tenho um irmão e ele teve um problema grande. Misturou-se com uns amigos ...Não roubou nada, mas (...) foi preso. Depois ele vendeu o meu enxoval para arranjar dinheiro. E eu chateei-me e pensei que não era vida para mim. Queria algo mais.(...) vim para cá porque realmente a minha família era uma família muito conhecida em (...) e eu envergonhava-me e a minha mãe também sofria muito e eu também sofria por causa do problema do meu irmão. E achei que a melhor maneira era realmente...Mas gostei sempre de andar de cabeça erguida e (...) pensei ir viver para o estrangeiro porque aí talvez eu pudesse ajudar a ele e à minha mãe. Assim como felizmente pude ajudar. E tudo passou. Foi...esse o motivo por que vim para cá.

P 5: Rita (190::212)

4. Evitar um clima de conflitos familiares e libertar-se igualmente, aos 19/20 anos, de proibições maternas excessivas foram as principais razões que levaram Luisa a sair de casa para Londres.

O que eu queria também era mais *sair de casa* porque às vezes tinha problemas, os meus pais tiveram problemas em Portugal...(...)Tinham muitas confusões quando estavam lá (...)de relação entre eles e eu não gostava. Não gostava então queria-me afastar. Sou daquelas pessoas que me metia no quarto, essas pessoas assim, sofria com isso e então *preferi sair desse sofrimento*. Mais também: nunca saía, a minha mãe não me deixava sair para as festas e para os bailes, era muito presa. Então decidi sair.

P 9: Luisa (94:112)

5. Algumas mulheres não tomaram propriamente a decisão de ir viver para fora de Portugal. Decidiram sim manter a família unida e isso levou-as a ter que acompanhar os maridos para Inglaterra. Conceição, Célia e Eva emigraram, assim, por motivos familiares, principalmente.

O meu marido já cá estava há 3 anos. (Em Portugal eu pensava)'Qual é a minha situação? Quer dizer, o pai vai para Inglaterra, eu aqui a trabalhar, os meus filhos aqui entregues à avó.' Não pode ser assim. Os filhos não foram feitos para ser entregues a outras pessoas. Nós é que temos de nos entregarmos a deles. Eu já não via os filhos, eles já não tinham a maneira de ser como quando estavam com a mãe e com o pai. (...)Eles sabiam que a mãe já não tinha tempo para eles, eles sabiam que a mãe já os entregava à avó, eles sabiam que a mãe já não descansava, não tinha domingos, não tinha dias nenhuns. Porque eu trabalhava aos sábados e domingos quando tinha feiras de ano. Eles sabiam que já faltava alguma coisa.

P10: Conceição (1049:1065)

Porque é que escolhi a Inglaterra? Foi o meu marido porque era o único país em que ele podia realmente ir para a universidade. Entao veio para Inglaterra...E aqui

automaticamente teve acesso á universidade e entrou imediatamente. Ele veio primeiro, talvez 2 meses antes de nós porque nós somos uma familia grande, somos 6, tenho 4 filhos. Não (foi por mim) porque eu era uma professora e hoje sou uma mulher da limpeza. Eu costumo dizer que eu sou uma portuguesa ao contrário dos outros portugueses...

P 1: Célia (46:55)

Eu vim para Inglaterra em 73. O meu filho tinha um ano e meio, eu cheguei em Dezembro, portanto vim em Dezembro de 73. (...) como havia aqui possibilidades de trabalho, (o meu marido) queria mudar a situação dele lá em Portugal e a gente sempre a pensar que realmente ia fazer isso. Ele veio primeiro (para Inglaterra), com os meus pais, e claro, foi difícil para ele pela razão do trabalho,

P 8: Eva (262:269)

#### **2.2.4 Emigrar por razões educativas**

Nalguns casos as razões familiares confundem-se com as educativas, na medida em que a educação dos filhos tem um peso consideravel na decisão de emigrar, ou melhor, na escolha do país de emigração.

1. Custódia aponta como ‘puramente familiar’ a razão que a levou para Londres, na qual a educação dos filhos no sistema britânico foi determinante.

portanto, a razão foi puramente familiar porque pensámos que seria uma boa ideia vir para cá (inglaterra) com as crianças pequenas e educá-las cá desde o princípio. Eles nunca chegaram a ir à escola em Portugal porque eram demasiado pequenos. A minha filha chegou a ir a um infantário mas não à escola propriamente. Não tinha idade para isso. E, portanto, foi puramente por razões familiares,

P 4: Custódia (380:385)

2. Patrícia compara o que conhece dos sistemas escolares português e britânico. A educação dos filhos não parece ser a sua primeira razão para emigrar, mas acrescenta peso à decisão de ir trabalhar para a Inglaterra.

De tudo, o que ela me falou de Inglaterra fascinou-me em relação à educação. Também tenho primos que vieram da África do Sul. E que vieram bem. Vieram com estudos e capacidades. E pessoas responsáveis. (...) Na África do Sul o sistema escolar é o mesmo. Portanto, ouço a minha amiga a falar e vejo os meus primos que chegam da África do Sul, e começo a ver... Isto é interessante porque nós aqui (em Portugal) não temos... Como trabalhei directamente na escola com estudantes, crianças a brigarem umas com as outras, sem respeito, sem educação, sem nada. ‘Não é bem isto que eu quero para os meus filhos’, pensei. E surgiu a oportunidade de eu vir para Inglaterra através do (anúncio no) ‘Correio da Manhã’. Surgiu a oportunidade de eu vir para Inglaterra.

P 2: Patrícia (425:435)

3. Aprender bem inglês é uma razão suficiente, principalmente se a isso aliarmos o desejo de ir mais além e a ambição de sair do meio provinciano de origem onde a possibilidade de progredir é escassa.

Então, eu disse-lhe ‘Padre Martins, o meu inglês é tão pobre!’ Porque eu fiz o Inglês do 5ºano, mas não estava feliz. O inglês não era bom. Penso que seria melhor vir ao país e ver, falar a língua. Pedi-lhe para ele me arranjar uma casa, onde eu poderia vir como “au pair”, para trabalhar. Não importa, eu fazia o que fizesse, mas queria trabalhar para aprender melhor o Inglês, para aperfeiçoar o Inglês. Embora eu soubesse gramática, mas a pronúncia era muito diferente. Deixei, portanto, o meu posto no colégio, deixei a escola, o ensino onde trabalhei durante 4 anos com a primária.(...) *Eu queria ir mais além.* (...) A minha decisão foi vir para Inglaterra para aprender Inglês. Porque eu quis sempre aprender línguas e não tive grande oportunidade em Portugal porque vivia em Montalegre, uma vilazinha pequena, muito modesta, muito bonita, muito boa, muito linda, mas *não havia recursos para eu aprender mais nada* na primária.

P 6: Carmo (113:126)

4. Lina preocupa-se com o seu progresso educativo: quer “aprender inglês e conhecer um pouco do mundo”. Para além de achar que, durante 2 anos, deve oferecer alguma coisa a si própria, Lina opta por fazer uma paragem na vida intensa de trabalho que tem em Portugal e valorizar-se no contacto com a cultura inglesa.

fiz o estágio para pessoas com dificuldades de aprendizagem,(...)passei e só me faltava a tese. Para escrever a tese tinha que ler imenso em inglês e o meu inglês não era nada bom, na altura era só eu e o meu filho que já tinha 15 anos, e ele ia ficar 2 anos com o pai e pensei que *era altura de fazer alguma coisa por mim própria, aprender inglês e conhecer um pouco do mundo* porque pouco ou nada tinha saído de Portugal. Pensei ‘vou estudar um pouco da cultura inglesa, aprender inglês, fico 2 anos, volto para o meu país, acabo a minha tese e depois concorro com habilitação completa’. Vim, mas depois houve outros acidentes de percurso que fizeram com que ficasse em Inglaterra.

P17: Lina (139:149)

5. A nível do ensino superior, Madalena sente-se insatisfeita com a falta de profissionalismo do que conhece do meio académico português do final dos anos 80. Em consequência, ambiciona frequentar um meio científico que seja reconhecido internacionalmente. A escolha recaiu em Inglaterra dado que aqui, o currículo do curso pretendido por Madalena era mais adequado aos seus objectivos de investigação.

finalmente consegui e parti (...) mas a minha partida não foi um ano de intercâmbio coisíssima nenhuma, para mim a minha partida foi, ‘Adeus.(...)porque aqui já eu

passai a experiência que não é ao nível que eu quero'. (...) na passagem por uma faculdade uma pessoa apercebe-se dos compadrios que existem, da falta de profissionalismo mais uma vez que também existe mesmo na própria comunidade científica, que eu questiono que na altura existisse uma comunidade científica. Massa crítica a produzir cientificamente não existia, quer dizer as pessoas lá por terem um curso superior em ciências não são cientistas, isto é uma das coisas que as pessoas não gostam de ouvir em Portugal. Para mim, cientista é uma pessoa que produz trabalhos científicos ao longo do ano e publica e publica, e é reconhecida internacionalmente ou pelo menos nacionalmente pelo trabalho que faz. Não, isso de andar a dar aulas de ciências na faculdade, para mim não é científico, é um professor académico com certeza, pode até ser catedrático, seja, mas é um académico, não é um cientista. E achava que havia muito poucos cientistas em Portugal e muito menos nas áreas que eu queria, portanto para ali não volto.(...) Portanto, saio, venho para a Inglaterra(...) e acho que a decisão de (optar pela Inglaterra)(...) foi uma condicionante curricular

P 7: Madalena (885:905)

### 2.3 Conclusões

1. Cada entrevistada teve razões de vária ordem para sair do país, umas mais remotas, outras mais próximas. De entre as razões remotas mais frequentemente encontradas, saliente-se:
  - Infância difícil, marcada por pobreza, por morte de um dos pais ou por violência doméstica;
  - Emigração anterior dos pais ou da própria entrevistada; exemplos de emigração recente de amigos ou de familiares;
  - Insatisfação generalizada causada por :
    - Dificuldades económicas e de alojamento resultantes de desemprego;
    - Dificuldade em obter um trabalho ou em seguir uma carreira adequada às expectativas e ambições pessoais;
    - Casamento infeliz; companheiro emocionalmente ausente e/ou violento; solidão;
    - Ambiente fechado a possibilidades de progresso educativo.

2. De entre as 17 mulheres entrevistadas, 13 tomaram elas próprias a decisão de emigrar. As razões identificadas com mais frequência e de forma mais imediata foram de carácter:
- Económico – encontrar trabalho mais bem remunerado; economizar para construir/comprar casa, montar negócio, etc.;
  - Familiar – salvar o casamento; ajudar familiares chegados; acompanhar o marido e manter a família unida; libertar-se de conflitos familiares ou de situações opressivas;
  - Educativo – aprender inglês; ir mais além no projecto educativo pessoal; dar mais possibilidades aos filhos.



### 3 OS PRIMEIROS TEMPOS

#### 3.1 A CHEGADA

Quase todas as entrevistadas mencionam espontaneamente o que aconteceu e o que sentiram quando chegaram a Inglaterra. Contam as impressões dos primeiros momentos e falam da sua surpresa, do contraste entre as expectativas e a realidade que vieram encontrar, do choque de culturas sentido, nalguns casos, logo no dia da chegada.

A diferença do clima e do aspecto do espaço ficou na memória de muitas. Algumas chegaram sozinhas e o isolamento, as dificuldades económicas e o facto de pouco conhecerem a língua tornaram mais difíceis esses primeiros tempos. A maior parte sentiu vontade de regressar a Portugal e algumas fizeram-no. O que as levou então a permanecer em Inglaterra ou a tentar uma segunda vez depois de ter, por algum tempo, voltado a Portugal?

##### 3.1.1 Em que condições chegam ?

Quase todas as entrevistadas, principalmente as que emigraram sozinhas, chegaram a Inglaterra com um contrato de trabalho ou com emprego e alojamento prometidos.

viemos de Portugal com um *contrato de trabalho como 'au pair'* a tomar conta de crianças, era uma agência que havia em Aveiro, para famílias que nem sequer conhecíamos que eram inglesas, *sem saber falar inglês* nem eu nem a minha amiga. As pessoas da aldeia diziam que as agências traziam as pessoas para 'sitios maus, para a prostituição, sabe como são as pessoas da aldeia? E às vezes acontece, mas neste caso não, são agências sérias e era para estudar e para trabalhar.

P 9: Luisa (124:146)

pensei em vir através de uma amiga minha que a irmã dela era freira. Arranjou-me, pediu à Madre, que precisava de raparigas para virem trabalhar para o hospital italiano. E fizeram-me o *'permit'* e o *contrato de trabalho* e eu vim para Inglaterra.

P 5: Rita (196:199)

cheguei ao aeroporto e não me deixavam entrar. Não... Na Alfândega ou como é... "Para onde vem?", "Eu venho para Inglaterra.", "Por quanto tempo?" E eu disse "Venho estudar.", "Estudar? E onde vai ficar?", "Olhe, eu *vou ficar em casa de uns srs.padres*". Duas horas depois deixaram-me entrar.

P 6: Carmo (147:152)

Fiz o meu CV. Escrevi uma carta. Disse... Eles estavam a precisar de pessoas para ir *trabalhar para um hotel* e eu pensei “Para um hotel? Mas eu não fico muito tempo num hotel porque eu não sou parva. Vou-me mexer para ir para outros lados. Isto é uma porta que se vai abrir. É uma porta.

P 2: Patricia (442:452)

O dia da chegada, bem presente na memória de todas, é recordado pelas dificuldades e preocupações que sentiram devido ao pouco dinheiro, ao quase desconhecimento da língua e ao facto de terem de enfrentar, quase sempre sós, a situação. A sensação de falta de apoio e de protecção é também frequentemente referida.

Lá vim eu no dia 24.1.1966. Eu “Ó meu Deus, o que é que eu vou encontrar? *Eu não conheço absolutamente ninguém.*” Mas vim preparada com dicionários debaixo do braço, Inglês-Português, Português-Inglês. Dicionários e, claro, pouquinho dinheiro. Eu não tinha... O bilhete estava pago. Que os padres me pagaram o bilhete. Mandaram-me o bilhete para lá. *Um bilhete simples.*

P 6: Carmo (129:136)

A única coisa que trazia era as minhas roupas. E tinha £50, o que me deu para pagar a viagem de Londres até à Ilha de (...). Fiquei com £2. Ainda fui beber um café. Eu estou a rir porque *vim mesmo com uma mão à frente e outra atrás.* (...) Cheguei (...) *sozinha. Não sabia onde é que estava...*

P 2: Patricia (495-499) (575)

Cheguei a 14 de Setembro de 94. *Senti-me muito perdida*, diga-se. Cheguei (à estação de) Victoria e sei que encontrei umas raparigas que nos perguntaram se queríamos alojamento. Nós estávamos sozinhos perdidos, sem conhecer ninguém. Sabia que uma das maneiras de me deslocar era pelo metro, muito mais fácil. Viemos parar a (...)um hotel destinado à juventude.(...) Estive lá 2 ou 3 noites e mais tarde (...)disseram-me que havia aqui a comunidade portuguesa e encontrámos uma pessoa que nos acolheu,(...) e que nos deixou ficar lá uns tempos até que arranjámos um quarto e isso foi para mim um choque. Viver num quarto. Cozinhar no quarto, ter que dividir a casa de banho com 10 ou mais pessoas. Havia espanhóis também mas eram essencialmente portugueses. Foi um choque para mim. Estava habituada a uma vida completamente diferente. *Aqui uma pessoa não tem onde se apoiar, não tem a quem recorrer...*Chorei nos primeiros dias, nos primeiros tempos chorei, chorei.

P14: Dora (147:179)

### 3.1.2 Como reagem à diferença do clima, do aspecto das cidades, da língua e dos costumes?

Quase sempre a reacção é de grande estranheza e de desilusão, dado o clima frequentemente frio e nublado e a ausência de referências familiares. O sonho do estrangeiro, a ilusão da existência de um mundo perfeito para lá da fronteira de Portugal, talvez contribua para criar, nos que chegam, a expectativa de uma cidade acolhedora e alegre.

Quando chegámos aqui *foi um pesadelo*. Vim para Londres, para Wimbledon. A primeira família com quem estive a viver era de chineses. A minha amiga ficou um bocado distante de mim, fora de Londres, com ingleses. Foi um bocado complicado porque não conhecíamos ninguém só víamos casas, olhávamos pela janela só casas, casas, prédios, não aparecia ninguém.

P 9: Luisa (136-141)

quando cheguei a Londres, fiquei muito... *muito chocada, fiquei muito desiludida*, porque eu imaginava as coisas de uma maneira diferente. Eu já tinha estado na Suíça e adorei a Suíça, achei um país lindissimo(...) East London e eu *achei aquele lugar tão deprimente, tão triste, tão frio*

P12: Clara (1053:1088)

naquele tempo, a senhora chegava aqui e *nunca via sol*, nem de verão nem de inverno.. era neve.. sempre aquele frio... porque o meu filho ia para a escola aqui em baixo... De manhã era aquela geada, quantas vezes eu bati com a traseira no chão, ficava toda negra... (...) Sei lá era o frio a neve, era neve que chegava a nascer erva por cima das casas porque criava aquele lodo que chegava a crescer ervas assim. *Muito triste a vida*, muito triste e depois sempre enevoado, sempre..

P16: Angelina. (164:278)

A diferença de costumes alimentares pode hoje, à distância de quase 40 anos, ser recordada com um sorriso.

E ela preparou para nós um bife com pão e uma chávena de chá. Ora eu que em minha casa comia um bife com sal e pimenta e não tomava chá ou café. Bebia era um copo de vinho com o bife. Um chá com leite e sem açúcar. Eu olho para aquela chávena de chá tão elegante, uma chávena vermelha bonita mas com chá com leite. Eu quase o estômago me ficava... Chá com leite! Eu nunca vi isto na minha vida! Nem açúcar. Eu gosto muito de açúcar no chá e no café. O bife não sal, não pimenta. Mas claro, eu, muito educada, não queria perguntar. Eles comiam, eu tive de comer aquilo. E assim se passou. Pronto. Lá fui dormir e muito bem. No dia seguinte a governanta chamou-me e eu “Ai meu Deus, onde estou eu?”; “Em Inglaterra.”, “É tudo tão diferente.”

P 6: Carmo (193:205)

A surpresa pode ser tão forte que é designada por “choque”. Esse choque surge ao nível dos comportamentos, de atitudes possivelmente preconceituosas e de diferenças culturais.

Chocou-me... Para já, quando cheguei cá, cheguei ao hospital italiano e uma das freiras veio ter comigo, pôs a água a correr na banheira e mandou-me ir tomar banho. E eu disse-lhe a ela que tinha tomado banho. E ela virou-se para mim e disse-me “Pois, a Maria também disse que tinha tomado banho.” Era uma portuguesa que vinha de Viseu e que trazia piolhos. E eu disse-lhe “Eu nunca tive piolhos.” Fiquei muito chocada por isso. No mesmo dia em que eu cheguei, eu vou a tomar banho, tomo banho e quando vou para me vestir, ela estava a revistar a minha mala. Fiquei chocadíssima porque eu sou católica e não pensava que uma freira me fizesse uma coisa dessas.(...) Fui uma vez passear com as raparigas italianas, que naquela altura só havia lá essa tal portuguesa e 5 italianas. E elas convidaram-me para ir passear à Oxford Street e eu fui, e um senhor caiu para o chão. E eu vou para ajudar o sr. (e eu não falava inglês) e uns srs., em inglês, disseram que não, que ele estava bêbado. E no fim ele tinha tido um ataque de coração. E eu achei as pessoas muito frias. E isso chocou-me muito porque não estava habituada a isso. Estava habituada a realmente ajudar os outros. E isso chocou-me muito. E depois comecei a ver várias coisas... Houve muita coisa... *Acho que tive um choque muito grande de cultura e de educação*, e isso chocou-me muito. E custou-me muito a adaptar à maneira realmente dos ingleses.

P 5: Rita (233:264)

O que faz com que estas mulheres permaneçam em Inglaterra apesar da desilusão, apesar das dificuldades e da tristeza motivada pelas saudades e pelo isolamento? Algumas razões são decisivas. A determinação de realizar os sonhos que as levaram a emigrar, a falta de meios para regressar a casa, a ‘teimosia’, a vergonha de admitir que se falhou, a crítica que, imaginam, as esperaria na terra de origem. Para além de chorar, sentem que não devem desistir, sentem que têm o dever de lutar e de esperar por melhores dias.

O meu sonho era vir e comprar uma casa, estar cá 3/4 anos, comprar uma casa e, depois, ia-me embora, viver com a minha mãe. Estou cá há 33 anos. Acho que já é muito tempo! (...) quando cá cheguei, também me choquei muito com determinadas coisas que vi no país. Pensei ir-me logo embora. Mas depois pensei... *O pouco dinheiro que tinha gastei-o na viagem*, gastei-o nas roupas. Depois já era mais difícil. E, então, fui ficando. Não estou arrependida.

P 5: Rita (200-229)

Nos primeiros meses ainda chorei, umas poucas de vezes ainda chorava. Queria voltar para Portugal. A minha amiga também aconteceu-lhe a mesma coisa. *Só que nós tínhamos vergonha*, claro, a gente comunicava pelo telefone, antes de sairmos ao fim de semana

P 9: Luisa (141-145)

quando lá cheguei tive vontade de voltar a casa outra vez, mas *eu sou um bocado teimosa*, também, e não sei, eu penso que tem que acontecer assim, porque quando a gente sente que deve fazer determinada coisa, vai e faz, não é, eu sou assim, vai e faz, pelo menos tenho um mínimo de força, de motivação para fazer, e eu não sentia. Eu queria ir embora, mas ao mesmo tempo (...) sentia na altura, eu devo ficar aqui e experimentar mais um bocadinho e então depois, vou, mas *não posso ir já*

P 12: Clara (1089-1097)

Não é fácil! Eu em Fevereiro estive para me ir embora. Eu sabia, se eu fosse-me embora, eu era condenada e criticada. Fevereiro do ano passado. Eu *ia ser condenada e criticada*. Não estou interessada nem preocupada com aquilo que as pessoas dizem.(...) Não é fácil! Mas também a gente chegar aqui, na 1ª oportunidade, no 1º fracasso, a gente virar as costas e ir embora, também não. Eu acho que a gente tem que esperar pelo dia de amanhã. Hoje não foi bom, talvez amanhã vá melhor. Se amanhã não for bom, talvez outro dia. *Temos que esperar*.

P10: Conceição (2014:2023)

quando chegamos aqui a gente pensava que era uma coisa e saiu outra. Disseram que a gente ia ganhar muito dinheiro, acho que era 60 libras a semana e o meu marido disse ‘olha vamos lá experimentar a vida (...) para ver se é melhor do que aqui’ mas *a gente arrependeu-se. Chorava eu e chorava o meu marido*. A minha cunhada que estava no Brasil vendeu a casa vendeu tudo e quando chegou aqui, esteve cá 9 meses e voltou para lá outra vez. Voltou para o Brasil.

P16: Angelina. (262:272)

Duas das entrevistadas, no entanto, afirmaram ter gostado de Inglaterra desde o primeiro momento. A sua surpresa foi, portanto, de carácter positivo e, em parte, determinou não só o prazer de viver no novo ambiente - como ambas sublinham – mas também a facilidade de adaptação à nova cultura. No futuro, ambas pensam continuar a viver em Inglaterra.

A minha adaptação foi ótima.(...) eu vim para Londres pela primeira vez no dia 5 de Novembro de 78, e quando cheguei a Londres, encontrei um dia lindíssimo, brilhante, mais lindo que eu tinha deixado em Portugal, estava um sol excelente, e eu apanhei uma grande surpresa, ‘mas afinal, isto é que é Londres? eu devo estar na cidade errada’, porque, por aquilo que eu estudava, Londres tinha que ser escuro, cheio de nevoeiro, de nuvens, e eu vejo o céu tão azul, o sol tão brilhante em Novembro, eu não deixei isso lá para trás? É estranho! Portanto tive uma boa surpresa, eu talvez acho que tenha captado *o prazer de estar nesta cidade*, porque eu gosto de estar cá,

P11: Florinda (312:327)

Quando eu vim era, foi um Inverno muito frio, houve muita neve, muita neve, muita neve. Foi em 62, houve muita, muita neve e eu vivia em H(...), que é sempre um sítio muito bonito. Vivíamos numa casa muito pequenina e, um dia, ia a empurrar o carrinho com a minha filha com muita dificuldade, na neve e, de repente, olhei para a rua, olhei para as árvores, olhei para o que era o princípio do parque à distância e *senti uma coisa como se me tivesse apaixonado*. Eu gosto imenso de Londres. Gosto

imenso, imenso, imenso de Londres. Acho um sítio absolutamente maravilhoso e é uma cidade divertidíssima

P13: Fernanda (304:312)

## 3.2 OS PRIMEIROS TEMPOS

Nos primeiros tempos, as dificuldades com as separações, o trabalho, o alojamento e com as crianças são as mais prementes.

### 3.2.1 Separações

Emigrar significa também separar-se. Para muitas das entrevistadas, os primeiros tempos de Inglaterra são ensombrados pelas separações a que a saída de Portugal as obrigou e que tornam mais difícil o primeiro esforço de adaptação. Deixar os pais e demais familiares é doloroso, mas é estar fisicamente longe dos filhos que mais afecta e perturba as mulheres. A separação dos filhos ocorre quase sempre nos primeiros tempos de emigração e é motivada pelas preocupações e dificuldades em assegurar as condições básicas de subsistência e de alojamento no novo ambiente. Em Portugal, as crianças ficam frequentemente à guarda das avós.

E deixei os meus filhos. As minhas filhas ficaram com a minha mãe e o meu filho ficou com a minha sogra. Portanto, dividi a família e nós viemos para cá. Começámos, então, tudo de novo.

nesta altura, tenho (comigo)2 filhos. (...) o meu marido que foi para Portugal em Dezembro de 1999, veio de férias em Julho de 2000 e pediu-me para levar uma das crianças. Na altura, a mais pequenina... Ele estava a viver com outra rapariga.(...) E o que eu pensei foi que a criança que se iria adaptar melhor ao casal seria a bebé. E na altura *eu precisava de ajuda*. Ela tinha 1 ano de idade. A (...) já estava num infantário. A (...) já andava na escola. A minha preocupação era aquela menina. Aqui é que eu preciso de ajuda. É pequenina, vai sentir a falta da mãe mas é quem se vai adaptar mais depressa. Tinha essa facilidade. Ela faz anos em Fevereiro. Com 17 meses. Eu ao fim de um mês tive que ir lá. Estava cheia de saudades dela. Estava cheia de saudades dela. Ainda estava indecisa se ela lá ficaria. Ela está feliz, está bem. Está a ser bem tratada. E regresssei de Portugal com os outros 3 filhos, sem trabalho. Mas pronto.

P 2: Patricia (499:502) (988:1002)

eu vim em Dezembro e trouxe só o meu filho mais velho, que tinha quatro anos e meio e deixei lá o pequenino, que me custou imenso. *Com a minha sogra. O [pequenino] ficou lá e foi horrível. Eu não pensava noutra coisa que era o meu filho.*

P 8: Eva (274:282)

Quando cheguei cá o que mais me fazia falta era a minha mãe que eu não tinha e o que sentia mais era a falta das minhas filhas, (...) O meu marido veio comigo e *as minhas filhas ficaram com a minha sogra. Levei quase um ano para as poder trazer. Não parece muito tempo, mas para mim foi muito.*

P15: Gina (112:113) (155:157)

Separar-se dos irmãos e dos amigos ou mesmo estar longe da sua terra, dos lugares preferidos é igualmente causa de grande sofrimento.

A maior decisão da minha vida foi deixar Portugal. Não há dúvida nenhuma que me custou imenso deixar Portugal.(...) *custou imenso*, imenso e nos primeiros tempos em que cá estive, tive que realmente que agarrar-me às coisas para não ir de volta. Agarrei-me fisicamente às portas e ‘fico aqui e fico mesmo’ porque não via futuro em Portugal, não havia trabalho. Tinha lá a família toda, tinha a minha irmã viva, o meu irmão, o outro irmão, a sobrinha (...)a outra sobrinha que tinha filhos. Aqui não conhecia ninguém,

P 3: Júlia (289:299)

Embora tivesse os meus pobres momentos também, ou tristes... Imagine. Eu vim de uma família tão modesta mas muito amiga, muito unânime. E deixar os irmãos e as irmãs. Mas eu escrevia para lá quase todos os dias. E de vez em quando telefonava mas naqueles dias os telefonemas eram caros. E também tive *muitas lágrimas* no meu quarto

P 6: Carmo (764:769)

Mas foi um bocado difícil, especialmente porque eu fui sempre muito agarrada à minha terra. E *custou muito deixar a minha terra.*

P 5: Rita (223:225)

aos fins de semana passeávamos pela cidade, tentávamos conhecer o mais possível da cidade para aliviar um bocadinho do ‘stress’ de uma semana de trabalho. Mas é muito diferente, *sem amigos*. Tínhamos mas eram poucos, gente completamente diferente. Era um ambiente estranho, *muito estranho*.

P14: Dora (189:194).

### 3.2.2 O trabalho

Todas as entrevistadas que tomaram a decisão de vir sós para Inglaterra, chegaram com um contrato de trabalho ou tinham uma promessa de emprego. Apesar disso, em face de um meio novo e desconhecido e perante a falta de uma estrutura protectora, familiar ou outra, sentiram-se numa situação de fragilidade, isolamento e dependência.

Patrícia chega a Inglaterra através de uma agência de mão-de-obra para trabalhar num hotel. Os pormenores relatados por ela permitem-nos perceber melhor por que razão hoje considera ter sido explorada nesse primeiro emprego. Saliente-se que a situação de exploração a que alude não é rara.

‘Estou a ser explorada aqui’ (...)Eu estava a trabalhar como camareira, a limpar quartos, da parte da manhã. Entrava às 8.30h, saía à 1.30h. E depois à noite ia trabalhar no restaurante. Portanto, não tinha (...) a minha área de trabalho. Ajudava todos, acabava por ajudar o dobro do que era suposto trabalhar. Tal com eu disse há pouco, sou perfeccionista. Gosto de ser perfeccionista.(...) estava a limpar os quartos de manhã, e a servir à mesa à noite. Mas não tinha o meu espaço. Ajudava todos e então trabalhava o dobro. E ganhava £100 por semana. £100/semana. Trabalhava cerca de 45 horas por semana. Não pagava quarto mas as condições que eu tinha no meu quarto não eram muitas. Tinha uma cama pequenina, um armário onde cabiam 4 casacos, uma televisãozinha e uma casa de banho que me chegava. A alimentação... Se servisse pequenos-almoços, tinha direito a tomar o pequeno-almoço. Se não servisse pequenos-almoços, não tinha direito. Se trabalhasse, tinha direito a comer. Se não trabalhasse, não tinha direito a comer. Com £100/semana, a ter que mandar dinheiro para Portugal para os meus filhos... O pequeno-almoço das ‘chamber-maids’ eram 2/3 torradas e um copo de café. Depois teria o jantar. Teria à noite de trabalhar. E o jantar... Não sei se já soube de alguma história mas aqui em Inglaterra é muito engraçado. (...) Aquilo que eles querem que nós comamos, é aquilo que nós comemos. Não há assim muita escolha. 1º serve-se o cliente e os restos ficam para nós. Portanto, nós comemos os restos.(...) é horrível! (...)Eu sei que eu perdi bastante peso. Emagreci mesmo imenso. Trabalhava muito e se queria comer alguma coisa de jeito tinha que ser eu a comprar. Não podia cozinhar. Aliás, os frigoríficos... Ficava tudo trancado. Tudo com trancas. Na minha situação estavam outras pessoas.

P 2: Patricia (590:627)

Noutros casos, o emprego é encarado com uma libertação e uma valorização. Obviamente esse aspecto pode estar relacionado com a natureza do trabalho e com o prestígio que lhe é atribuído.

Depois felizmente, arranjei com bastante rapidez o emprego na (...), embora na altura, no princípio fosse em part-time. Porque eu não podia também mais tempo por



causa dos miúdos e tudo. Mas passou a ser, enfim, a minha libertação, não é? Pelo menos enquanto eu estava lá. Mas dava-me aqueles outros horizontes...

P 4: Custódia (425:430)

No caso de Célia, o trabalho de limpeza constituiu um modo de lutar contra a depressão causada pelo choque da mudança e pelo isolamento.

eu necessitava de ter que sair de casa porque os meus primeiros 3 meses eu entrei numa depressão tão grande, tão grande, que eu engordei cerca de 38 quilos.. foi muito em 3 meses. A minha vida mudou completamente, mas eu pensava: “se as outras pessoas conseguem, porque é que eu não hei-de conseguir?”.

P1 Célia (82:87)

Nos anos 60 e 70 e antes da entrada do Reino Unido na União Europeia, o controle da imigração e do trabalho de cidadãos estrangeiros obedecia a regras severas. Uma delas só permitia a entrada no país a quem fosse detentor de um ‘permit’, ou seja, uma licença para trabalhar no ramo laboral para o qual existisse, na altura, necessidade de trabalhadores – quase sempre o trabalho doméstico. Rita, que entrou em Inglaterra em 1969, explicou em que consistia o ‘permit’ e o ‘livro verde’.

nós precisávamos do ‘permit’, precisávamos do livro da polícia e de ordem do ‘Home Office’ para estarmos a trabalhar. Todos os anos tínhamos que ir lá carimbar. E durante 4 anos tínhamos que ser domésticas, (se fosse essa a natureza do) ‘permit’. Ao fim de 4 anos, eles davam-nos o livro (verde) e já podíamos trabalhar em todo o lado, em qualquer parte de Inglaterra e em qualquer ramo. Mas até aos 4 anos, tínhamos que trabalhar só no ramo do ‘permit’. (...) ao fim de 8 dias de cá estarmos, tínhamos que ir à polícia com os documentos, com o contrato de trabalho, a carta de chamada, (...) e o ‘permit’ de trabalho. E eles registaram a direcção, o meu nome, e punham o carimbo e todos os anos nós tínhamos que ir ao ‘Home Office’ renovar o ‘permit’. E se mudássemos de direcção tínhamos (que informar e) andar sempre com essa carta, com esse livro verde, que era um género de cartão de identidade. Ao fim de 4 anos já não era preciso... Ao fim de 4 anos já não se precisava de ir ao ‘Home Office’. Vai-se só lá e eles dão-nos os papéis como somos livres, cidadãos livres em Inglaterra. Podemos trabalhar em qualquer género de trabalho e não precisamos mais do livro da polícia.

P 5: Rita (80:103)

### **3.2.3 A guarda dos filhos pequenos**

Relacionada com o emprego, está a dificuldade com o cuidado e guarda dos filhos pequenos durante as horas em que a mãe trabalha. Enquanto em Portugal existe quase sempre uma estrutura familiar que apoia a mãe nesta situação, em Inglaterra a mulher

encontra-se mais uma vez sozinha. A inexistência de creches torna a questão mais difícil.

os primeiros tempos de vida aqui? Muito difíceis! Muito difíceis! Foram muito, muito difíceis! Em 1º lugar, de grande choque na medida em que eu pensava que as coisas eram muito diferentes cá. Em relação a Portugal, eu achei, nesse aspecto de apoio à família e tudo, que lá *em Portugal tinha muito mais apoio* por causa da possibilidade de se ter ajuda de mulheres-a-dias, de criadas, de família, de amigas se fosse preciso. Enquanto que aqui estava sozinha, era a lutar por tudo. E como não tinha o apoio do marido porque ele era como era. Uma pessoa excessivamente egoísta e... Bom, não interessa(...) Eu tinha que estar sozinha sempre em tudo. Foi muito difícil! Foi muito, muito, muito difícil!

P 4: Custódia (411:425)

eu trabalhava no hospital durante o dia e o meu marido trabalhava à noite. Portanto (o mais velhinho) ia para a escola, às vezes ia sozinho, porque eu não o podia ir levar... com cinco anos... e era uma lonjura, foi um bocadinho crueldade, a gente não pensou... *tivemos muita sorte de não acontecer nada às crianças*. E o meu marido ficava a tomar conta do mais novo (que tinha 2 anos), a dormir, porque ele trabalhava de noite e não podia... então, ele punha-se em cima do pai, e puxava-lhe os cabelos, e acorda, e não sei quê, e depois ia para o chuveiro e lavava a roupa do irmão com champô, e o pai a dormir.

P 8: Eva (282:310)

uma das coisas que eu acho que está muito mal aqui (não sei como estará em Londres, disseram-me que é um pouco diferente...) mesmo para as mulheres inglesas, é muito difícil trabalhar quando se tem crianças pequenas porque *não existem creches por um dia*. Ou existe só da parte da manhã ou umas horas da parte da tarde.

P 1: Célia (76:95)

### 3.2.4 Alojamento

Quase sempre a mudança implica, nos primeiros tempos, constrangimentos relacionados com a falta alojamento ou com alojamento inadequado, principalmente quando se tem filhos. Essa situação é agravada pelo preço muito elevado da habitação em Inglaterra e pelo facto de muitos senhorios ingleses ainda hoje preferirem não alugar apartamentos a famílias com crianças. Devido a estas circunstâncias e ainda à dificuldade causada pelo desconhecimento da língua, muitas famílias recém-chegadas partilham apartamentos exíguos alugados por outros emigrantes portugueses que tendem a explorá-los.

vivíamos num quarto pequenino, numa cama "single" dormíamos eu da parte da parede e o meu ex-marido da parte de fora com a roupa entalada e o menino no meio. *Uma cama single para três pessoas!* Isto porque o meu pai, que também estava aqui a viver numa casa, tinha uma senhoria que não autorizava crianças. Quando a gente lá

ia, o meu pai ficava paranóico, porque a senhoria podia saber que havia crianças na casa e podia pô-los na rua. Então ele não nos consentia lá. E nós tínhamos que dormir os três numa cama assim... não dormíamos, praticamente, não é? Entretanto, a gente sempre a pesquisar por casas e encontrámos uma casa toda mobilada, que já nessa altura pagávamos 16 libras à semana. Isto já há vinte e tal anos. Praticamente era o meu ordenado para a renda. Mas eu queria era o menino (mais novo) cá e em Agosto o menino veio cá fazer os dois anos, (...) eu fui buscar o menino (a Portugal) e tínhamos beliches na sala, um dormia por baixo outro por cima,

P 8: Eva (282:3002)

Chegamos aqui e encontrámos uma situação que naquele tempo... sabe como é que era... *fomos dormir para um corredor... tapados com uma cortina*, porque a cama... *dormia-se os 3 na mesma cama*. O meu marido dormia na beira, eu dormia no meio e o meu filho dormia no canto. E caía. O meu filho caía para cima do meu marido, o meu marido caía por cima de mim.. e era assim...

P16: Angelina. (18:23)

Eu vim em finais de Agosto, estive até Dezembro em casa da minha irmã e a partir de Dezembro vim para aqui. Só que eu nesses 3 meses dava-me muito mal com o meu marido. Eu discutia, eu... Não é fácil! As pessoas pensam... Não é fácil uma pessoa vir de Portugal. Eu, por exemplo, lá em Portugal tinha carro, tinha casa. Eu não precisava de ninguém. Eu era independente. Aqui já não. Aqui já não sou independente como era lá em Portugal. Independente! Aqui já tenho que cortar, não é? Não tenho carro, não tenho casa. A casa é pequenina. A minha casa lá era grande, cada um tinha a sua caminha, cada um tinha... Vá, 2 dormiam num quarto, um dormia num, outro dormia noutra. Quer dizer, a casa era melhor, era maior, pronto. Não é fácil uma pessoa largar isso e vir para aqui. Eu sofri aqui muito, ao princípio. Sofri muito. Tanto que eu tentei jogar-me da janela abaixo quando eu comecei a ficar doente. Ali da janela da cozinha. Eu tentei... Eu tratava mal o meu marido. O meu marido sempre muito calado. Sempre a ouvir e calava-se.

P10: Conceição (1114:1117) (1999:2013)

### 3.2.5 Isolamento

A ausência de amigos e a dificuldade em comunicar, dado o relativo desconhecimento da língua, pode levar ao isolamento forçado e conseqüentemente a estados de grande tristeza, mesmo quando se é forte e tenaz.

Foi muito difícil porque primeiro eu não sabia falar Inglês, ainda hoje não sei e nessa altura muito menos. Era muito difícil, foi muito duro, não havia tanto português como há hoje. Era mais tranquilo nessa altura. Difícil porque a gente não entendia: era trabalho casa, da casa para o trabalho, não falava com ninguém. Quando ia para o trabalho, em frente à paragem do autocarro havia uma casa que era de portugueses e à hora que eu ia, devia estar alguém em casa, estava sempre um rádio a tocar, não sei se era de cassettes, sei que geralmente era fados e eu gosto muito de fado e o fado diz-me sempre qualquer coisa. Ou tocava-me por causa da mãe ou tocava-me por causa das filhas, ou por causa da sogra que estava longe, o fado dizia-me sempre qualquer

coisa. Então parava debaixo da janela dessa casa, ouvia o fado, chorava, *limpava as lágrimas, atravessava a estrada, ia para o outro lado, tomava o 'bus' e ia-me embora para o trabalho.* Foi muito duro,

P15: Gina (117:132)

eu cheguei a Londres e não encontrei esperança, perspectivas, sentia-me sozinha e nessa altura possivelmente já essa... essa situação aliada à situação de já vir com dificuldades de Portugal, dificuldades interiores, certos conflitos, explicam que eu tivesse *um esgotamento nervoso*, e a partir daí, claro que foi um tempo muito difícil, não gostava de repetir, na altura eu compreendi o que era o inferno (...) uma das vizinhas também tinha tido os mesmos problemas e ajudou-me. Outra coisa que me ajudou bastante foi uns livros que eu encontrei na biblioteca. Eu sentia-me mal mas não sabia muito bem o que é que se estava a passar comigo. Fui a um médico naturista, (...) disse-me que eu tinha (...) *psychological stress related to fear and swallowing emotion*, (...) porque eu não tinha ninguém com quem desabafar, eu ia metendo cá para dentro e depois às tantas já não conseguia, não é, porque a pessoa tem um limite

P12: Clara (1250:1300)

ela cá (em Inglaterra) já tinha apanhado uma desilusão. Os primeiros padrões que ela teve foram para França passar férias e deixaram-na lá, em França, deixaram-na sozinha em Paris, foram-se embora enquanto ela foi à rua comprar uma lembrança. Ela depois foi ao consulado de Portugal em Paris e veio para Londres.(...) e ela ficou com medo, esteve muito mal até na minha casa em estado de choque. Ela apanhou medo e não quis voltar para eles, porque assim como a abandonaram podiam-lhe ter feito outra coisa. Ela *veio em estado de choque e ainda ficou uns dias na cama*. Eram ingleses de fora de Londres, acho que o homem era taxista, não me lembro bem. Uns dias mais tarde fui com ela a casa desses ingleses buscar as coisas todas dela e ela ficou a trabalhar para as pessoas da agência que gostavam muito dela (...) Então ela ficou em Portugal.

P 9: Luisa (194:207)

O isolamento e a solidão que Lina sofre a princípio no ambiente de trabalho em Inglaterra devem-se ao facto de ela incorporar várias diferenças evidentes, uma das quais, mas não a mais importante no caso em questão, a de ser estrangeira.

Só me senti verdadeiramente infeliz, verdadeiramente infeliz em Londres. Às vezes punha-me a pensar que se calhar Deus ou o destino quis que eu viesse para Londres, para eu saber o que é estar sozinha, verdadeiramente sozinha e sofrer, mesmo sofrer. Por exemplo, fui muito humilhada num dos empregos que tive porque era a única pessoa branca na escola, era uma escola privada, mas a dona era de côr e as empregadas também, desde a cozinheira. Ninguém tinha qualificações para ensinar eu era a única pessoa com qualificações e exactamente por causa dos miúdos gostarem de mim, correrem para mim, sofri muito aí. Lembro-me de uma tarde, estava sentada a uma mesa, a fazer planos para o dia seguinte e uma das empregadas que estava a varrer, varreu o lixo para cima de mim. 'Porque é que não me pediu para me desviar

que eu estava distraída?’. ‘I’m not talking to you, am I?’ (Não estou a falar consigo, pois não?) foi a resposta. Foi duma humilhação, pior que pode imaginar, humilhações que eu nunca timha tido na minha via.(...) Na escola, como professora, sempre fui muito feliz em Portugal. *Sufrimento, realmente sofrimento verdadeiro, só senti aqui.*

P17: Lina. (459:481)

### 3.2.6 Balanço

No entanto, quando agora fazem o balanço das experiências dos primeiros meses/anos e do sofrimento que essas vivências provocaram, muitas entrevistadas encararam esse período não como um tempo infeliz que é preferível esquecer, mas como um tempo de valorização, um processo de aprendizagem que as enriqueceu. O estar fora do seu meio envolvente, a transplantação para um outro país traz consigo a consciência da diferença, provoca na pessoa a interrogação, o diálogo e a mudança.

mas agora, de certa maneira quando olho para trás, não acho que isso tenha... foi um tempo difícil, sim, mas sinto que foi uma situação que me ensinou muitas coisas, eu *aprendi muito acerca de mim, acerca da vida*, penso que foi uma lição muito grande para mim também, porque tive que começar praticamente de nada e tentar ultrapassar e procurar-me a mim própria. E então a partir daí foi um processo de aprendizagem.

P12: Clara (1249:1254)

### 3.3 Conclusões

1. Todas as entrevistadas entraram em Inglaterra com um contrato de trabalho, ou com uma ocupação definida, exceptuando-se as que emigraram apenas para acompanhar o cônjuge. À **chegada**, as dificuldades mais sentidas foram a falta de dinheiro, a língua e o isolamento. Algumas referem uma sensação de choque provocada por aspectos tão diversos como o clima frio e nublado e as diferenças culturais manifestadas desde as atitudes “frias” dos ingleses até aos costumes alimentares. Este choque é referido com maior intensidade pelas mulheres que emigraram há 30 anos ou mais.
2. Razões apontadas para permanecer em Inglaterra apesar das primeiras desilusões:
  - Determinação em realizar os sonhos pelos quais se deixou Portugal; “teimosia”.
  - Falta de meios para regressar; falta de dinheiro.

- Receio da crítica dos pares em Portugal; vergonha por ter falhado.
  - Esperança em melhores dias.
3. As dificuldades maiores dos **primeiros tempos** estão relacionadas com:
- Separações – dos filhos, as mais dolorosas, que foram deixados ao cuidado de avós ou de tias. Separações dos pais, dos amigos e dos lugares queridos.
  - Trabalho - em situação de fragilidade, isolamento e dependência, aspectos esses motivados pelo pouco conhecimento da língua, das leis e do meio. O 1º trabalho foi para grande parte das entrevistadas o trabalho doméstico.
  - A guarda dos filhos pequenos enquanto a mãe trabalha - por ausência, na sociedade receptora, de uma rede de creches e de uma estrutura familiar que apoie.
  - Alojamento - em espaços exíguos ou partilhados por outras famílias, motivado pelo preço elevadíssimo da habitação em Inglaterra e pela dificuldade em a obter.
  - Isolamento – provocado pelo desenraizamento, pelo, por vezes, reduzido conhecimento da língua e pelo choque de comportamentos culturais diferentes. O isolamento conduz a estados de tristeza e saudade, períodos de depressão e de stress emocional e psicológico.
4. Apesar das dificuldades e sofrimentos apontados, os primeiros tempos de vida em Inglaterra são avaliados por cada entrevistada de forma positiva, como um tempo de confronto consigo própria, de medição das próprias forças e capacidade de resistência, de superação e de enriquecimento.

## **4 A RECONSTRUÇÃO DO DIA A DIA**

### **4.1 Trabalho**

Em cada uma das narrativas, o trabalho foi o aspecto mais significativo para a reconstrução da vida no país de emigração. Como já vimos, a razão económica - a procura de trabalho bem remunerado - começou por ser a razão mais invocada pelas entrevistadas para sair de Portugal. O trabalho encontrava-se portanto no fulcro dos interesses destas mulheres. Das 17 entrevistadas, 13 estavam a trabalhar ao fim do primeiro mês passado em Inglaterra. Dessas 13 mulheres, 7 chegaram já com um emprego ou com um contrato de trabalho. Em 2002, na altura em que as entrevistas foram gravadas, todas estas mulheres tinham pelo menos uma ocupação remunerada, com excepção de 3 aposentadas, 2 das quais recebendo pensões de companhias inglesas. Todas elas, portanto, desempenharam consistentemente, pelo menos uma ocupação remunerada. Para todas elas, inequivocamente, o seu trabalho é a sua fonte de subsistência. Das 17 participantes nesta investigação, poder-se-á dizer que 15 pertencem claramente à classe trabalhadora.

#### **4.1.1 Trabalhos domésticos**

Do total de entrevistadas, 12 ocuparam-se ou ocupam-se em trabalhos domésticos quer seja em hospitais, hotéis, restaurantes ou casas particulares. É também o tipo de trabalho de recrutamento fácil e o que não exige nem treino nem capacidades específicas ou conhecimentos linguísticos. Ao trabalho de limpeza estão, no entanto, associados conceitos de desvalorização. Vários autores sugerem que tanto o trabalho doméstico pago, como o não pago, é geralmente olhado como desvalorizante. Um certo estigma está associado às pessoas que trabalham em limpeza de hotéis, hospitais e casas privadas (Sanjek e Colen, 1990).

No caso de Célia é bem patente o esforço para se reconciliar com o nível modesto do trabalho de limpeza e com a falta de estatuto que lhe está associado. Célia sofre a princípio com o que considera ser uma inferiorização, um regredir na vida, uma vez que tinha em Portugal um trabalho diferenciado. O que acha compensador nesse

trabalho é o facto de este lhe oferecer capacidade de sobrevivência para si própria e para os filhos.

Mas quando comecei, não gostei é lógico; andava a limpar o chão e punha-me a pensar “andei eu a estudar tantos anos para andar aqui a lavar o chão” e ficava muito deprimida. Tanto que tive de tomar anti-depressivos, o Prozac durante 2 ou 3 anos. Mas de repente pensei ”Não (...) eu devo-me sentir orgulhosa daquilo que eu estou a fazer porque isto prova que eu consigo sobreviver não interessa onde”. (...) “desde que eu esteja a fazer seja o que for mas que seja um trabalho honesto, eu consigo sobreviver, consigo que os meus filhos sobrevivam. E eu não me devo sentir inferiorizada mas sim enaltecida porque eu consigo” e então agora já vejo as coisas de outra maneira, já estou mais contente.

P 1: Célia (401::416)

No Reino Unido, os trabalhos domésticos e de limpeza são geralmente desempenhados por imigrantes, essencialmente mulheres. São precisamente os pior remunerados, obrigando algumas das entrevistadas a procurar ter simultaneamente vários empregos, a fim de poder fazer face ao custo de vida e conseguir ainda amearhar. Nos trabalhos de limpeza ganham pouco, mas a multiplicidade de horas de trabalho permite-lhes criar os filhos e atingir as metas económicas que as trouxeram para Inglaterra.

Rita ilustra bem esta situação. De manhã e à noite (antes das 9:00 e depois das 5:00), trabalha como encarregada de uma firma de limpeza de escritórios; durante o resto do dia é empregada doméstica em várias casas. Continua a trabalhar neste ritmo mesmo depois de os filhos estarem criados e até regressar a Portugal.

ao mesmo tempo, era ‘supervisor’ nuns escritórios de manhã e à noite, nos escritórios dos advogados em Londres.(...)Tinha 33 ‘cleaners’ a meu cargo. Durante o dia trabalhava nas casas particulares, a fazer limpezas, a fazer tudo o que era preciso. Depois tinha várias casas. Quando a minha filha começou a ir para a ‘nursery’, eu arranjei trabalho de ‘housekeeper’ na casa de uma baronesa. E estive lá até há dois anos atrás, quando ela foi para o sul de África. Também fui ao sul de África porque ela queria-me levar, queria levar a família, mas não gostei. Não gostei do sul de África e, então, estive lá só um mês e vim-me embora. *E continua a minha vida assim, a trabalhar até me ir embora.*

P 5: Rita (139:147)

A situação de Eva é outro exemplo da necessidade de ter múltiplos empregos em trabalhos domésticos. Foi o único processo que encontrou que lhe permitiu criar dois filhos e comprar casa em Portugal.



Eu criei os meus filhos sozinha. O meu pai deu-me um terreno (em Portugal) no qual eu fiz uma casa, *paguei a casa sozinha e sustentava os filhos a trabalhar de noite e de dia*, (...) trabalhava das seis da manhã às três da tarde no hospital e depois ia fazer apartamentos de árabes que me pagavam também bastante bem à hora e o meu filho entretanto já tinha sete ou oito anos, pronto, depois as coisas foram desenvolvendo

P 8: Eva (339:346)

trabalhava-se part time, e quando o meu marido era vivo a gente tinha 3 trabalhos, eu tinha dois, a gente ia fazer uns ‘ofícios’(limpar escritórios) atrás da policia, ali para Piccadilly. Depois vinha-se fazer o full-time a Saint Thomas (o hospital) depois o meu marido vinha-me pôr a casa às 4hs (...)e eu ia fazer o jantar e cuidar do filho e ele ia fazer mais uns ‘ofícios’ ali atrás num colégio atrás de Piccadilly. Era assim a vida da gente.

P16: Angelina (471:483)

O trabalho doméstico caracteriza-se por uma grande solidão no local de trabalho, quer em casas particulares, quer em escritórios. Até mesmo nos hotéis, as empregadas de quarto trabalham sozinhas nos pisos que lhes estão destinados. Esse isolamento torna a situação mais difícil e triste.

mas já estava tão farta de limpezas, estava tão farta de limpezas que eu já não aguentava... e não era só a limpeza, vamos ver. Era eu estar sozinha, na casa que eu andava a limpar e andava todo o dia a conversar comigo.(...)sozinha, todo o dia sozinha ali, e converso e desconverso... falo sozinha, falo na minha cabeça, pronto, eu não tenho problema nenhum em limpar, até hoje faço,

P 8: Eva (830:839)

No entanto, o trabalho doméstico desempenhado em casas particulares tem a vantagem de permitir às mães levar os filhos consigo para o local de trabalho. A escassez de creches em Inglaterra acarreta uma grande sobrecarga de tarefas e preocupações para a mulher emigrante com filhos, principalmente durante a primeira infância destes. Algumas mulheres, nessas circunstâncias, são forçadas a deixar os empregos que tinham fora de casa ou passam a trabalhar a dias sempre que as suas patroas são flexíveis e as autorizam a levar os filhos consigo.

Rita, como tantas outras portuguesas, viveu esta situação. Depois do nascimento de cada um dos filhos, tentou conciliar a sua vida de trabalho com a guarda, o cuidado e a educação das crianças. Nunca deixou de trabalhar, mas foi fazendo adaptações ou mudou de emprego. Assim, enquanto o filho era muito pequeno, confeccionava, em casa, roupas para uma fábrica; logo que a criança atingiu a idade para frequentar a

escola, Rita voltou ao trabalho na fábrica de confecções. Quando a segunda criança nasceu, tornou a deixar a fábrica. Finalmente optou por trabalhar a dias, já que o trabalho doméstico lhe permitia levar a filha com ela.

estive a trabalhar no alfaiate até o meu filho nascer, que foi um ano depois de eu ter casado. Casei em 75 e o meu filho nasceu no ano a seguir, em 76. E depois comecei a trabalhar em casa, de máquina de costura, até o meu filho ir para a escola. Quando ele teve idade de começar a ir para escola, fui trabalhar para dentro da 'factory', para onde eu trabalhava.(Antes)Fazia as saias em casa, roupa de senhora.(Era uma fábrica)de roupa de senhora. Fui trabalhar para a 'factory' mas a trabalhar como self-employed. Na 'factory' trabalhei 12 anos, até a minha filha nascer. Nasceu 11 anos depois do meu filho. Depois comecei a trabalhar como doméstica derivado a que não tinha ninguém para olhar pela minha filha. Para a levar para a 'factory' era muito difícil e trabalhar em casa já estava farta. Então comecei a levá-la comigo e a trabalhar como doméstica

P 5 Rita (116-138)

#### **4.1.2 A procura da realização pessoal**

São visíveis em várias entrevistadas os esforços para encontrar um trabalho diferente com o qual não só ganhem a vida, mas com que se sintam compensadas também em termos de realização pessoal.

Eva é exemplo dessa procura. Enquanto trabalhava em limpezas durante o dia, foi estudando à noite e completou um curso de formação para esteticista; montou, então, um gabinete de beleza junto de um salão de cabeleireira de outra portuguesa, no centro da cidade. O número de clientes, aquém do desejado, levou Eva a mudar de rumo e a decidir tentar algo de completamente diferente: tirar a carta de condução de pesados e conduzir autocarros no centro de Londres.

*E aquilo foi difícilimo, mas consegui.* E ainda andei a conduzir... puseram-me na rua no dia 24 de Dezembro, em Marble Arch, a fazer a rota do 7 e do 23. (...) Mas eu pensava que eu pudesse fazer isto também à noite, que uma coisa só não dava. O dinheiro era pouco, eu chegava a vir para casa com 200 libras na mão, e um trabalho daqueles...(...) É muito stress. Muito, muito stress. (...) eles treinam-nos com muita, muita perfeição para a gente não parar de repente, para não dar cabo dos espelhos dos outros carros, e eu tinha muita consciência disso, e então para mim era muito... e então eu andava nos autocarros, naqueles velhos, (...) naqueles que abertos atrás. Olhe, os meus braços, quando eu chegava à noite estava toda partida. (...) Pesadíssimos, (...) Mas o dinheiro não dava, e eu tinha horários partidos, começava às seis da manhã, vinha para casa às duas da tarde, ia outra vez às seis da tarde, até às dez da noite, quer dizer, horários partidos. Sábados e Domingos não ganhava... agora já pagam (...) Eu trazia para casa 40 horas, 200 Libras. Isto foi há uns 4 aninhos.

P8 Eva (810:860)

Neste momento, Eva trabalha numa firma de arquitectos e tem um trabalho variado de que gosta:

Mas um trabalho muito interessante: fazer as compras todos os dias para os almoços deles, que não é cozinhar, mas é só sanduíches e saladas, ordenar o "stationery", tomar conta da limpeza, ver se está tudo bem, contactar com as companhias da limpeza, pronto, tudo o que seja a ver com o escritório, se está tudo em ordem. Bem, mas aquilo não me dava. 4 horas. Pedi mais horas. pedi mais aumento. Eles nunca me quiseram deixar vir embora, e agora estou com full-time lá. Continuei e já estou lá há dois anos. Estou bastante contente, mas o dinheiro que eles pagam continua a ser um pouquinho baixo para a responsabilidade que eu tenho, porque tenho que fazer... organizar almoços para 65 pessoas todas as semanas...

P8 Eva (885:897)

Júlia tentou compensar a monotonia do trabalho de dactilógrafa durante o dia com as aulas de línguas que dava à noite. Para além disso, essas aulas particulares eram uma segunda fonte de rendimento.

não tinha só o trabalho de dia, tinha também lições particulares que dava à noite. O marido trabalhava na joalheria, não eramos ricos, mas estávamos muito bem.(...) eu trabalhei em variadíssimos escritórios Trabalhei muito para advogados ingleses, estive várias vezes em companhias de advogados, estive também numa companhia de petróleo,

P 3: Júlia (117:121) (149:160)

Nas narrativas de várias entrevistadas é notório o espírito de iniciativa, a preocupação de progredir e a procura de realização pessoal.

Casei-me no dia 31.8.1968. E estava aborrecida em casa porque eu *queria trabalhar mais*.(...) o meu marido trabalhava de engenharia em Londres e eu consegui arranjar um escritório... Eu escrevia à máquina muito bem porque tinha o curso de dactilografia também. Tirado na Escola Tecla do Porto. E, então, arranjei um lugar numa companhia que se chama (...) que exportam partes, peças mecânicas, para muitos lados. E quando exportavam para Angola eu fazia as traduções, claro. Do Português. Era um trabalho bastante difícil (...) Quando era Espanha ou Portugal, Angola, Moçambique, lá estava eu para as traduções. Então, trabalhei lá. Gostei. Gostaram também muito de mim. E depois tive que deixar porque estava de 5 meses grávida, para ter a minha 1ª filha. Íamos de carro todas as manhãs. E eu trabalhava lá desde as 9h às 5.30h da tarde.

P 6: Carmo (1120:1141)

Entretanto surgiu esta oportunidade. Um amigo do meu marido disse '(...) está aí um salão que era bom para a tua mulher'. Quando soube do preço fiquei um bocadinho assustada, não queria, mas depois com a força do meu marido também, metemo-nos a

isto e aqui estou. Já há 14 anos que tenho este salão. No princípio foi difícil porque é sempre difícil fazer uma casa, mas agora, graças a Deus já tenho a minha clientela. Meter-me aqui no salão também foi difícil porque no princípio não comprei, foi aluguer e era uma renda, na altura, por mês £ 1,100.00, era muito dinheiro. Agora já é meu.

P15: Gina (147:153) (189:192)

## 4.2 A família

Emigrar é ficar, pelo menos de início, suspenso numa espécie de terra de ninguém, é viver num espaço que não é o nosso, que não reconhecemos e onde não somos reconhecidos, que não é por conseguinte ‘real’ para nós. Tentamos viver dentro de estruturas que nalguns casos não compreendemos bem, que ainda não apropriámos. Todos aqueles que emigraram, sentiram-se já de algum modo marginais. Depois, a pouco e pouco, vão-se estabelecendo ligações, fazendo reconhecimentos, lançando amarras, assimilando a realidade, reagrupando a família ou construindo uma nova unidade. Desse modo, reconstitui-se o nosso mundo dentro da sociedade que nos acolheu.

Que processos foram utilizados por cada entrevistada para reconstruir a vida? Que esforços foi possível a cada uma desencadear para se ancorar à realidade?

### 4.2.1 “Eu fui buscar os meus filhos “

Logo que Patrícia, com a ajuda do marido, encontra um emprego estável e consegue alugar uma casa onde lhe é permitido ter crianças, traz de Portugal os 3 filhos. Consegue assim reagrupar a sua família e recomeçar.

Em Abril de 1998. (...) Comecei uma fase nova. Consegui depois arranjar outra casa. Uma casa só com um quarto em que eu disse ao ‘landlord’, ao senhorio, que tinha crianças em Portugal. Se ele se importaria que as crianças viessem. E ele disse que não punha obstáculo nenhum. Crianças... Há muitos senhorios que não querem nem crianças, nem animais, nem pessoas a receber benefícios, nas casas. E, então, ainda torna a situação um bocado mais difícil. Uma vez que ele me disse que não se importava com crianças, *eu fui buscar os meus filhos*. Trouxe os meus filhos para cá. Entretanto, já sabia mais ou menos dos benefícios que existiriam. Tratei dos papéis. Eles começaram a receber os benefícios. O Abono de Família (inglês) só recebi passado 9 meses. Mas depois veio com retroactivos. E como estava a trabalhar e o meu... marido estava comigo já na altura. Resolvemos voltar novamente. E estavam os filhos comigo. Estávamos a trabalhar os 2.

P 2: Patricia (738:762)

### 3.2.2. “Vimos para cá todos”

Trazer para junto de si irmãos, pais ou amigos pode ser uma maneira de reagir ao isolamento e, obviamente, uma maneira de reconstruir o seu mundo – conhecido e familiar - numa sociedade diferente.

Depois de estar aqui já com o meu filho, trouxe para cá a minha irmã já casada, viveram em Brixton (...) e *viemos para cá todos*. Todos estão bem, todos têm casa. Arranjou-se trabalho para eles, trabalharam, e também tiveram a casa do 'council', tiveram mais uma menina aqui, já tinham trazido uma menina com 6 anos e depois disso a minha irmã trouxe o meu irmão. Ele também já está aqui há uns anos, já tem casa do 'council' tem uma menina com um anito, vieram para aqui casados e fizeram a lua de mel aqui.

P 9: Luisa (352:362)

(os meus pais) compraram uma casa há 2 anos aqui ao pé de mim, por isso ficam 2 ou 3 meses aqui (...) Eles vinham-me visitar todos os anos. A casa tornava-se pequena, todos uns em cima dos outros, então eles compraram uma casa mesmo aqui ao lado e vão e vêm quando querem. Neste momento estão em Portugal.

P 1: Célia (482:488)

### 4.2.2 Estabelecer uma rotina

No estrangeiro, quando a família está finalmente reunida, a criação de uma rotina diária para todos os seus elementos estabelece uma estrutura em que cada membro tem o seu papel e a sua função dentro da organização familiar. Estabelece-se por assim dizer a ‘normalidade’ dentro da situação excepcional que é viver num país estranho.

O caso de Conceição é exemplo disso. Conceição decidiu emigrar 3 anos depois de o marido já estar instalado em Inglaterra. Em Portugal, os 4 filhos do casal, durante esses 3 anos de ausência paterna, ficavam principalmente ao cuidado da avó, enquanto Conceição trabalhava como feirante. A família estava dividida. Hoje, os 6 encontram-se finalmente reunidos em Londres. É com um certo orgulho que Conceição fala da rotina diária que estabeleceu, do lugar de cada membro da família e do tempo destinado a cada tarefa, do apoio do marido e da nascente coesão familiar.

Agora o meu marido chega a casa às 6h. O mais tardar às 7h tenho o jantar na mesa. A gente nunca se levanta da mesa antes das 8.30h. Estamos sempre 1.30h todos na mesa a conversar, a comer, pronto, a jantarmos, eles a contarem as novidades deles, o meu marido a contar o que se passa no trabalho, eu a contar o que faço também. (...) Nessa hora e meia estamos ali na mesa a jantar e a comer, a jantarmos, a falarmos, a rirmos, a brincarmos... (...) E depois, o mais tardar às 9.15h

ponho os meus filhos a dormir. (...) O meu marido sai daqui às 5.15h da manhã. Ele entra às 6h e ele sai às 6h. Ele trabalha 12 horas por dia. Quer dizer...Ele é uma pessoa...Apesar de ele sair, ele não dá a conhecer a ninguém que sai. Ele levanta-se devagarinho, ele vai tratar dele e vai-se embora. Faz o mínimo dos barulhos. O máximo às 7/7.30h está o telefone a tocar, ou o telemóvel, a perguntar se eu já estou acordada, se eles já tomaram o pequeno-almoço. Todos os dias ele faz isto. Todos os dias! (...)se os meninos estão acordados, se eu já lhes dei o pequeno-almoço, se eles já estão vestidos, se eu estou bem, (...) se eles dormiram bem. Sempre! (...) normalmente já estou levantada, já estou a tratar do pequeno-almoço para eles tomarem. Eles já estão praticamente vestidos. Porque eu ligo-lhes sempre a televisão de manhã para os despertar até um bocadinho mais.(...) desligo-lhes a TV e vamos tomar o pequeno-almoço. E depois vamos embora. Saímos daqui por volta das 8.30/8.35h, porque eles entram às 9h. na escola.

P10: Conceição (784:831)

Quando chegámos cá (...)os miudos dentro de uma semana entraram para a escola e o meu marido estava na universidade...

P 1: Célia (136:138)

Automaticamente eles entraram na escola. Salvo erro, chegaram aqui numa Terça-feira. O ano lectivo em Portugal já tinha acabado. Eles chegaram aqui numa Terça-feira e na Sexta-feira já estavam na escola.

P 2: Patricia (759-762)

#### **4.2.3 Uma casa, um apartamento, um espaço onde viver.**

Depois dos primeiros tempos em Inglaterra a viver em espaços exíguos ou a ter de os partilhar com estranhos, conseguir um apartamento ou uma casa, pode significar o início de um processo de integração.

Dora consegue que as autoridades municipais lhe atribuam um apartamento dias antes de a filha nascer. Mãe solteira, a posse desse espaço e o nascimento da criança marcam uma viragem na sua vida.

Tive muitos problemas e na altura fiquei grávida, vim para aqui e separámo-nos.(...) Meti os papeis no 'housing' e fui lá praticamente todos os dias durante 6 meses e uns dias antes da minha filha nascer fizeram-me uma proposta e eu aceitei, não tinha outra hipótese.

P14: Dora (242:247)

Lina comprou, com as suas economias, uma casa. Recomeça uma vida nova, embora cheia de preocupações e dificuldades, sem ajudas familiares.

vou ter que recomeçar uma vida nova e recomeçar com as minhas próprias mãos, *completamente sózinha para tudo*, para decidir, tudo, tudo e isso custa muito quando

se trabalha neste país como professora, o sistema aqui é muito severo para os profs. Além disso há a organização da casa, contas para pagar, não há tempo fora do trabalho, estou na escola desde as 8 às 6.30, passo o tempo na escola e não posso pensar na minha vida privada, depois vêm os problemas, cartas de ameaças quando não se paga dentro do prazo. *Comprei esta casa* e os antigos donos deixaram contas por pagar (...) não pagavam o ‘council tax’ e agora recebo cartas ameaçando que as autoridades me vêm arrombar a porta e tirar tudo e eu sem saber o que hei-de fazer, o ‘council’ ignorou os meus telefonemas

P17: Lina (240:257)

#### 4.2.4 “Encontrei o meu marido”

Seis das dezassete entrevistadas encontraram em Inglaterra um marido ou um companheiro. Quer esse companheiro seja inglês, quer português, a relação significa o início de uma nova fase na vida, a construção de uma unidade familiar dentro de uma realidade/sociedade diferente. Essa unidade significa também uma maior possibilidade de adaptação e de integração.

Tirei o certificado de inglês mas um certificado bastante bom e, ao mesmo tempo, também tirei um certificado de casamento (...) *Encontrei o meu marido, que hoje é meu marido.*(...) Ele estava a estudar Francês à noite no ‘Adult Education’, no colégio, e eu, Inglês. Encontrámo-nos e, mais tarde, depois de eu estar cá 2 anos e meio, casámo-nos. Portanto, casei com um senhor inglês. Muito bem. O casamento até foi bastante português e inglês. Tive a bandeirinha portuguesa, a bandeirinha inglesa. Foi muito bonito!(...) casei lá. E vivi lá por 5 anos. Tive então lá 3 filhos. A minha filha que hoje é médica; o 2º, até nasceu em casa, é fisioterapeuta; e o 3º filho que é de engenharia. Então, resolvi vir viver para (esta casa) onde me encontro ainda hoje. E aqui tive o meu 4º filho

P 6: Carmo (253:272)

o tempo melhor e de que tenho saudades foi do tempo de casada até o meu marido cair doente.(...) Mas viajámos muito, todas as férias no estrangeiro, Grécia, Itália, França, corremos a Europa sempre de mão dada. Hoje sinto aquela melancolia de ter perdido aquilo que tinha de melhor. Todos temos que morrer, ele foi à frente, no nosso caso era natural talvez, ele era mais velho 16 anos, foi *um período felicíssimo*, especialmente nesta casa. (...) Fiquei muito contente quando viemos para aqui, casa aconchegadinha, é muito querida esta casa, um jardimzinho ‘just right’.

P 3: Júlia (372:382)

### 4.3 As novas relações sociais – a tentativa de superação progressiva do isolamento.

A experiência da emigração, a mudança do país de residência para outro país pode significar quebra de relacionamentos e pode despoletar a experiência da solidão, como vimos. A mudança de local leva a que se abandone o contexto que era familiar,

leva o sujeito a privar-se das pessoas com quem se relacionava, podendo passar a sentir-se isolado e só. Peplau e Perlman (1982) sugerem que a quebra ou a privação de relações sociais importantes pode afectar o conceito que se tem de si próprio e pode levar a uma reconstrução da auto-imagem da pessoa que viveu a perda.

Por diversas vezes, a maior parte das entrevistadas associou a mudança para Inglaterra com a experiência da solidão. A solidão aparece como resultado dessa mudança e da distância a que passaram a ficar os relacionamentos mais significativos ( ver cap. Primeiros Tempos. Isolamento ).

Daí que cada entrevistada sublinhe e valorize os relacionamentos que vai estabelecendo, as amizades que vai construindo e explique onde, como e porquê foram surgindo. Fica-se com a sensação de que no estrangeiro as amizades são ainda mais preciosas. O valor que a mulher a si própria atribui, existe e aumenta na medida em que é apreciada e valorizada por pares e superiores no ambiente de trabalho e muitas das novas amizades formam-se principalmente nesse ambiente. É importante salientar que esse valor está relacionado com as qualidades de trabalho. A valorização e os novos relacionamentos surgem aqui independentemente do meio familiar e das qualidades de ‘boa dona de casa e mãe’ que a mulher possa ter.

Carmo, por exemplo, relaciona-se através do trabalho, isto é, através do apreço que a sua competência e o seu esforço conquistam. São relações feitas de admiração que entram também na esfera da identidade cultural, uma vez que para Carmo a língua portuguesa é o seu instrumento de trabalho.

Chama-me ‘My precious teacher’. My precious teacher! (...) Pelos trabalhos que eu tenho feito. Porque não só ensinei a língua, ou ainda espalho a língua, como também conquistei muitos amigos. (...) Sim, *conquistei amigos*. Eu tenho tido muito estudantes,(...) Um objectivo muito importante para mim foi, claro, singrar neste país. Com muitos sacrifícios, bons e maus. Quer dizer... Enfrentar a vida inglesa que é completamente diferente. Totalmente diferente da nossa. Mas no fim eu gostei muito dos ingleses. Gostei muito da maneira como eles são. Tanto é que fiquei por cá.(...) Conquistei muitos amigos.

P 6: Carmo (985:993) (1049:1058)

Foi tão bom porque tinha muitas amizades, tanto na parte inglesa, (...), em que tinha muitos *colegas e chefes* que eram ingleses, mas também muitos colegas que eram de todas as nacionalidades, trabalhando juntas. Eu trabalhava num grupo do



departamento 'Europa Sul', que abarcava Turquia, Itália, Grécia, Espanha e Portugal. Eram estas nacionalidades todas a trabalhar na mesma sala. E éramos todas intimamente amigas. E havia grandes festas. E depois resolvíamos fazer dias... "Hoje vamos fazer um almoço com coisas portuguesas!" E depois lá vinha eu carregada com coisas portuguesas. "Hoje vamos fazer um almoço com coisas gregas!" Cada uma de nós, não é? E no Natal trazíamos coisas de cada nacionalidade. No Natal mesmo fazíamos assim uma 'party' geral de todo o departamento com todas as outras nacionalidades.

P 4: Custódia (473:481)

No mesmo dia em que eu cheguei, (...) tomo banho e quando vou para me vestir, (a freira) estava a revistar a minha mala. Fiquei chocadíssima (...) É engraçado porque depois ela tornou-se muito minha amiga. E eu acabei por ir trabalhar para o departamento da 'laundry' com ela. Na lavandaria. E depois a Madre pôs-me como encarregada da lavandaria e todo o tempo em que eu lá estive dei-me perfeitamente bem com essa freira e ela era fantástica, não podia dizer mais. Ela realmente, se eu dissesse que tinha uma dor de cabeça, ela já não sabia o que é que me havia de fazer.

P 5: Rita - 5:18 (239:252)

Para Célia, a nacionalidade e a classe social, ou melhor, a posição que ocupa na hierarquia do hospital com o seu trabalho de limpezas, não são obstáculos que impeçam o estabelecimento de relações com pessoas que têm um estatuto mais elevado nessa mesma hierarquia.

Os escritórios que eu limpo são os do director e subdirector e são os 4 mais importantes do hospital. Duas das pessoas minhas amigas, uma é secretária do director, mas ela mesmo diz "Não, não, nós nem tão pouco te consideramos uma 'cleaner' porque és muito diferente das cleaners". É a secretária do próprio director e nasceu aqui e deve saber muito mais do que eu, no entanto se ela tem uma dificuldade chega ao pé de mim "Ajuda-me por favor, o que é que eu devo pôr aqui?" e então sugiro-lhe alguma coisa e realmente depois vejo em jornais e panfletos que existem por aqui a minha ideia lá está. (...) O sub-director ao princípio tinha aquele aspecto de pessoa importante (...) a minha filha na escola teve uma peça e nos fomos ver e ele também lá estava e apresentou a mulher dele. Eu apresentei o meu marido e ali ficamos os 4. Ao mesmo tempo sabendo que eu sou uma 'cleaner', eu consigo isolar-me do meu trabalho de limpeza e consigo encaixar-me com pessoas superiores enquanto que as minhas colegas que são inglesas e são mesmo mulheres de limpezas não conseguem. Sinto-me bem porque consigo ter as duas coisas e ter a minha vida social à parte daquilo que faço.

P 1: Célia (392:449)

*ora comecei a trabalhar com ele uns quatro meses depois de vir para aqui*, e o meu inglês estava ainda fraco, (...) tivemos que arranjar uma maneira de comunicar, e ele era uma boa pessoa, ajudou-me muitíssimo(...), ele era turco(...), e precisava de comunicar comigo então propôs-se a ajudar-me, ele próprio arranjou-me livros e

vinha me dar lições, umas vezes ao Sábado, umas vezes de manhã, ajudar o meu inglês. Foi fantástico, é bom arranjar assim uns bons amigos

P11: Florinda (278:289)

Eles adoram-me. Todos. Todos. Porque eu sou uma pessoa que tenho muito bom espírito, e estou sempre bem disposta,

P 8: Eva (942:943)

Ele arranjou-me trabalho ao pé de umas amigas dele, que era no aeroporto, estive lá a fazer limpezas, não podia ficar sem trabalho, porque senão ficava doida. Era um bocado longe, fomos morar para Brixton e era longe para o aeroporto, mas *não conhecia mais ninguém*. Lá estava com umas raparigas portuguesas e até gostei.

P 9: Luisa - 9:14 (276:281)

#### 4.4 Conclusões

##### 1. Reconstruir a vida através do trabalho.

As razões de carácter económico – a procura de trabalho mais bem remunerado – foram o motivo mais invocado para a emigração. O trabalho encontra-se no fulcro dos interesses de todas as mulheres entrevistadas e todas elas desempenharam pelo menos uma ocupação remunerada no país de acolhimento. Doze destas mulheres começaram por ter, ou têm neste momento, empregos na área dos trabalhos domésticos.

Alguns aspectos relevantes relacionados com o emprego doméstico e de limpeza:

- É geralmente olhado como desvalorizante e desempenhado no RU por imigrantes (porque não exige conhecimentos da língua inglesa) e por mulheres;
- O facto de ser o emprego com mais baixo salário, obriga os trabalhadores a uma multiplicidade de horas e de locais de trabalho;
- Caracteriza-se por uma grande solidão no local de trabalho;
- Apesar de tudo o que ficou dito, oferece capacidade de sobrevivência; quando desempenhado em casas particulares permite frequentemente à mulher levar consigo filhos pequenos;
- No RU, é o emprego mais fácil de conseguir.

Para além da sobrevivência, as mulheres portuguesas procuram no trabalho a realização pessoal; nesse sentido, algumas frequentam cursos de formação e mudam de emprego.

## 2. Reconstruir a vida familiar

Depois de ter a sobrevivência assegurada ou um emprego estável, as mulheres que não têm ainda consigo os filhos procedem ao reagrupamento familiar, à organização de uma rotina diária e à procura de alojamento mais adequado à família, nalguns casos subsidiado pelo governo local.

Seis das entrevistadas encontraram, nesta fase da sua adaptação à sociedade de acolhimento, um marido ou um companheiro, português ou estrangeiro, e deram início a uma nova unidade familiar.

3. A solidão sentida nos primeiros tempos vai progressivamente sendo superada pelos relacionamentos estabelecidos, quer dentro da comunidade migrante, quer fora dela, através de novas relações criadas no ambiente de trabalho.



## 5 A LÍNGUA

A emigração é um fenómeno constante no tempo e universal no espaço, mas os países principais de destino vão variando ao longo do tempo (Arroteia, 1983). Também em relação à emigração portuguesa esta regra se verificou. Os portugueses tradicionalmente emigraram até meados do sec. XX para áreas onde o português era a língua oficial, como o Brasil e excolónias em África. No entanto, a partir dos anos 50, os portugueses começaram a emigrar também para áreas linguísticas diferentes. Assim, ainda na década de 50, inicia-se a fixação na África do Sul, Austrália, Canadá e Venezuela e na de 60 inicia-se uma diáspora europeia que teve como principais destinos a França e a Alemanha.

### 5.1 O inglês

Qual é a relação que a mulher emigrante portuguesa estabelece com a língua inglesa? E com a língua portuguesa? Que experiências vivem as entrevistadas quando têm que trabalhar e viver imersas numa cultura cujo instrumento de comunicação mais imediato não dominam? Como reagem?

A nossa relação com as línguas é, também, afectiva. A língua constrói-nos. Na língua materna, as palavras parecem ser elas próprias os equivalentes dos objectos, dos conceitos que elas nomeiam; a ligação entre conceito e nome parece ser directa e imediata. Se formos privados da possibilidade do uso da língua materna, o mundo pode parecer-nos menos vibrante, menos nítido. A língua estrangeira, mesmo depois de bem aprendida, é apenas um meio intermediário que usamos para nos expressarmos, que é utilíssimo, mas com o qual nos é difícil exprimir emoções, sentimentos íntimos, humor. ‘O que se perde na tradução é a poesia’ (Hoffman, 2002)

A língua inglesa é encarada pelas entrevistadas, a princípio, como uma barreira que coloca a mulher numa situação de inferioridade, perante a qual perde força.

eu perdi muito da minha força até porque na altura não falava correntemente o inglês. Sabia um bocado de inglês mas tive que aprender muito. E então tinha *uma situação de inferioridade* em relação a ele.

P 4: Custódia (399:402)

Uma barreira que pode limitar a possibilidade de emprego aos trabalhos de limpeza. O desconhecimento da língua isola a trabalhadora e deixa-a vulnerável e dependente.

Comecei a trabalhar num hotel em Pimlico, porque eu não sabia inglês e para trabalhar lá não precisava de falar com muita gente, tinha lá uma rapariga portuguesa e quando eu sentia dificuldade ela ajudava-me. Ao fim de um ano de trabalhar nesse hotel vim para um salão aqui perto, como cabeleireira. Era muito difícil porque não tinha ninguém português, era mais duro.

P15: Gina. (142:147)

mas as coisas foram bastante difíceis. Também foi um bocadinho a barreira da língua. O inglês que aprendi na escola foi completamente diferente. Sou uma pessoa que quando não estou segura tenho medo de cometer erros e com o inglês que se fala aqui na rua, inglês partido muito, muito diferente, *custou-me bastante a ambientar*

P14: Dora (140:145)

o meu inglês era muito básico e eu tinha muita dificuldade em compreender as pessoas, *não podia arranjar emprego*

P12: Clara (1155:1156)

A falta de conhecimentos de inglês isola e limita as possibilidades de sucesso. Gina, depois de se ocupar durante um ano em trabalhos domésticos, retoma a sua profissão de cabeleireira. No entanto, ela não compreende completamente nem as indicações das clientes, nem as suas manifestações de apreço.

Elas diziam sempre que estava muito bom, isso eu entendia. Falavam mais mas isso eu não entendia. (...) eu não falava mas elas gostavam das mãos e isso era o suficiente.

P15: Gina (158:164)

Perante as dificuldades e por vezes a desorientação dos adultos, as crianças tornam-se frequentemente as mediadoras do novo mundo exterior. Acompanham os pais e traduzem sempre que necessário: na consulta médica, no banco, nos serviços sociais e de assistência e na escola. Alguns professores ingleses de escolas com maior número de crianças imigrantes podem até habituar-se a que isso aconteça e desenvolver um mal disfarçado preconceito.

houve uma entrevista pela professora para mostrar as notas, para falar comigo sobre o desenvolvimento do aluno, em que eu entro para a sala de aulas com o meu filho, e *a professora pergunta se o meu filho vai fazer tradução*. Eu digo que não, que o meu filho vai assistir à reunião. “Ele não precisa de fazer tradução porque eu falo perfeito

inglês.” E *a atitude da professora mudou automaticamente para com o meu filho.* (...) Começou a deixar de fazer queixas...

P2 Patrícia (790: 801)

### 5.1.1 Motivos para aprender inglês

Todas as entrevistadas têm consciência de que a aprendizagem da língua inglesa é a condição indispensável para:

- evoluir profissionalmente,
- quebrar o isolamento e começar a integrar-se,
- manter o contacto e a comunicação com os filhos escolarizados em inglês e inseridos na cultura inglesa,
- alargar horizontes e progredir intelectualmente.

Conceição considera que falar inglês é condição indispensável para sair do emprego de âmbito doméstico, obter uma melhor remuneração e ter direito a férias.

*gostava muito de falar inglês, para arranjar até um empreguinho jeitoso. Porque eu estou a tomar conta de 2 crianças, não é vergonha tomar conta de 2 crianças, por amor de Deus, mas se eu pudesse ter um empreguinho melhor, a ganhar mais, ou se tivesse umas férias, se tivesse outras possibilidades. Era isso que eu queria, não era ficar por aqui.*

P10: Conceição (1808:1812)

Um dos membros fundadores e directivos da Liga do Ensino e da Cultura Portuguesa, associação criada em Londres no final dos anos 60, a Dr<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Emília Monjardino, chama a atenção para uma importante motivação que levava as emigrantes portuguesas a aprender inglês em maior número que os homens e a obter, nessa aprendizagem, maior sucesso, apesar de algumas não saberem ler nem escrever:

*‘Mas os grandes alunos que nós tínhamos eram mulheres e eram mulheres porque tinham um motivo para aprender inglês (...) se não aprendessem inglês, sentiam que perdiam os filhos. E essas tiveram vitórias extraordinárias.(...) Mas algumas das alunas da Liga, (...) agora são conhecidas nos seus grupos familiares, e até profissionais, como sendo as pessoas que servem para interpretar. Havia homens, mas menos.’*

Apenas uma das entrevistadas acabou por nunca aprender inglês. Angelina pensa que a idade e a iliteracia tornariam qualquer esforço inútil.

*A língua nunca aprendi.* Eu tinha 40 anos quando vim para aqui de maneira que já é difícil a gente botar na cabeça. Quando somos novos, eu não me escapava uma, mesmo na reza e tudo, sem saber ler eu sabia o catecismo inteiro, mesmo sem saber ler eu sabia o catecismo de cor.(...) mas agora depois dos 40 e tudo.. cada vez pior, depois a gente esquece.. é assim a vida.

P16: Angelina (280:286)

### 5.1.2 Os meios

As mulheres procuram, portanto, aprender inglês e utilizam todos os recursos ao seu alcance: em lições particulares, em escolas nocturnas, com um amigo, numa associação portuguesa, no emprego com colegas de trabalho, em casa com a televisão e com os filhos que começaram a frequentar a escolaridade inglesa...

tinha lições particulares onde eu aprendi muito bem. Aprendia o inglês, o inglês correcto, claro. A professora era a Madre (...) E, então, fiz exames.

P6 Carmo (230:233)

Aprendi a língua, fui para a escola. Estava a trabalhar no hospital, paguei uma escola privada que era a Picadilly School. Tive lá 3 meses, aprendi a escrever e a ler inglês. Achava que era vital para mim saber ler e escrever a língua, e falá-la. E, então, tentei o máximo aprender. Tentava ler tudo o possível e imaginário para aprender. Aprendi o italiano muito rapidamente e aprendi o inglês para não precisar de ninguém. Porque me metia muita impressão eu ter que ir comprar coisas e pedir a alguém que me ajudasse. E, então, isso não era comigo.

P 5: Rita (274:282)

procurei aprender o meu inglês, tive ajudas de pessoas, tive um amigo turco ...uma única pessoa com quem trabalhei, trabalhei num cafézinho com esse rapaz (...)4 meses depois de vir para aqui (...) propôs-se a ajudar-me, ele próprio arranjou-me livros e dava-me, vinha me dar lições, umas vezes ao Sábado, umas vezes de manhã, ajudar o meu inglês. Foi fantástico, é bom arranjar assim uns bons amigos

P11 Florinda (274:280)

A escola nocturna nem sempre é eficaz no que respeita à aprendizagem do inglês. No entanto, representa por vezes o primeiro contacto com o ambiente multicultural e cosmopolita da nova sociedade. O isolamento começa a quebrar-se, estabelecem-se as primeiras amizades ou iniciam-se namoros. Dão-se os primeiros passos num processo de integração.

Tinha começado à noite. Todos os dias à noite, das 5 até às 7, mas (...) não me ajudou muito. Mas eu gostava porque *conheci pessoas*, fizemos amizades, tinha lá brasileiros também. Ainda aprendi algumas coisas. Gostei.

P 9: Luisa (157:163)



Frequentei o colégio em (...)que é para os estrangeiros. E o professor, o diabo do professor, atira-me com um livro, a mim e aos outros.(...) Eu não compreendia absolutamente nada. E não gostei muito porque *não aprendia absolutamente nada*. Mas encontrava os outros estudantes, espanhóis, polacos, franceses, etc., e era sempre uma festa.

P 6: Carmo (220:230)

Para além disso, algumas praticam conversação com as crianças de quem cuidam, outras são corrigidas pelos próprios filhos.

(agora) tenho o inglês muito bom, mas sou obrigada a isso, trabalho com crianças e *as crianças não me deixam falar mal*. Elas não me deixam falar mal, procuram sempre corrigir-me, os meus próprios filhos também.

P11: Florinda (297:300)

já falava alguma coisa de inglês, aprendi *com as crianças*, com a televisão e na escola.

P 9: Luisa (235:247)

## 5.2 O português

O que representa a Língua Portuguesa para estas mulheres que emigraram para um país de língua diferente? Quando falam do português, as entrevistadas manifestam principalmente preocupação com a situação dos filhos, referem a necessidade de que eles aprendam ou de que mantenham a capacidade de comunicar em português. A razão da preocupação com a língua materna reside em factores que se prendem principalmente com a família, quer próxima quer alargada, e com o regresso a Portugal. De modo geral, as entrevistadas pensam que é necessário às crianças e aos jovens falar português, porque:

- os pais não falam inglês;
- a comunicação com familiares e amigos em Portugal, por altura das férias, deve ser mantida;
- os pais pensam regressar com os filhos a Portugal, num futuro próximo;
- o português como língua estrangeira representa uma mais valia na educação dos filhos.

### 5.2.1 A manutenção dos laços familiares

Para que os jovens aprendam ou continuem a falar português, as mães levam-nos a frequentar as aulas de Língua e Cultura Portuguesas organizadas pela Coordenação do Ensino de Português e oferecidas pelo Ministério da Educação (DEB/NEPE), sempre que existam cursos numa escola próxima. Além disso, muitas mulheres insistem em que só se fale português em casa.

uma das coisas que eu já estipulei aqui em casa foi: daquela porta para fora nós estamos em Inglaterra mas *da porta para dentro estamos em Portugal* e então o português não pode morrer de maneira nenhuma. Eu não sou patriota nem nada no género...

P 1: Célia (498:501)

os meus filhos já falam bem inglês, mas aqui em casa não há inglês. Aqui em casa há português. (...) *Falam inglês na escola, aqui é português* (...). Não me importo que eles falem inglês, mas aqui pé de mim não. Não falam ao pé de mim nem ao pé do pai. Falam sim lá fora.

P10: Conceição (1970:1987)

Mesmo aqui em casa era sempre: à mesa eles começavam a falar inglês e eu não queria. Mas isso o meu ex-marido também (ajudou) um bocadinho... quando cá estava, que era poucas vezes... (risos). Mas falávamos sempre em português, *cá em casa era sempre em português*.

P8: Eva (413:416)

A pesquisa mostrou-nos que esta insistência em que os filhos apenas falem português em casa e principalmente à mesa é muito frequente entre as famílias emigradas. Esta atitude pode ser motivada pelo desconhecimento que os pais têm do inglês e até por uma preocupação em vigiar as conversas dos filhos. É o que sucede com Conceição em relação aos 4 filhos pequenos:

Aqui em casa há português. Porque eles podem dizer uma palavra que eu não queira ou podem-se estar a chamar de nomes e eu não quero isso. Falam inglês na escola, aqui é português. . Se eu soubesse falar inglês, vá que não vá, uma vez ou outra podiam falar.

P10: Conceição (1971:1973)

A noção de que a língua constitui parte da identidade cultural dos filhos e ainda a preocupação com a readaptação das crianças no caso de um regresso a Portugal, são outros fortes motivos para que Conceição insista em que os filhos falem português:

Eu acho que eles têm que se mentalizar que eles vieram para um país que não é deles, que é inglês. Eles estão a aprender o inglês e o país deles é português. Por isso mesmo falam as duas línguas, uma e outra. Não esquecer nada... *O inglês é muito importante, não é, mas também o português.* De hoje para amanhã eu penso ir para Portugal e eles falam (só) inglês? Não é justo. Devem falar português. Apesar de em Portugal se falar muito inglês. Mas eu acho que eles têm primeiro que falar as 2 línguas.

P:10 Conceição (1980:1986)

No caso de Eva, para além do regresso, a preocupação de manter a comunicação dos filhos com a família alargada e os amigos, em Portugal, foi a razão que a animou, apesar do inerente sacrifício, a levar os filhos às aulas de Língua Portuguesa e a encorajá-los a fazer o exame de A-level (equivalente ao 12º ano).

foram para a escola portuguesa, eles conseguiram tirar o A-level (...)Os dois. Eles falam português, talvez o mais novo patine assim um bocadinho nos verbos, mas o mais velho não tem sotaque nenhum inglês. Ia com um, um dia, ia com outro, outro dia. Tinha que ir duas vezes por semana porque eles são de anos diferentes, compreende? (...) (ainda hoje falo) sempre em português. Para mim foi pior porque assim não aprendia eu tanto inglês, mas eu não me preocupava, eu queria era a educação dos meus filhos. E eu queria que eles quando fossem a Portugal comunicassem com os meus amigos e com a família que ainda lá estava. O qual aconteceu, não é? Os meus filhos têm os amigos deles, que foi a continuação dos meus amigos, que também tiveram lá filhos, e eles continuam a ser os melhores amigos, são os filhos dos meus amigos lá. Portanto, *eu tinha um medo horrível se os meus filhos não falassem português para comunicarem lá em Portugal.*

P 8: Eva (378:416)

Interessa referir que, talvez por coincidência, todas as entrevistadas foram unânimes na sua preocupação de ensinar português aos filhos. No entanto, essa decisão foi difícil de manter e abandonada nos casos em que a língua materna do pai era o inglês.

Mesmo quando ambos os pais são portugueses, a decisão de que em casa se fale só português, não é geral. A minha experiência de professora de Língua e Cultura Portuguesas e de responsável pela Coordenação do Ensino de Português no Reino Unido provou-me ser muito frequente o hábito de os pais falarem inglês com os filhos na rua e mesmo em casa. Isso acontecia até nas famílias em que havia a preocupação de que as crianças e os jovens frequentassem as aulas de língua materna. Essa atitude devia-se ao facto de os pais

- tentarem aprender ou praticar inglês com os filhos;

- recearem que as crianças tivessem fraco aproveitamento a inglês ou se ‘confundissem’ nas línguas por falarem português em casa;
- desejarem sentir-se mais inseridos na cultura de acolhimento;
- quererem manter a comunicação com os filhos já nascidos e integrados na cultura inglesa e deste modo colmatar a distância entre gerações;
- ansiarem por se distanciar da sua cultura de origem por uma falsa noção de superioridade da cultura receptora.

Neste último caso, e como seria de esperar, era notória a contradição de intenções e a divisão de atitudes.

O conhecimento e o uso da língua portuguesa nas famílias emigradas tende a diluir-se através do continuum de gerações. O caso de Angelina é disso exemplo. Chegou a Inglaterra há 32 anos, mas nunca aprendeu inglês. Matriculou e levou o filho a frequentar as aulas de português, mas sem muito sucesso; no entanto, o filho fala português pois aprendeu em casa com a família. A nora de Angelina, nascida e educada em Inglaterra e filha de mãe portuguesa e pai inglês, fala também português. Embora exista ainda um razoável conhecimento da língua portuguesa por parte deste casal de luso-descendentes, o português não é já a língua usada no dia a dia, em casa. Em consequência, a neta de Angelina já não fala português e não está a aprender nem com os pais nem nas aulas de língua materna. Isso causa grande desgosto a Angelina que não consegue comunicar com a única neta que tem: ‘Se ela falasse português, eu acho que tinha mais amor à pequena’.

Agora a miúda nao fala, tenho pena, parece que não tenho amor à pequena porque não fala português. *Eu começo a falar com ela e ela não me entende*, aquilo dá-me cá uns nervos ... pronto Se ela falasse português eu acho que tinha mais amor à pequena. Se tivesse escola (portuguesa) mais perto da casa deles... mas eles tem medo de mandar a miuda para a escola se for muito longe, sozinha não.. Isto acontece tanta coisa e o meu filho tem medo de a mandar. Mas o que eles deviam ter feito era do princípio falar logo com ela em português, mas o avô é ingles, a avó (portuguesa) fala tudo inglês com o marido, a mãe fala tudo ingles com o meu filho, a pequena não aprendeu. Ela chama a outra ‘grandma’ e a mim chama ‘avó’.

P16: Angelina. (457:467)

### 5.2.2 A língua portuguesa como instrumento de trabalho

Seis das dezassete entrevistadas encontraram no português uma ferramenta de trabalho, embora não tivessem à partida considerado esse aspecto como forma de conseguir emprego em Inglaterra. Quer ensinando a língua particularmente, quer trabalhando para escolas inglesas no sentido de dar apoio a alunos portugueses recém-chegados, quer fazendo tradução e interpretação em empresas internacionais, escrevendo e falando português, essas mulheres encontraram na língua materna ‘uma enxada’.

fui trabalhar ligada a coisas inglesas, embora tivesse trabalhado sempre em português e a língua tivesse sido a minha defesa porque me permitiu sempre ter trabalho. Nunca estive sem trabalho, graças a Deus. Em parte nenhuma.(...) a língua portuguesa, seja o que for que digam os que falam em detrimento da nossa língua ou das nossas coisas em Portugal. Que gostam muito de fazer isso, eu sugeria que não o fizessem, porque fora de Portugal, e eu vivi a maior parte da minha vida, (...) fora do nosso país, logo desde muito nova... Eu nunca deixei de trabalhar. Porquê? *Porque o português me serviu sempre como enxada.* Foi com o português que me defendi. Foi com o português que eu trabalhei. Nunca deixei esse contacto com a língua, que eu acho que é muito valioso.

P 4: Custódia (950:964)

Falei com o “Adult Education” em (...) para ensinar Português. Porque não havia Português. Mais ou menos todas as línguas, excepto Português. E o director disse-me “Olhe, já tentámos 2 vezes (...) ensinar o Português. No primeiro ano, ela teve um estudante. No ano passado teve dois estudantes.” E eu disse-lhe “Deixe-me tentar!” Foi em Setembro de 1984. Portanto, lá fiz a propaganda, e tive 9 estudantes. Que era bastante bom. Todos estudantes que não queriam só aprender “um copo de vinho, um chá com leite, uma cerveja”. Não, eles queriam realmente aprender o nosso Português.(...) são quase 40Km daqui lá. Eu ia de comboio ou de carro. (...) Acredite que no ano seguinte eu não tive 9 estudantes. Acredite, eu tinha 23 estudantes. 23 estudantes para aprender Português!

P 6: Carmo (347:367)

participei na gravação de muitos cursos de língua portuguesa para estrangeiros. Portanto, aquelas cassetezinhas que se fazem para aprendizagem, auto-aprendizagem da língua. Também colaborei na escrita de alguns livros desses.

P 4: Custódia (978:995)

### 5.2.3 A língua portuguesa como traço comum.

O português pode ser sentido como o sinal de uma diferença, de uma nacionalidade e de uma cultura distintas ou, pelo contrário, como um elemento comum, como uma afinidade, como um elo que aproxima.

a minha filha (...)veio para aqui com 12 anos, é sul africana. Mas ia aqui na rua com amigas todas inglesas, ela era a única portuguesa e ia um grupo de rapazes a brincarem com as raparigas na rua mas a falarem portugues, a fazerem comentários sobre elas. E ela ia sempre muito calada, até que ela chegou a um ponto e virou-se para trás e diz “o que é que voces querem?” e eles “ahhh tu és portuguesa?” e ela “sou portuguesa, porquê?” A partir dai um deles e ela lá engraçaram, casaram, há já 3 anos que ela está casada e agora voltou a Portugal,

P 1: Célia (220:228)

### 5.3 Conclusões

1. Nos primeiros tempos da sua vida em Inglaterra, a língua inglesa (que desconhecem ou que não dominam totalmente) é sentida pelas entrevistadas como uma barreira que as coloca em situação de inferioridade. Esse facto limitou algumas, pelo menos de início, a empregos domésticos e de limpeza.
2. Quase todas as mulheres sentiram que **aprender inglês** era condição para
  - obter um melhor emprego e evoluir profissionalmente,
  - integrar-se socialmente e estimular novos relacionamentos,
  - manter a comunicação com os filhos que progridem na escolaridade inglesa ou com os conjuges/companheiros de nacionalidade inglesa,
  - progredir na sua própria educação e ter acesso a cursos profissionais.
3. Para aprender inglês recorrem a todos os meios ao seu alcance: escolas nocturnas, lições particulares, ajuda de amigos e de familiares, a televisão, os filhos e as crianças inglesas de quem tomam conta. A escola nocturna para aprender inglês funciona para muitas como um dos meios de quebrar o isolamento e de contactar com a diversidade multicultural da sociedade receptora.
4. Em paralelo com o esforço de aprender inglês, encontrámos nas entrevistadas a preocupação em **manter nos filhos a capacidade de comunicar em português** dadas as seguintes razões:
  - Os pais não falam inglês;

- A necessidade de contacto com a família alargada em Portugal, durante as férias e a (re)adaptação das crianças quando o regresso se verificar;
- A consciência de que a língua materna constitui parte da identidade cultural dos filhos;
- O domínio do português como língua estrangeira é considerado uma mais valia.

Os cursos de Língua e Cultura Portuguesas são apreciados; dez das quinze mães entrevistadas matricularam os filhos e acompanharam, por vezes com dificuldades motivadas pela distância e pelo tempo, a sua aprendizagem da língua materna.

5. No entanto, a manutenção da comunicação em português revelou-se muito difícil sempre que o pai era inglês. O português perdeu-se nas crianças da 3ª geração, mesmo quando a 2ª (educada já em Inglaterra) tinha ainda conhecimentos razoáveis da língua.





## 6 A EDUCAÇÃO

Durante a planificação do relatório e recolha de material sobre este assunto, pensou-se inicialmente analisar separadamente, no conjunto de todas as mulheres ouvidas, cada um dos aspectos seguintes:

1. O trajecto escolar de todas as entrevistadas, quer em Portugal quer em Inglaterra;
2. As expectativas e as preocupações educativas de todas elas em relação aos filhos e a si próprias;
3. Os projectos para o futuro, estudar e progredir.

No entanto, optou-se mais tarde, por analisar estes três aspectos na trajectória de cada uma das mulheres e observar individualmente cada um dos percursos por inteiro, no âmbito das expectativas educativas. Essa análise tornaria mais clara a observação, em cada narrativa, da passagem das preocupações educativas das mães para os filhos, do progresso das expectativas e das realizações educativas ao longo das duas gerações, das possíveis causas e consequências dessa evolução e, finalmente, das quebras, modificações ou novos impulsos dados pela emigração a esse trajecto educativo.

### 6.1 Angelina

Angelina tem 72 anos. Não aprendeu a ler, embora o pai a tivesse mandado à escola. Quando iniciou a escolaridade “tinha 7 para 8 anos”.

Mandaram-me à escola. Eu ia todos os dias à escola (...) era uma aldeiazinha que não tinha carro, não havia caminho de carro, não havia nada... Eu ia para a escola, chegava lá de manhã... “Maria vai-me fazer o almoço” e eu fazia o almoço. A professora... no outro dia dizia “olha vai buscar lenha para fazer o almoço”. E eu ia buscar lenha para fazer o almoço. Um dia eu cheguei a casa e digo ao meu pai assim “mas eu vou para a escola para aprender a ler, ou vou para fazer o almoço para a professora?”. Diz o meu pai assim: “quando chegares lá amanhã, se ela te mandar tu não vás”. No outro dia, quando lá cheguei ela diz assim “Maria vai-me fazer o almoço”. Disse “não vou”. E não fui. Ela pega na cana de bambu, sabe aquelas canas que se usavam? Deu-me uma malha... eu disse “olha, deixa lá que tu vais comer”. A sala era assim, ao comprido, e ela ficava ao pé da porta, e cheguei à porta, com a minha mão na porta, peguei na cana de bambú e dei-lhe 2 lambadas, duas bordoadas com aquilo.. e sai pela porta fora e até hoje.. Nunca aprendi a ler.. nem.. não aprendi.

P16: Angelina (61:76)

Aos 30 anos emigrou com o marido para o Brasil onde esteve 11 anos e onde nasceu o único filho que tem. No Brasil, frequentou durante 6 meses um curso estatal de alfabetização que lhe permitiu ficar a “conhecer os números e a assinar o nome”.

no Brasil houve uma (...) ordem, sim, que há muita gente lá que também não sabe ler, gente com 70 e tal anos, e a gente fomos para a escola para aprender. Mas era só 6 meses, depois tinha mais nove, e depois... tinha mais 9 até a gente aprender... mas eu vim para cá e só estudei 6 meses... eles ensinaram-me mas eu [só] conheço os números e sei assinar o meu nome... mas outra coisa eu não aprendi. Não tive tempo, fui sempre trabalhar

P16: Angelina. (76:85)

Quando Angelina e o marido emigraram pela segunda vez, desta feita para Inglaterra, o filho tinha 3 anos; portanto, toda a escolaridade da criança foi feita em inglês, até aos 16 anos. Como Angelina iniciava todos os dias o seu trabalho de limpezas muito cedo, a criança era entregue a uma ama que a levava à escola e, ao fim do dia, a guardava até que os pais regressassem. Este é um quadro de rotina diária muito frequente nas famílias emigradas em Inglaterra. Aos 8 anos, no entanto, o filho decidiu prescindir da ama. Durante algum tempo, Angelina afligiu-se pensando nos perigos que a criança podia correr sozinha.

Então como é que tu vais agora sozinho para a escola?’ E ele disse ‘eu sei, eu sei porque a policia já deu instrucao à gente’. Primeiro dia que ele foi sozinho eu tive um desgosto, tinha medo ele não atravessar a rua... Olhe foi 2 ou 3 dias que ele foi assim, acostumou-se. Até hoje nunca chamei ele para a escola, nem para trabalhar, nunca me deu um pinguinho de preocupação. A partir dos 8 anos passou a andar sozinho. Mas os primeiros dias que ele foi para a escola eu dava uma fugida a casa que era a hora dele comer. Às vezes estava a ver televisao com a samarrinha, a gente chama o kispo, embrulhadinho a ver televisao depois chegava a sua hora, fechava a porta e ia-se embora. Ate hoje, nunca me deu preocupação. Ele andou na escola até que idade? Ate aos 16

P16: Angelina. (433:445)

Angelina não mencionou ter actualmente qualquer expectativa educativa para si própria. Apesar de viúva, não tem preocupações, hoje em dia: “O meu filho está arrumadinho”, disse. O filho trabalha como fiel de armazém - um emprego estável onde tem progredido. O único desgosto de Angelina é que a neta não fale nem aprenda português (ver cap.5 A língua, 5.2.1 A manutenção dos laços familiares).

## 6.2 Gina

Embora demonstrasse boas possibilidades de ir mais além, Gina só pode estudar até ao fim da primária, porque o pai por um lado não tinha recursos e por outro “achava que o lugar da mulher era em casa”. Com 9 anos, começou a trabalhar num salão de cabeleireira, por iniciativa da professora, porque “pelo menos era uma arte”.

A minha juventude não foi assim lá muito...foi o que os meus pais me poderam dar. Uma juventude talvez mais pura que a de hoje. Hoje as crianças são mais exigentes e antigamente a gente tinha que se contentar com aquilo que nos davam. Só tenho a 4ª classe. Não tive mais estudos porque o meu pai não podia, a minha professora dava-me os livros e o meu pai só pagava o transporte, mas ele era um bocadinho antiquado e achava que o lugar de uma mulher era em casa, não era para estudar. Fiz a 4ª classe com 9 anos. Agora não sou, mas nessa altura *a minha professora dizia que eu era muito inteligente* e arranjou-me para eu ir trabalhar para o salão, *pelo menos era uma arte* e assim tem sido. Comecei a trabalhar com nove anos e pouco, quase que não podia ainda trabalhar legalmente e não era legal.

P15: Gina. (10:22)

Gina gostava de aprender e na escola apreciava o tempo dedicado ao recreio onde lhe era permitido brincar. Tem um carinho especial pela sua professora e gostava ela própria de ter sido professora também.

Gostava da escola mas não me lembro do primeiro ano. Gostava porque na escola tínhamos o que não tínhamos em casa. Havia o tempo para estar na aula e o tempo para brincar, o pedaço de recreio e a gente brincava com os miudos todos da escola, o que depois de chegar a casa já não se fazia, em casa era a mãe e o pai e os irmãos e ali ficava. E gostava de aprender. Gostava da professora e ainda hoje tenho contacto com ela, foi a professora das minhas filhas também, muito boa profª, D. Fernanda, hoje já reformada, tenho um carinho muito especial por ela porque tudo o que sei lhe devo a ela. E aos meus pais, lógico. [Eu] dizia que *queria ser professora na altura*, mas não estou arrependida da profissão que...ao fim e ao cabo, também não fui eu que a escolhi, mas gosto bastante da minha arte. Embora tivesse o sonho de ser professora, acabo sendo professora de cabelos que acaba por ser mais ou menos a mesma coisa(ri-se).

P15: Gina. (29:44)

Gina emigrou para Inglaterra aos 25 anos. (Ver cap. Razões para Emigrar, 1.2.3 Razões familiares). Durante a escolaridade obrigatória das duas filhas, vigiou bem a educação das jovens e respondeu bem às solicitações de apoio da escola e dos professores. Preocupou-se com a manutenção da língua materna e inscreveu as filhas nas aulas de Língua e Cultura Portuguesas. A escola secundária que as filhas frequentaram está efectivamente inserida numa área urbana onde surgem problemas, mas o acompanhamento e a vigilância de Gina deram bons resultados. A filha mais

velha completou a escolaridade obrigatória e a mais nova tirou o curso de educadora infantil.

Uma veio com 9 anos e a outra com 8. Elas começaram em Pimlico mas depois, como eu mudei para aqui, elas mudaram para Stockwell Park School, a secundária. Muita gente fala mal daquela escola mas eu não tenho razão de queixa, não sei se era das minhas filhas...os relatórios delas diziam que elas eram boas alunas. Os professores se houvesse qualquer coisa telefonavam-me ou vinham aqui a casa falar comigo. Uma vez a minha mais nova veio almoçar e não voltou para a escola, o professor veio aqui saber o que se passava com ela. ‘Sim ela está em casa, porque ela não está bem, ficou em casa’- disse eu. ‘Mas tu tens a certeza que ela está em casa ou ela saiu e tu estás a querer tapar isso?’ ‘Não, não a minha filha está em casa’. Não sei se [o cuidado dele]era por eu de vez em quando , mesmo sem ser por causa das notas, ir à escola saber se estava tudo bem. Também havia lá uma professora portuguesa (...) que me conhecia e conhecia as miúdas e que era uma joia de professora...Eu *nunca tive problemas com a educação das minhas filhas*. Ainda hoje. Uma é solteira. Elas foram às aulas de português, sempre na mesma escola. A mais velha estudou até aos 16 anos e deixou. A mais nova foi tirar o curso de educadora, já tem o curso. Recebeu o diploma o ano passado

P15: Gina. (167:186)

A filha mais nova realizou o sonho de Gina, o que manifestamente a faz sentir recompensada e orgulhosa.

A minha filha mais nova tem 22 anos e andou num infantário e com 3 aninhos já dizia: ‘Mãe, quando eu for grande, *eu quero ser professora* aqui nesta escola’ Era educadora que ela queria dizer, mas ela não sabia dizer. Agora com 22 anos ela é educadora infantil.

P15: Gina (46:50)

Agora com 45 anos, Gina não mencionou para si própria ambições de carácter educativo. Em relação à educação das filhas, pensa ter cumprido o seu dever de mãe:

Se as minhas filhas falhassem 5 minutos sem chegar a casa eu praticamente abria a porta e ia à escola buscá-las. Elas saíam às 3.30 e se às 3.45 não estivessem em casa eu ia à procura delas.

P15: Gina. (232:235)

Em relação ao futuro e pensando nos netos, manifesta a convicção de que “uma boa educação e um curso” são as prioridades.

Desejo que eles tenham um futuro bastante risonho. Que tirem um curso que é o mais importante. Mesmo que não tenham riqueza mas se tirarem um bom curso, acho que hoje em dia é a riqueza maior. *A educação e os estudos acho que é o mais importante*. Mesmo que não tenham mais nada, venha *uma boa educação e um curso* que depois conseguem da vida o que querem.

P15: Gina. (198:203)

O caso de Gina, leva-nos a concluir que uma boa representação de escola e de educação, uma boa experiência vivida na infância mercê de uma professora cuidadosa e equilibrada, deram os seus frutos positivos e tiveram como consequência um progresso educativo visível na actuação de Gina e nos bons resultados obtidos pelas suas filhas. O facto de as filhas terem tido acesso a uma escolaridade obrigatória mais longa (até aos 16 anos, enquanto que Gina teve que deixar a escola aos 9) e a atitude de Gina perante a educação (bem diferente da dos seus pais) levaram a percursos de vida diferentes na geração seguinte e contribuíram para um progresso educativo.

### 6.3 Rita

O caso de Rita tem algumas semelhanças com o de Gina e pode corroborar o que foi dito acima. Na escola primária, Rita aprendia com facilidade e interessava-se principalmente por História de Portugal. A professora foi a única pessoa a reconhecer-lhe possibilidades e a incentivá-la a seguir os estudos. Impossibilitada de continuar a estudar por falta de recursos depois da morte do pai, começou a trabalhar aos 10 anos, tomando conta de crianças e, mais tarde, como empregada doméstica.

...a minha professora da 4ª classe pediu à minha mãe para me deixar estudar porque era pena. E a minha mãe disse que não podia. Não podia pagar os estudos. E ela disse “É uma pena realmente perder-se, porque a Rita ia muito longe se ela estudasse.” E ela até me fez uma coisa, deu-me as lições todas da admissão. Só não tenho o exame. Porque as miúdas estavam a fazer a admissão (na altura era preciso admissão aos liceus) e eu fiz-a com as pessoas que foram fazer o exame. Eu fazia as provas, fazia tudo, com as miúdas que estavam a fazer. (...) Estava preparada. Não podia. Era preciso dinheiro, era preciso dinheiro para as provas. Era preciso dinheiro para tudo. E não podia, a minha mãe não podia. [a minha professora]Foi a única pessoa que realmente teve pena de eu não ter seguido. De resto nunca tive assim ninguém que me dissesse “Tu podes ir...” Eu sentia que podia ir além se tivesse possibilidades, mas nunca tive.

P 5: Rita (629:644)

Com 22 anos, Rita emigra para Inglaterra onde casa com um português e onde nascem e são educados 2 filhos. O mais velho completa o equivalente ao 12ºano e um curso profissional em artes gráficas; hoje tem 27 anos e um emprego bem remunerado como chefe de segurança de uma empresa inglesa, mas Rita lamenta que ele não tenha feito o curso universitário.

O meu filho, graças a Deus, por um lado está bem. Por outro... (...)disse que saía do colégio por um ano e depois ia para a universidade para acabar o 'Fine Arts'. Empregou-se no Grupo de Segurança, e depois promoveram-no. E depois começou a namorar, depois a rapariga apareceu grávida, depois casou, depois nasceu o filho, depois comprou casa, e nunca mais foi nem estudar, nem trabalhar no que aprendeu. Mas, por outro lado, está com um belo ordenado.(...) Não chegou a ir para a universidade.(...) Precisava de 2 anos na universidade e ele não foi. Não chegou a ir.

P 5: Rita - (1220:1240)

Na altura em que a entrevista foi gravada, a filha mais nova de Rita tinha 16 anos e estava a terminar a escolaridade obrigatória, após o que acompanharia os pais que regressavam a Portugal. A educação e a adaptação da filha em Portugal constituíam nessa altura as únicas preocupações de Rita, uma vez que estava interessada em que ela completasse um curso universitário.

A educação da minha filha. Presentemente, a única preocupação realmente que tenho é a educação da minha filha. Porque não lhe quero cortar as pernas. E ela pediu-nos para nós ficarmos cá até ela fazer os GCSEs. E isso é uma das coisas que eu já me arrependi. Porque se ela tem ido para lá o ano passado. Que ela este ano está um bocadinho com problemas de... Não quer, não quer ir. Ela vai. E é o que toda a gente diz, ela, uma vez que ela entrar no colégio, depois já não quer vir para cá.(...) Porque ela quando lá vai de férias, depois já não quer vir. (...) É a única coisa que me preocupa porque, ao mesmo tempo, tenho medo. Irei fazer bem para ela? Eu penso que não lhe vou fazer mal. Eu já lhe disse a ela "*Tu vais para Portugal até teres 18 anos. Quando tiveres 18 anos, se vires que realmente não queres continuar a estudar lá, vens para a universidade para Londres.*" Mas nessa altura já ela é uma mulher. Já olha por ela própria. Já é diferente. Agora é uma criança.(...) Isso, presentemente, é o que me preocupa. É a educação dela.

P 5: Rita (1193:1211)

Em relação a si própria e ao futuro, Rita mantinha a ambição de estudar e pensava vir a realizá-la em Portugal.

adorava ser professora de História, que não consegui... Foi algo que não podia. A minha mãe não pôde porque era sozinha. Foi duas grandes ambições. Uma consegui, [ter uma casa] graças a Deus, a outra não consegui mas paciência. *Pode ser que agora vá para Portugal e ainda vá estudar História.* Eu já disse ao meu marido que quero comprar a enciclopédia do Dr. Hermano Saraiva, que acho que deve ser fantástica. Eu vejo os programas dele todos. Eu acho que sim, que ainda sou capaz de envolver com alguma coisa assim desse género. Adoro História. Era uma das grandes ambições que eu gostava de ser.

P 5: Rita (509:522)

## 6.4 Carmo

Carmo tinha em criança um grande desejo de aprender e na sua madrinha uma aliada; fala com prazer do seu trajecto escolar em Portugal até começar a leccionar como professora do Ensino Primário.

*A escola era a minha maior ambição. (...) fiz a minha escola primária (...) mais tarde, a minha madrinha, (...) quis que eu fosse para um colégio. Como viu grande ambição e o querer aprender mais e mais, encontrou um colégio muito bom, onde fui interna. Custou muito a princípio porque realmente deixei irmãos e irmãs e etc. mas, pronto, senti-me bem. Ia passar as férias a casa dela. O colégio ficava numa quinta. Chama-se Colégio de S. José, com freiras. Fui lá muito bem educada, onde aprendi um pouco de música, trabalhos manuais, labores... Naquela altura era a 4ª classe e a admissão ao Liceu de Guimarães. Passei. Depois estive lá 3 anos e meio e aprendi muitas coisas. Fez-me muito bem. Até que fui mais tarde estudar para o Colégio Eça de Queirós em Lousada, (...) Então frequentei esse colégio, onde fiz o 2º ano do liceu em Guimarães, e o 5º ano também. Depois estudei mais no Porto, etc. Até que fiquei professora.*

P 6: Carmo - 6:56 (17:35)

Aprender foi ainda o motivo que a levou a emigrar para Inglaterra aos 25 anos – aprender inglês. Depois de casar com um cidadão inglês e de ter 4 filhos, decidiu continuar a estudar, tendo completado, à noite, um curso de profissionalização para o ensino de línguas estrangeiras a adultos. Essa profissionalização permite-lhe, ainda hoje, ensinar português em instituições escolares inglesas.

*Mas foi bastante sacrifício porque eu tinha os 4 filhos, e tinha (...) nos correios (...) umas tantas horas, part-time... Deixava os meninos aqui com o meu marido, o jantarzinho já preparado, e eu lá me metia no meu carrinho e ia para Sittingbourne. Porque começavam as aulas às 5h, até às 9h. É, 4 horas. Até às 9h da noite. Então acabávamos. Eu lá conduzia outra vez para casa. E passei no exame.*

P 6: Carmo - (333:346)

No percurso de vida de Carmo, o aspecto educativo teve sempre um grande peso: preferiu até residir numa zona do sul de Inglaterra onde existe uma boa universidade e muitos colégios, a fim de dar aos filhos mais possibilidades educativas, inclusivamente na aprendizagem de línguas. Neste aspecto, superou, de forma inteligente, as dificuldades económicas. Todos os filhos frequentaram a universidade e terminaram os cursos que se propuseram.

Vim para aqui por ter grande oportunidade da Universidade de Kent, e muitos colégios. Aqui há muito bons colégios. E em Canterbury, que é aqui pertinho. São 8Km, ou 9Km mais ou menos. E a universidade também.(...) foi com a ideia de eles poderem frequentar melhores escolas, colégios, universidade, etc., etc. Então, encorajei os meus filhos com o português e, ao mesmo tempo, como não tinha muito dinheiro, que não tinha... Então eu tinha estudantes de França, de Espanha, que vinham para Inglaterra. Eu tinha estudantes aqui, por exemplo de França, por 3 ou 4 fins-de-semana, e depois os meus filhos iam lá para assim aprenderem. Fazíamos uma... permuta em que os meus filhos adquiriam o Francês, e os franceses o Inglês. fiz isso.

P 6: Carmo (276:296)

Uma boa representação de escola orientou Carmo, desde criança - “o meu sonho era sempre escola” - e ao longo da sua vida, na procura de uma melhor educação para si e para os filhos, apesar de todas as dificuldades e da sobrecarga de trabalho.

## 6.5 Eva

Eva teve uma infância pouco habitual. Como o pai era pescador no Tejo e a mãe vendia o pescado nas terras à beira rio, Eva viveu no barco dos pais até aos 10 anos e só depois iniciou a escola. Vale a pena registar impressões da sua infância no rio, tal como as descreveu.

Eu nunca brinquei, hoje ainda quero brincar, não sei se é (...) porque *eu nunca brinquei*. É que não havia espaço no barco, não é, não havia nada ali e era só o meu pai e a minha mãe que eu via. E a água, e o peixe. Depois via também os outros pescadores, mas a gente encontrávamo-nos, sei lá, de 15 em 15 dias, ou quando eu via o barco da minha tia, que (...) toda a gente fazia a mes a vida. A minha tia tinha dois barcos, um para as filhas, que ela tinha três filhas, para elas dormirem, e outro para ela. Para mim aquilo era uma alegria, quando eu via o barco da minha tia ia logo para o barco das minhas primas brincar (...) tinha muito mais espaço. A gente saltava, (...) Aos pulos de um lado para o outro, dentro do barco. (risos) Porque não havia hipótese de a gente estar em terra. Só estávamos em terra quando andávamos, por exemplo, à pesca do sável. Que já era mais para o lado do Ribatejo, onde eu nasci, que foi a Palhota. Aí é que a gente tinha umas casas de (...) caniço. (...) não me recordo mesmo muito de brincar... não me recordo nada, quando eu era pequenina. Porque eu *lembro-me sempre de estar sempre no barco*.(...) o senhor Alves Redol (...) sabe onde é que ele escreveu o livro? Onde eu nasci. Ele escreveu esse livro no sítio mesmo que eu nasci, que é a Palhota, está lá o nome dele, que eu fui lá há pouco tempo e vi lá o nome dele, que ele teve lá uma casinha, que aquilo é muito procurado.

P 8: Eva (1233: 1267)

Como ela própria refere, “estava sequiosa para aprender”, quando finalmente iniciou a escola já quase com 11 anos.



mas entretanto eu queria aprender a ler. E os meus pais não tinham hipótese de eu ir para a escola. Um dia estava em Salvaterra, outro dia em Vila Franca, como é que eu ia para a escola? (...) O barco do meu pai chamava-se Flor do Rio Tejo e o meu pai tinha lá um lapizinho e eu copiava aquilo todos os dias, e "eu quero ir para a escola". Cheguei aos dez anos e a minha mãe tinha uma irmã em Santarém,(...) e eu fui para casa da minha tia. Comecei a escola em Outubro e em Janeiro fiz onze anos. Portanto, logo em Dezembro fiz uma carta aos meus pais, eu já sozinha a escrever a carta, *estava tão sequiosa para aprender que fiz duas classes num ano...*

P 8: Eva (44:58)

Eva recorda o apreço em que a sua primeira professora a tinha.

havia uma professora que era açoreana, que *tinha muito orgulho em mim*, porque eu, como já disse, ia com uma força para aprender extraordinária,

P 8: Eva (1217:1219)

A sua ambição de aprender e o gosto pela escola eram grandes, razão pela qual luta pela continuação dos estudos, frequentando a Escola Comercial à noite e trabalhando durante o dia, a fim de ultrapassar as dificuldades económicas.

já tinha catorze anos e fiz a admissão à escola técnica para ir estudar de dia. Nessa altura era muito tarde, eu já não tinha idade para estudar de dia, portanto (...)fui estudar de noite na mesma, mas tive que arranjar trabalho de dia, que antigamente era assim. De maneira que eu trabalhava num escritório de uma carpintaria, como dactilógrafa, recepcionista, e fazia os cálculos da madeira, (...)aquilo era contas enormes, sem calculadora nem nada, tinha de ser tudo à mão, tinha que saber ali a tabuada à maneira. E fui estudar de noite, mas a gente planeia uma coisa e depois sai outra. Conheci o meu ex-marido, comecei a namorar, ...casei-me aos 19 anos e deixei de estudar. Só tenho a frequência do 3º ano Comercial. Porque, pronto, desisti e não estudei mais.

P 8: Eva (68:82) (141:143)

A sede de aprender, que Eva referiu, não se esgotou pela vida fora. Após ter emigrado para Inglaterra com os dois filhos muito pequenos, estimulou e acompanhou os estudos deles, procurando dar-lhes uma educação tão abrangente quanto lhe permitia a vida de trabalho constante. O encargo da educação dos filhos não foi partilhado com o marido, uma vez que este esteve sempre emocionalmente ausente.

o mais velho quis ir para a escola francesa e eu ia com ele, e eles queriam ir ao cinema e eu ia com eles, chegava ao cinema adormecia. Eles tiveram cursos de patinagem artística, eu fazia tudo com eles e trabalhava, mas pronto, era tudo muito numa correria, e era muito difícil para mim, porque eu não tinha carro nessa altura, era tudo de autocarro.

P 8: Eva (372:378)

Hoje, Eva continua a encorajar a educação e o progresso dos filhos.

o mais velho tem habilitações à universidade só que tirou o curso de TFL, que é para professor de inglês. E agora (...) quer ir à universidade, agora tem 33 e *quer continuar a estudar. E eu acho muito bem*. E o mais novo tirou só a secundária. *Muito espertos*. Muito, muito espertos. Muito espertos. E agora está a trabalhar num escritório com uma escola com cursos de computadores, mas tem feito muitas coisas, está sempre a aprender, comprou uma casa, para ele e para a namorada, agora está a comprar outra para alugar... É o mais novo.

P 8: Eva (420:436)

Quanto a si própria e em relação ao futuro, Eva, agora com 56 anos, não pensa deixar de estudar, porque na sua opinião “não é porque a gente tenha mais anos que a nossa memória deixa de funcionar. Pelo contrário”. Referiu dois projectos: um curso de massagem para que possa “tirar a dor às pessoas” e escrever um livro. A sua atitude perante as dificuldades, nomeadamente a da língua inglesa, é positiva e realista.

eu tive que perder muito tempo em dicionários a ver o que é que aquilo queria dizer, portanto, este curso que eu quero tirar, a massagem, é de 24 semanas, só que eu já estou preparada para fazer em duas fases. Não devo conseguir passar à primeira. Vou tentar, mas se não passar, *não vou desistir e vou continuar*, porque eu gosto muito de dar massagem, e eu faço um tratamento com parafina, para as artrites que não cura, mas apazigua (...) sinto que as minhas mãos estão bem a fazer aquelas coisas e é bom. É uma coisa que a gente vê que está a fazer bem, e dá saúde...

P 8: Eva (1132:1142)

A vida de Eva, cheia de sobressaltos e de dificuldades, um percurso geográfica e emocionalmente longo, das margens do Tejo às do Tamisa, certamente contém matéria suficiente para escrever um livro. No seu futuro a escola continua a ser um estímulo sem limite de idade.

Eu já pensei escrever um livro. Que eu tenho vários episódios, que eu fui uma pessoa muito romântica e sou, (...) quando (...) o meu marido não vinha para casa, eu escrevia. Mas eu escrevia mesmo com sentimento apaixonado e um dia pensei: um dia vou aproveitar os bocadinhos que eu fiz e vou continuar para escrever um livro...(...) É que há tanto episódio na minha vida, tanta coisa, e se Deus quiser ainda vai haver mais, que eu penso ter ainda muito mais para dar (...) Eu quero continuar sempre na escola. (...) a nossa memória não pára. Se nós pararmos de aprender, então é que ela fica preguiçosa. Mas quanto mais nós puxarmos por ela mais a gente fica lúcidos... Eu cheguei a encontrar pessoas na escola de inglês com 80 anos.

P 8: Eva (1611:1633)

## 6.6 Clara

Clara, proveniente de uma família estável, mas muito numerosa e com dificuldades económicas, de um meio rural do norte de Portugal, não recebeu por parte dos pais incentivo para prosseguir a sua educação para além da escolaridade obrigatória.

Eu queria ser professora (...) *não acreditavam que eu fosse capaz*, também não havia meios para isso, mas eu lembro-me que depois, nunca me travaram, não é, mas também nunca me incentivaram.

P12: Clara (177:191)

Tudo parecia conjugar-se para que a sua educação não fosse além do Ciclo Preparatório. No entanto, vários factores se sobreposeram ao desinteresse familiar e à falta de recursos económicos e determinaram que, afinal, Clara prosseguisse os estudos até se licenciar. O gosto por aprender, o “orgulho em ser a melhor da aula” e a confiança da professora do 1º ciclo nas suas capacidades fortaleceram a ambição e a persistência de Clara.

Eu sonhava muito quando era adolescente (...) *uma coisa com que sonhava era estudar* porque eu, quando cheguei aos doze anos, tive que parar, acabei o ciclo preparatório e depois não tive a possibilidade de continuar. Só mais tarde, quando já tinha dezanove anos, é que eu retomei. Até aí tive que trabalhar e nessa altura comecei a estudar, tinha que trabalhar durante o dia para estudar à noite e financiar os meus estudos...

P12: Clara (155:162)

Trabalhando de dia e estudando à noite, Clara conseguiu terminar o secundário no Porto, entrar na Universidade em Lisboa e concluir a licenciatura em História. O encorajamento dessa primeira professora - “ela dava-me um sentido” - parece ter sido fundamental na decisão e no futuro educativo de Clara.

ela achava que eu tinha capacidades para continuar a estudar, (...) ela dizia que era uma pena que eu deixasse e... e ela via que era isso mesmo que ia acontecer, porque eu não tinha possibilidades económicas para continuar a estudar e mesmo assim ela chamou o meu pai, falou com ele, (...) *ela dava-me um sentido*, e eu gostava dela também por isso. *Eu tinha proposto conseguir um curso superior*, tudo correu bem e eu consegui.

P12: Clara (99:106)

Presentemente emigrada em Inglaterra, casada e com filhos pequenos, o seu trabalho intelectual continua a reflectir o seu empenhamento e iniciativa, prosseguindo estudos agora de caracter linguístico.

esse era um dos meus sonhos, era um dia poder voltar a continuar os estudos e eu não ambicionava muito coisas extraordinárias, mas gostava de ter a minha casa, sei lá, o meu carro, a minha família e ter uma vida melhor do que aquela que os meus pais tiveram e... os meus avós...

P12: Clara (164:168)

## 6.7 Luisa

Luisa viveu em França com os pais e dois irmãos desde os 6 meses de idade. Como os pais trabalhavam muito (múltiplo emprego em França tal como acontece em Inglaterra), foi praticamente criada pela irmã mais velha. A mãe compensava-as da sua ausência através de presentes

Frequentámos a escola na França e também tivemos aulas de Português lá, por isso sabemos falar português e falávamos português com os nossos pais em casa. Tive uma infância boa, uma criança alegre, muito mimada, acho eu. Porque a minha mãe comprava-me bastantes coisas.(...) Fomos criados praticamente com a minha irmã, mais sózinhos porque ela, a minha mãe, trabalhava muito. Mas ela compensava-nos com outras coisas. Tinha mais posses na França do que se fosse em Portugal. Trabalhava muito, estava com a gente pouco tempo. A minha irmã é que tomava mais conta da gente.

Os pais decidem regressar para Portugal quando Luisa vai fazer 14 anos, antes de terminada a escolaridade obrigatória. No meio rural português em que passa a viver, “a família tem menos posses”. Em Portugal, Luisa não se adapta, anseia por voltar a França; na escola não obtem aproveitamento e não consegue terminar a escolaridade obrigatória. Inicia um curso profissional de secretariado, mas também não o termina porque aos 19 anos emigra com uma amiga para Inglaterra, onde ainda vive e onde decidiu permanecer. Em Inglaterra, Luisa sente que poderia melhorar a sua presente situação de trabalho – faz limpezas em escritórios e em casa particulares – se estudar à noite e se tirar um curso em que faça uso do conhecimento que tem de 3 línguas: francês, português e inglês. Inicia um curso de tradutora-intérprete mas não o termina, desta vez porque o curso exige “muito trabalho”.

No percurso de vida de Luisa, encontramos uma sucessão de interrupções do trajecto escolar, motivadas por duas deslocações migratórias e por uma dificuldade de adaptação à cultura de origem dos pais. Não sabemos se a escolaridade de Luisa em França foi bem sucedida. A escolaridade das crianças estrangeiras é marcada muitas vezes por um insucesso precoce e muito difícil de superar, pois encontram pela frente todos os problemas de adaptação relacionados com a distância a que se encontram da língua e da cultura de escola da sociedade receptora. Sabemos que os pais de Luisa não podiam acompanhar muito os seus estudos por falta de tempo e talvez por falta de recursos e competência escolar; sabemos também que Luisa não possui uma representação de escola excepcional.

Em Inglaterra, o facto de não continuar o curso de intérprete que iria propiciar o emprego ambicionado – “pensava dantes que queria ter um trabalho bom, profissional, ganhar bom dinheiro, um trabalho assim de escritório” – parece seguir já um padrão adquirido de desistência, de interrupção. Com 33 anos, não possui mais ambições educativas para si própria e desculpa-se com a idade: “Já não penso sobre isso, já não vale a pena. Agora penso mais no meu filho, já não tenho idade...”, diz.

Inquirida sobre os seus planos para o futuro, prefere transferi-los para o filho de 5 anos e afirma querer apoiá-lo nos estudos e nas escolhas que ele fizer.

Dar um futuro ao meu filho, aquilo que eu não tive. Ele estudar, já está no futebol... Até tirar um curso...[Universitário?] Sim e fazer aquilo que ele gosta. Ele gostava de ser futebolista, já anda na escola de futebol, ali no Cintra, nos Lusitanos, uma associação portuguesa, aos sábados e às 3as feiras tem na escola aulas de futebol também. Aos sábados tem um treino, jogam, chamam-se 'Os Lusitanos'. *Ele gostava de ser futebolista era bem bom, não era? Ganham bem.* Mas também me interessa muito os estudos dele. Para mim já não me interessa tanto...

P 9: Luisa (419:426)

## 6.8 Conclusões

Duas das mulheres entrevistadas – Gina, 45 anos; Rita, 54 - não continuaram a estudar depois de terminada a 4ª classe por razões que se prendem com:

- dificuldades económicas,
- desinteresse ou oposição paterna ,
- conceito familiar de que ‘o lugar das mulheres é em casa’,
- residência em áreas rurais com transportes difíceis.

Clara (41 anos), em circunstâncias análogas, não pôde continuar a estudar depois de feito o 6º ano de escolaridade, mas recomeçou aos 19 anos, graças ao seu espírito determinado; trabalhando durante o dia e estudando à noite, conseguiu obter uma licenciatura pela Universidade Cássica de Lisboa.

Estas 3 mulheres têm uma boa representação de escola criada principalmente pelas suas professoras de escola primária. Estas docentes foram as únicas pessoas nas suas vidas a apreciar, valorizar e estimular as suas qualidades intelectuais e as primeiras a encorajar a continuação dos estudos. Se o percurso de vida de Gina e de Rita não lhes permitiu prosseguir estudos, o valor fundamental que dão à educação levou-as a apoiar a educação dos filhos em Inglaterra até onde estes quiseram/puderam ir. De um total de 4 descendentes destas duas mulheres, dois iniciaram cursos universitários, mas só um terminou.

Quatro das entrevistadas – Conceição, 32 anos; Eva, 55; Florinda, 42; Luisa, 33 - continuaram a estudar depois Ciclo Preparatório, mas não completaram o 9º ano.

Dez das participantes – um número significativo que representa mais de 58% - continuaram a investir na sua própria educação depois de emigrar. Já em Inglaterra, tiraram cursos profissionais que lhes trouxeram melhorias significativas no mercado de trabalho assim como satisfação pessoal.

Apenas uma das mulheres declarou não estar mais interessada num investimento educativo em si própria.

Uma das mulheres não aprendeu a ler nem a escrever; frequentou no Brasil, área de emigração anterior, um curso de alfabetização de 6 meses que lhe permitiu assinar o nome e reconhecer letras e números. Apesar de ter desde a infância uma má representação de escola, acompanhou atentamente a escolaridade do filho em Inglaterra.

Todas as mulheres com filhos – num total de 15 - demonstraram o seu interesse pela educação destes, apoiaram ou apoiam activamente a sua escolaridade e consideraram os estudos como fundamentais na preparação do futuro deles. As mulheres cujos filhos estão presentemente a estudar, estão interessadas em que eles tirem cursos universitários; as mães apoiam sem distinção os rapazes ou as raparigas. Duas das mães afirmaram que, na escolha de local para trabalhar e residir em Inglaterra, deram preferência a uma área que no futuro facilitasse aos filhos a frequência da Universidade.





## 7 A IDENTIDADE CULTURAL

A identidade cultural das mulheres que participaram na pesquisa apresenta-se como uma construção desenvolvida a partir das suas experiências pessoais e reforçada no contacto com outras identidades e outras realidades de vida numa sociedade diferente. A identidade existia já, como um alicerce/plataforma, antes de iniciado o percurso migratório, mas terá sido depois da saída de Portugal que as experiências de contacto com a cultura do país receptor vieram a permitir a tomada de consciência e o desenvolvimento dessa diferença.

Esses fenómenos podem ocorrer logo de início, quando se entra no país receptor. A União Europeia não estava ainda criada quando Carmo chegou a Inglaterra, e o controlo de entrada no país era severo. No aeroporto, num momento em que se sente mais vulnerável e só, Carmo recorre ao seu conceito de identidade cultural para que este lhe confira o brio e a coragem de que necessita para reagir a seu contento.

Depois de 1 ou 2 horas deixaram-me passar. Ainda levou muito tempo. Eu quase que já chorava, mas tentei não chorar. *Eu sou portuguesa. Não! Chorar... Com lágrimas não se resolve nada.* E, então, quando ele me deixou passar... Eu tinha 2 garrafinhas de Vinho do Porto que até lhas ofereci...

P 6: Carmo (160:163)

Este capítulo visa, pois, observar principalmente três aspectos:

1. O modo como o confronto com a cultura da sociedade de acolhimento influencia a construção da identidade cultural das entrevistadas. Nos relatos das histórias de vida, a identidade cultural surge definida pelas entrevistadas através da comparação com os outros, muitas vezes até por oposição a eles, sendo os outros as pessoas inglesas e de outras nacionalidades com que interagem no dia a dia, geralmente dentro das suas relações de trabalho. Os diferentes modos de reagir perante uma realidade semelhante conduzem à conclusão de que portugueses e ingleses possuem características diferentes. Atribuem-se a ambos determinadas “qualidades” e “defeitos”, alargam-se as conclusões e fazem-se frequentemente generalizações sobre as duas culturas. Este

assunto constitui até um tema inevitável de conversa e debate entre os portugueses que vivem em Inglaterra.

2. Os sentimentos, acerca de si e dos outros, que nascem do confronto de identidades. Quais as situações que fazem despoletar reacções relacionadas com a identidade cultural? Ir-se-á ainda observar o modo como as entrevistadas exprimem a identidade cultural que construíram e que iniciativas tomam para a transmitir.

3. A maneira como as entrevistadas percebem a comunidade portuguesa em Inglaterra e o que as liga a Portugal.

## **7.1 Nós e os outros: a comparação de características**

É no confronto de características, observando os outros e comparando os nossos procedimentos com os deles que acabamos por nos conhecer melhor e definir a nossa identidade. A identidade é construída através de vivências e através de uma determinada trajectória de vida.

### **7.1.1 Os conceitos que as mulheres encontram já formados**

Quando chegam, podem-se deparar, logo de início, com uma opinião já formada pelos outros sobre características que são atribuídas à sua nacionalidade. Nesse caso, são confrontadas com características identificadoras que não construíram e que foram originadas no exterior. Patrícia e Célia referem como uma das primeiras experiências identificadoras, o facto de as portuguesas serem conhecidas pelo seu arranjo e asseio e pela competência nos trabalhos de limpeza e serem, por essas qualidades, preferidas na concorrência com trabalhadoras de outras nacionalidades.

é mais fácil para nós arranjar trabalho. Isto na parte dos empregos de fazer limpezas. Porque nós estamos prestigiadas porque *somos limpas. Somos asseadas e somos competentes no trabalho. Isso já ouvi...* Não sei directamente. Coisas que eu fui apanhando no ar nos hotéis “Ah, ela é portuguesa!”, “Sim, se é portuguesa, trabalha bem.”

P2 Patrícia (1443: 1447)

em Portugal, *a mulher portuguesa arranja-se melhor* do que a mulher inglesa, e tem outra maneira de se apresentar. (...) a zona em que eu vim calhar, que horror em que as pessoas viviam.. eram sujas.

P 1: Célia (98:102)

### 7.1.2 Os conceitos que vão sendo construídos pelas mulheres

Por outro lado, embora sob múltiplas influências exteriores, a identidade cultural é também progressivamente construída pelo sujeito, através das suas vivências diárias, na rua, no trabalho, em contacto com os seus pares, superiores, etc.. Rita desenvolve as suas próprias conclusões, através da observação e da comparação (como são eles e como sou eu) e por oposição até das suas características pessoais às dos outros. Por extrapolação, atribui aos ingleses e aos portugueses qualidades e defeitos que vão depois contribuir para a construção da sua própria identidade cultural.

comecei a ver várias coisas... Houve muita coisa... Acho que tive um choque muito grande de cultura e de educação, e (...) custou-me muito a adaptar à maneira realmente dos ingleses. Ainda hoje acho que eles são muito frios, que são muito... Tentei sempre o ambiente português.

P5 Rita (261: 265)

Rita refere o que observou: a frieza dos ingleses em oposição à capacidade que os portugueses têm de reagir emocionalmente e de desenvolver relações calorosas. Estas últimas características, com as quais se identifica, provocam nela sentimentos positivos e de auto-estima.

acho que nós somos muito quentes. Aquecemos, fervemos em pouca água mas, ao mesmo tempo, passado 5 mins. damos a mão a qualquer pessoa, ajudamos qualquer pessoa, seja ela quem for, seja preto, branco, ou inglês, ou português, ou espanhol. E eu acho que essas coisas todas são bonitas e são boas

P5 Rita (481:485)

Lina é educadora infantil, formada em Portugal; trabalha desde há cerca de 10 anos em escolas infantis inglesas. As suas atitudes e práticas de ensino são diferentes das das colegas inglesas.

Os ingleses têm muito a mania de não tocar, não se toca, uma boa profissional não toca nas crianças. Incorrecto, não é bem assim, há momentos em que é muito importante o contacto físico, especialmente com essas crianças autistas. Então eu ao falar com ele, com muito jeitinho, virava-lhe a cara para haver contacto ocular, mas muito gentilmente e ele sentia a minha energia que era boa e positiva. Não era: 'eu quero que faças isso', era: 'vamos tentar fazer isto' que era completamente diferente. A minha atitude pedagógica neste país tem dado azo a muitos ciúmes.

P17: Lina (306:314)

Essa diferença de atitude pedagógica não parece ter só origem na diferença de formação profissional. A nacionalidade não inglesa de Lina provoca também alguma desconfiança por parte dos pais das crianças que são postas a seu cargo no início de cada ano lectivo. No entanto, ela ultrapassa essa dificuldade e “conquista” os pais através dos resultados do seu empenhamento diário.

Os pais no principio têm sempre aquele...medo ‘ Esta não é inglesa’. *Os pais que são ingleses retraem-se muito, preferem...* Vamos lá a ver: nós temos medo do que não conhecemos. Eu conquisto os ‘meus’ pais, mas leva um tempo para os conquistar. É com a prática do dia a dia. Eles vêem os miudos a evoluir e percebem que os filhos nunca choram para vir para a escola, os meus miudos nunca choram para ir para a escola, eles choram quando é para ir para casa. Os pais gostam disso.

P17: Lina (408:415)

Lina assume a diferença, quer de atitude pedagógica quer de identidade cultural e sublinha-a no contacto de trabalho com os seus pares. Com o facto de assumir a sua identidade cultural, Lina sente, com agrado, que reforça “o controle da sua vida”.

Sinto-me bem. Ainda não estou cem por cento adaptada aqui, mas tenho a impressão de que também não quero, sou eu que rejeito, porque eu *não quero ser inglesa*, não quero mesmo ser inglesa nem quero que me confundam com pessoas inglesas. Eu estou sempre - e talvez por isso elas talvez não gostem de mim lá na escola - eu estou sempre, sempre que posso meter a minha colher, a dizer que em Portugal é desta ou daquela maneira, a nunca esquecer Portugal e claro, depois levo na cara porque elas não gostam. Por outro lado *sinto que com isso tenho o controle da minha própria vida*. E isso agrada-me.

P17: Lina. (483:492)

## **7.2 A identidade cultural vista como uma responsabilidade**

Algumas entrevistadas exprimiram um forte sentido de identidade cultural que é vista e assumida como algo de que se é responsável, que motiva ou orienta o seu comportamento de cidadãs portuguesas em Inglaterra. Neste caso, a identidade cultural tem para o sujeito uma componente afectiva, algo que sente como seu e, conseqüentemente, incumbe-se a tarefa de a preservar, fazer respeitar e transmitir.

### **7.2.1 Respeitar**

Custódia avalia a reacção dos outros à sua diferença de nacionalidade, regista os comentários e assume afectivamente a sua identidade cultural.

Nunca encontrei ninguém que fizesse alguma apreciação, algum comentário depreciativo, pelo contrário. Cada vez que me perguntam de que nacionalidade eu sou, dizem logo “Ah, portuguesa! Ai que interessante! Ah, eu gosto tanto de Portugal”. (...) Têm sido sempre de opinião favorável. Eu nunca me senti nem deprimida nem pouco à vontade, nem diminuída de alguma maneira por ser portuguesa.

P 4: Custódia (1057:1068)

Vê como um dever e uma responsabilidade o bom comportamento dos membros da comunidade dentro da sociedade que os recebeu.

nós como estrangeiros, vivendo noutra país que não o nosso, *temos o dever de nos portarmos na linha, para não comprometermos o nome do nosso país*. Não é sermos subservientes nem nada disso. Eu acho que é um dever. Eu acho que é um dever. (...) Se nós nos portamos mal, dizem assim “Olha, como se porta aquela portuguesa!” Fica muito mal! Há, no entanto, muitas pessoas que vêm para um país estrangeiro e depois desatam a fazer todos os disparates, pensando que, não estando em Portugal (...) não faz mal porque os seus conterrâneos não estão a vê-los. Portanto, passa despercebido. Mas não passa despercebido. Estão a manchar o nome do seu país. E deviam respeitá-lo.

P 4: Custódia (1199:1214)

## 7.2.2 Transmitir

1. A transmissão dos conceitos e características que Custódia considera fazerem parte da identidade cultural, não só é feita no âmbito familiar, como é alargada e divulgada através das obras que escreve sobre aspectos da maneira de viver portuguesa.

(os meus filhos) têm um grande respeito por Portugal. O que lhes passei foi a minha maneira de proceder, a minha maneira de ser, a minha família portuguesa que eles consideram com muito amor (...)

entretanto tinha sido convidada por uma editora cá em Londres para escrever sobre gastronomia portuguesa. Porque não havia cá nada e eu disse “OK mas com a condição de poder não só apresentar receitas mas também partes da história e partes literárias.” “Sim, sim. É precisamente isso que queremos.

P 4: Custódia (1000:1003) (262:267)

2. Rita encara a sua identidade cultural de modo afectivo e exprime a opinião de que no estrangeiro é necessário transmitir a cultura portuguesa aos filhos e aos outros portugueses, como um modo de estimular nestes o sentido de pertença e de os unir. Rita vive e põe em prática as suas convicções, quer dentro do círculo familiar, quer no âmbito da comunidade, quer no seus empregos de trabalho doméstico. Assim, em

casa, acompanha os estudos dos filhos e, quando eles aprendem história de Inglaterra, não se esquece de estabelecer paralelos com a história de Portugal.

Senti sempre a cultura portuguesa. Que acho que nós somos riquíssimos na nossa cultura, embora haja pessoas que pensem que nós somos atrasados. Não somos nada atrasados, pelo contrário. Eu, talvez seja um bocadinho de patriotismo a mais, mas eu penso que não. Eu acho que nós somos mais culturais, mais... Acho que a nossa cultura é mais rica do que a deles. E acho que *é obrigação nossa, como portugueses num país estrangeiro, fazer com que os nossos filhos aprendam a nossa cultura*, e que as pessoas realmente... *E unir os portugueses* e fazer ver que realmente a nossa cultura é melhor do que a do país onde nós estamos, e protegê-la.(...)A nossa cultura, que acho riquíssima em várias componentes, de história,(...) desde que somos portugueses. Eu acho que é uma cultura riquíssima, uma história maravilhosa. Acho que a nossa história é uma história linda. Eu adoro História e tenho visto coisas de história inglesa... Tenho lido livros de história inglesa. Acompanho os estudos do meu filho, acompanhei, e acompanho agora da minha filha, e continuo a ver que a nossa história tem coisas maravilhosas, embora tenha algumas coisas más ...

P 5: Rita (450:485)

No âmbito da comunidade portuguesa em Londres, Rita cria e dirige uma associação em cujas actividades culturais interagem jovens portugueses e ingleses. Como empregada doméstica, cozinha pratos portugueses e afirma que ‘isso também é cultura’.

o criar uma associação representa para isso que todos os nossos costumes são ali mencionados. E os filhos crescem, nascem e crescem, e eles próprios mais tarde divulgam. Como o meu filho que já pertenceu também à direcção do Clube e é sócio. E a minha filha tem feito danças e tem entrado em teatros, incluindo o ano passado, quando as inglesas foram ler os versos de Camões. Eu acho que tudo isso me faz... Acho que é bonito, acho que realmente que é algo muito importante. Para mim é e para a minha família.

(...)

como eu às vezes digo, eu, em vez de ser de história, sou de tachos. (risos) Faço a comidinha portuguesa. Ensinei um alemão... Ela, a baronesa para onde eu trabalhava, ele era barão alemão, e ela era da família real jugoslava. Portanto, uma mistura, *e eu cozinhava em português*. Ao ponto que eles hoje no ‘sul de África’ já descobriram os restaurantes portugueses que lá há e é onde eles comem. Alguma coisa ficou. De maneira que acho que isso também é cultura.

P 5: Rita (490:533)

### **7.3 Alguns aspectos e características da comunidade portuguesa em Inglaterra**

Considera-se *comunidade* o grupo que permanece num dado território e que “ tem dimensão suficiente para revelar uma estrutura social determinada por um espectro completo de grupos etários, de representatividade de sexos, de relações familiares e de

interacções sociais que lhes conferem alguma unidade de propósitos e um sentimento comum de pertença” (Rocha-Trindade, 1995)

### **7.3.1 Aspectos da comunidade nos anos 60 e 70**

A comunidade portuguesa de hoje, em Inglaterra é consideravelmente diferente da dos anos 60 e 70 não só em número de indivíduos, mas também nas suas características; isso deve-se em parte às diferentes condições de entrada e de trabalho no país.

Segundo o Boletim Annual da Secretaria de Estado das Comunidades Europeias (1988), o número de emigrantes legais com destino ao Reino Unido começou a aumentar em 1961, quando entraram nesse país 137 portugueses. O número mais elevado de entradas desse período – 783 – foi registado em 1969, após o que se verifica uma descida suave até 1975, ano em que entraram 630 emigrantes legais portugueses. Em 1976 foram registadas apenas 136 entradas. Portanto, nas décadas de 60 e 70, o período em que foi registado maior número de entradas foi o de 1965 a 1975.

Antes da Revolução de Abril, algumas pessoas emigravam para o Reino Unido por motivos políticos, mas era maior o número de emigrantes por razões económicas. A respeito das características do surto migratório iniciado nos anos 60, registamos as palavras da Dr<sup>a</sup> Maria Emília Monjardino.

algumas pessoas (...) vinham para aqui como emigrantes económicos com razões políticas subjacentes, mas o grosso da emigração dos anos 60 era uma emigração económica e as pessoas vinham de profissões já estabelecidas (...) serralheiros, carpinteiros, marceneiros, electricistas, tipógrafos e pequenos funcionários públicos. Tinham já uma diferenciação profissional. Nessa altura, o regime da entrada cá era o dos ‘permits’; as pessoas tinham que vir com um ‘permit’ de trabalho, tinham que encontrar um patrão que lhes arranjasse uma autorização de trabalho (...). Precisavam de autorização para mudar de patrão e não podiam mudar de ramo profissional. Portanto, vinham trabalhar para aquilo em que havia falta de mão-de-obra cá, que eram os trabalhos domésticos, e isso geralmente em hospitais, porque nessa altura as pessoas que limpavam os hospitais trabalhavam para o Serviço Nacional de Saúde e não para estas agências que os exploram como agora. [Vinham trabalhar para] escolas, geralmente privadas e casas particulares. Outras pessoas vinham logo para hotéis e restaurantes. Portanto vinham para estas duas actividades com o seu ‘permit’ de trabalho, e os que vinham para as actividades domésticas traziam a famigerada declaração a dizer que não tinham filhos, a que geralmente o Home Office depois fechava os olhos.(...) Estas pessoas vinham de cidades; de Lisboa, ou do Porto, ou das cidades mais pequenas. Já tinham feito a primeira emigração, às vezes do campo para a cidade, ou eles ou os pais deles. Aqui era o seu segundo surto migratório, em condições de trabalho bastante penosas mas que lhes valiam a pena do ponto de vista

económico. Vinham fazer estes trabalhos, mas eram muitas vezes uma pequenina burguesia urbana ou operários especializados, já com uma certa propensão para a pequena burguesia urbana. Tinham na maioria cerca de 30 anos, já tinham família e eram pessoas de uma respeitabilidade quase irritante, às vezes. Eram, de facto, pessoas extremamente respeitáveis. ‘Não se explora os outros, trabalha-se porque se é pago para trabalhar, prefiro não ter benefícios do Estado’. Uma das minhas grandes actividades que continuou no Consulado, era explicar às pessoas que os benefícios eram direitos, não eram favores. Lá iam, mas a sua primeira preocupação era serem auto-suficientes. Eram pessoas inconcebivelmente trabalhadoras, dispostas a sacrificarem-se para se bastarem a si próprias. (...) curiosamente vinha muitas vezes a mulher à frente. O marido vinha depois com os filhos, porque a mulher encontrava trabalho mais facilmente por causa do trabalho doméstico. Mas viesse o marido, ou viesse a mulher primeiro, o que vinha, vinha com profundo sentido de lealdade relativamente àqueles que deixava.

M.E.M.(486:561)

De 1965 a 1975, funcionou em Londres *A Liga do Ensino e da Cultura Portuguesa* uma associação que apraz destacar pela acção que teve e pelos frutos que deu. Os emigrantes mais antigos recordam-na e algumas das associações que hoje existem inspiraram-se nos seus estatutos. O relato de várias mulheres que nela tiveram uma participação activa, leva a concluir que a Liga, com o seu apoio aos recém chegados, a sua acção de entre-ajuda, as festas e sessões de convívio familiar, as conferências e o ensino gratuito do inglês, teve uma acção decisiva no estabelecimento dos alicerces de um sentido de comunidade entre os portugueses que viveram em Londres nessa época. A Dr<sup>a</sup> Maria Emília Monjardino, como uma das fundadoras da Liga, dá sobre a acção desenvolvida, algumas informações preciosas.

[no]fim dos anos 60 havia aqui em Londres um grupo muito activo de pessoas que eram antifascistas, que estavam interessados em fazer trabalho junto da emigração, (...),trabalho associativo.(...) Nessa altura, fundámos uma organização que se chamava a Liga do Ensino e da Cultura Portuguesa, que estava afiliada nas ligas do ensino que existiam na Europa. (...) E a associação, ao contrário do que se poderia pensar, teve um grande sucesso junto da emigração. Era uma associação onde havia festas interessantes, havia conferências.(...) [A Liga]Organizava festas com música e com danças, E os artistas que nós trazíamos eram, de facto, muito bons: o José Mário Branco vinha porque estava em Paris, exilado, (...) O José Afonso vinha porque respondia sempre positivamente a estas coisas e a gente conhecia-o há muito tempo, ele dava um grande apoio. Tivemos cá o Padre Fanhais, o Adriano Correia de Oliveira, o Cintra (...) Tínhamos, de facto muita gente boa que vinha (...) Faziam a festa. Nos tínhamos uma série de gráficos - alguns agora são muito conhecidos - que faziam sempre uns cartazes (...) muito bem desenhados. Fazíamos conferências (...) e, depois, havia na mesma o baile, ou havia comes e bebes a seguir à conferência. (...) pessoas que depois vieram a ter cargos políticos muito importantes, vieram cá fazer conferências.(...) lembro-me que o Medeiros Ferreira veio cá fazer uma conferência sobre o Brasil. Eu fiz (...) uma espécie de seminário sobre Planeamento Familiar, que foi interessantíssimo, porque toda a gente na plateia discutia (...) Os temas cobriam os assuntos mais diferentes e tentava-se interessar as pessoas. Aquilo tinha era que ser feito de uma maneira simples e acessível às pessoas. (...) Tinha-se



aulas de Inglês que depois não continuaram com tanto zelo com que deviam ter continuado. Era sobretudo um sítio de convívio num grande regime de igualdade. As pessoas colaboravam nas suas várias áreas (...) ou se zangavam, num grande regime de igualdade.(...) Era um sítio muito engraçado, de convívio basicamente. (...) a Liga tinha os seus estatutos que não eram estatutos que envolvessem nenhuma actividade política. (...) os emigrantes eram muito respeitados, e era um sítio muito respeitável, as pessoas iam em família e havia meninos a correr. Era uma coisa agradável, de facto. (...) [a abertura da sede não era] constante, porque não havia possibilidade de estar lá sempre alguém.(...) pagávamos uma renda, havia sócios, mas os portugueses não são muito para pagar quotas. (...) faziam-se imensas actividades para as crianças. As festas estavam sempre muito cheias. Há muita gente aí em associações ainda que vem desse tempo.

(M.E.M. 60-82; 900-981)

Outras pessoas dão a sua perspectiva da Liga, reflectem o interesse que despertava e o sentido de comunidade que ia fomentando:

Era um clube português de que gostava porque se encontrava lá muita gente interessada em arte, em música, cinema e todos os filmes antigos que tinham grande valor. Passaram lá filmes brasileiros fantásticos 'O pagador de promessas' (...)Eu gostava muito daquele clube, mas desfez-se não sei porquê e nunca mais soube daquela gente.(...) mas era gente de categoria, com interesse mental, eram pessoas que se interessavam pela situação em Portugal, queriam que Portugal se desenvolvesse,

P 3: Júlia (593:614)

Na Liga nós tínhamos secções. Havia uns que eram os professores de inglês, que ajudavam todos os emigrantes que não falassem inglês. Davam-lhes lições de graça. Havia uma biblioteca bastante boa que eles tinham arranjado, de livros portugueses. E havia outras pessoas... Cada um tinha a sua função. E a minha função era tentar ajudar a arranjar trabalhos para portugueses que não estivessem bem ou que precisassem de ajuda. (...) geralmente, era eu ou a Maria que levávamos as pessoas aos trabalhos e que falávamos quando era preciso alguma coisa. Havia pessoas, havia casos até de portugueses, coitados, que não falavam a língua e que estavam a viver 'dentro'[empregados domésticos internos] e que viviam terrivelmente mal. Eram escravizados ao máximo. Eu lembro-me de um casal que a Dra. Maria Emília foi lá buscá-los, que eles, coitadinhos, só comiam batatas quando os patrões iam para fora. E foi buscá-los e arranjou um quarto para eles viverem, e arranjàmos-lhes trabalho para eles estarem. De maneira que era assim, alguém que precisasse de ajuda... (...)íamos levar as pessoas aos trabalhos, e traduzíamos.(...) E abríamos uma vez por semana. (...) Era um escritório pequeníssimo mas era uma coisa fantástica. As pessoas que o Dr. João Monjardino e a Dra. Maria Emília ajudaram num coiso tão pequenino é impensável, incluindo ajudar a trazer filhos para cá, de portugueses que estavam cá sem os filhos, e eles irem ao aeroporto e responsabilizarem-se pelas crianças. Eu penso que ainda nunca foi reconhecido, o trabalho deles. Eles foram uma grande ajuda para mim, não só ajuda materialmente, como até inclusivé (...) de saber o que estava mal no nosso país, o que não estava e o que estava mal cá. Ensinou-nos os direitos que tínhamos.

P 5: Rita (307:359)

### 7.3.2 A preocupação económica

Hoje em dia, como vê cada uma das mulheres a comunidade a que pertence e como participa na vida do grupo de indivíduos que reclama possuir uma identidade cultural semelhante à sua?

É comum a opinião de que os portugueses em Inglaterra têm como principal objectivo beneficiar economicamente a sua situação, resumindo as suas vidas a uma rotina de trabalho em que não existe espaço para convívio nem para enriquecimento espiritual/intelectual.

Acho que não são tão dados como em Portugal, aqui não convivem, cada um tem a sua vida, *trabalho casa, casa trabalho*, convivem talvez mais ao fim de semana, mas acho que aqui é uma vida presa, em relação a Portugal, aqui não têm tempo para conviver, têm as suas vidas.

P 9: Luisa (487:491)

noto que a maioria da mulher portuguesa (...) *não convive, não tem uma vida social. Trabalha, casa, a família, é só isso.*(...) a maioria das pessoas que vêm para cá, vêm para beneficiar um pouco a vida delas, não é? Monetariamente.

P 1: Célia (15:21)

nos meios portugueses, nota-se muito, as pessoas procuram cada vez fecharem-se mais e mais e mais e mais, apesar das idades. *Não vejo nos portugueses vontade de se enriquecerem pessoalmente,*

P11: Florinda (1324:1327)

### 7.3.3 A entre-ajuda

As relações de Patrícia com a comunidade portuguesa sofrem uma evolução e acompanham a maneira como ela própria se familiariza com a sociedade de acolhimento. Patrícia começa por lamentar que alguns portugueses em Inglaterra, por causa dos seus próprios interesses económicos e a fim de serem favorecidos pelos padrões ingleses, sejam capazes de explorar outros portugueses. Teve experiência dessa situação no início do seu percurso, quando se encontrava mais vulnerável.

Isto é a exploração dos portugueses aos portugueses. Está a compreender? Isto é a exploração dos portugueses aos portugueses. (...) Isto era uma pessoa portuguesa. O 'manager' de um hotel, que era português. Tinham uma casa que pertencia ao hotel que estava alugada. Era lucro. Quanto mais lucro, mais bem visto ele ficava. Mas há. Esse tipo de *exploração de uma pessoa portuguesa que está a trabalhar com ingleses*

*e que para subir na vida pisa os outros. Só que nós só acordamos ao fim de 6 ou 7 meses de aqui estar.(...) E há muito. Muito.*

P 2: Patricia (462:469)

Numa segunda fase do percurso, Patrícia encontrou dentro da comunidade outro tipo de portugueses, alguns com situações familiares semelhantes à sua, “pessoas honestas e trabalhadoras” que a informaram e ajudaram.

*foi quando eu comecei a conhecer mais as pessoas portuguesas. Pessoas da minha idade que estavam cá e também tinham família lá, e estavam à espera de trazer a família. E começaram a abrir-me os olhos acerca dos benefícios que podiam ajudar as crianças, para ajudar a trazer a família para cá. Em relação às casas. Outros empregos melhores. Outros hotéis, outros sítios onde se podia trabalhar e que não se era explorado.(...) tinha que arranjar casa para sair do hotel onde estava e arranjar trabalho noutra lugar.(...) fui ajudada pelas pessoas que... Pela comunidade portuguesa que residia aqui. Oriundos da Madeira. Umas pessoas muito simples e muito honestas. Trabalhadoras. Fui ajudada por eles porque nós temos que dar ... arranjar... referências.*

P 2: Patricia (667:685)

Neste momento, é Patrícia que se solidariza com os recém-chegados e que, sempre que necessário, traduz, interpreta, preenche papéis, informa e acompanha.

*ajudo os portugueses. Sou muito procurada porque há muitas crianças... Há muitas pessoas que vêm de Portugal que não falam o Inglês. Tal como quando eu cheguei aqui, não sabia nada. Não sabia onde é que estava. (...)Ajudo pessoas que vêm para cá, que vêm trabalhar, que vêm lutar por eles, pelos filhos. Ajudo-as em tudo aquilo que posso. Eu elucido-as do que há, . Preencho os impressos, vou com elas lá. Faço tradução, interpretação, preencho os papéis. Faço-lhes 1001 perguntas para saber se elas têm direito a mais alguma coisa ou não. Ajudo-os no máximo. Ajudo-as. Cheguei já a ir a tribunais, e tudo mais. Vou com as pessoas ao médico, ao hospital. Pessoas que vão fazer operações, eu vou com elas. Eu estou lá com elas.(...) E é uma maneira de eu me sentir útil aqui.(...) Às vezes o que acontece é comprarem-me prendas...*

P 2: Patricia (1136:1155)

#### **7.3.4 A comunidade portuguesa em Lambeth**

Dora, Gina e Angelina vivem em Lambeth, uma zona de Londres onde a comunidade portuguesa tem, nos últimos anos, registado um crescimento acentuado e revelado dificuldades graves em termos sociais. Em certas áreas de Lambeth, têm-se agudizado problemas de alojamento, saúde e emprego.

Sobre este assunto, passamos agora a referir resumidamente algumas das conclusões do relatório *The social and cultural needs of the Portuguese Community in Stockwell*

(Porteus and Nogueira, 2001), uma vez que incide sobre Stockwell, a zona de Lambeth com maior densidade populacional portuguesa.

- O **alojamento** nesta área revela-se insuficiente ou degradado, enquanto a população aumenta constantemente, fazendo crescer o problema dos desalojados entre os portugueses recém chegados.
- Quanto à **saúde** notam-se, entre a comunidade, problemas de desinformação, de falta de acesso aos serviços de saúde, problemas de saúde mental, alcoolismo e consumo de droga entre outros.
- Quanto a **desemprego**, embora a percentagem de portugueses a viver do subsídio seja menor que a do grosso da população de Lambeth, um número exagerado de pessoas tem apenas trabalhos manuais mal remunerados e revela dificuldades em iniciar cursos de treino profissional.

Para além destes problemas, existem ainda preocupações sérias na área da **educação** e na da segurança. A pesquisa efectuada em Lambeth, principalmente pelo projecto do Departamento do Ensino Básico, de que referimos o relatório da primeira fase, *Portuguese children in British Schools: England and the Channel Islands* (Abreu, Silva & Lambert, 2001), revela que as crianças portuguesas estão entre as que têm mais baixo aproveitamento escolar. Entretanto, as autoridades educativas da área referem um elevado grau de absentismo entre os jovens portugueses.

No que se refere ao nível de **segurança** nesta zona, os portugueses receiam o aumento do crime. O aparecimento de membros da comunidade envolvidos em grupos de assaltantes é recente e as autoridades locais relacionam-no com o consumo de droga e com a delinquência juvenil.

Como ficou dito acima, os relatos de três mulheres que residem em Lambeth fazem eco destas preocupações. É de notar o tom em que são feitas as suas afirmações: há alguma censura em relação a comportamentos que elas não aprovam. Dora refere o caso dos portugueses que se acomodam na situação de desemprego e ainda procuram abusivamente tirar proveito dos que trabalham.

a comunidade portuguesa é um bocado estranha. Não digo que sejam todos, há boas pessoas concerteza. Tenho amigas portuguesas da Madeira, mas ao longo do

relacionamento com portugueses tenho tido muitos problemas, muitos problemas, género de bisbilhotices e tentarem aproveitar-se de situações. Há pessoas que estão com subsídio de desemprego com eu já estive, não condeno ninguém, mas acho que essas pessoas devem aproveitar os subsídios para endireitar a sua vida e ir à luta. Há muitas pessoas que se acomodam, não é preciso fazer nada, pagam-lhes casa, pagam-lhes tudo e passam a ir a casa deste e daquele com o interesse de se aproveitarem das situações ou das pessoas. Uma amiga minha, por exemplo, trabalha e todos os dias tinha pessoas à porta dela porque era hora do jantar e essas pessoas o pouco dinheiro que ganham de subsídio não dá obviamente para tudo e aproveitam-se, sabendo que as as pessoas trabalham, têm mais encargos e mais problemas...

P14: Dora (209:223)

Angelina relaciona o consumo de droga com o envolvimento de alguns portugueses em crimes de roubo e assalto de que ela própria já foi vítima mais que uma vez. Comenta ainda a degradação dos que não têm casa e vivem em Brixton, na zona sul de Lambeth. Quanto a Gina, a sua recusa, muito pouco comum, em comentar a situação da comunidade constitui, por si só, uma resposta.

Então aqui Stockwell está uma desgraça...portugueses aí... Mãe do Céu se roubam... Não viu a reportagem? Da RTP fizeram perguntas e eles disseram que por cada coisinha de droga que compravam eram logo £70 e perguntaram 'Onde é que vocês vão buscar o dinheiro para pagar isso?' 'A gente sabe onde é que ele está, vai-se com um escurinho e rouba-se' Isto não é uma tristeza? A senhora vai ali a Brixton e só vê aqueles drogados, com aquelas barbas nojentas, dormem em carros. Há milhares de portugueses aí. Madeirenses e continentais está tudo junto, uma vergonha. Quando [vim] para cá (...) não havia quase ninguém. (...) Olhe eu não lido com ninguém. Só falo com (...) os que trabalham aqui. Eu sei que não dá certo...porque a raça pior que há é a nossa.(...) é a raça mais invejosa uns pelos outros. Se a senhora tem uma casa, 'onde é que foi buscar dinheiro para aquela casa? Não se admite que tenha uma casa assim'. Depois tem que se ter uma casa melhor que ela. (...) invejosos uns pelos outros. (...) Ninguém sossega. [Gostava de ser espanhola em vez de Portuguesa?] Não. Somos como somos, nascemos onde nascemos.

P16: Angelina (492:534)

[pergunta: Acha que a comunidade aqui tem muitos problemas?] Não sei. Há alguns problemas...(silêncio). [pergunta: Não quer falar nisso, pois não?] Não.

P15: Gina. (247:250)

### **7.3.5 Aspectos do funcionamento de uma das associações de portugueses em Londres**

Uma associação de portugueses no estrangeiro nasce geralmente a partir de "redes de conhecimentos e amizades já constituídas e que procuram, a partir de então, perpetuar essas relações e, se possível, alargá-las a outros grupos e pessoas" (Rocha-Trindade, 1995). Nalguns casos, o objectivo principal de uma associação é criar um espaço de

convívio que torne possível “a organização de encontros, de refeições em conjunto, de bailes ou da celebração de certas datas festivas”(idem).

Depois de 25 de Abril de 1974, um grupo de portugueses residentes na zona este de Londres, decidiu organizar uma associação onde não se discutisse política e onde as famílias, com as suas crianças, se encontrassem e pudessem conviver e comemorar datas festivas.

Os objectivos da associação... A nossa associação foi formada num aspecto de se não discutir política, religião dentro da associação. O objectivo era *criarmos uma situação estável para que as crianças pudessem estar. Uma situação familiar em que o marido e a mulher vá, a criança também vá*, e que a gente saiba que *temos ali um sítio onde nós podemos estar a conviver*. Os nossos filhos convivem... E acho que atingimos isso porque hoje em dia, ao Sábado, há tanta mulher, como homem, como crianças. Todos os Sábados.(...)As pessoas já não jantam em casa, vão lá jantar. Geralmente há 2/3 pratos. Há sempre bifanas e batatas fritas. E depois há sempre outros pratos: cozido, feijoada. Há sempre. Todos os sábados.

P 5: Rita (840:864)

Rita, com o seu sentido gregário e a prática de ter participado, durante os anos 60/70, na Liga (ver 7.3.1, neste capítulo), fez parte desta iniciativa desde o princípio e foi eleita presidente durante vários anos.

nós todos os anos temos eleições. Acho que é o único clube cá que tem eleições todos os anos mas pronto, é os nossos estatutos. São como os da Liga. Aliás, há muita coisa nos nossos estatutos que foram tirados dos estatutos da Liga.

P 5: Rita ( 297:299)

O modo como a associação cresceu e como funciona e ainda os materiais e os recursos de que dispõe – tudo é aqui espontâneamente descrito.

Não temos dívidas. (...) Temos algum dinheiro no banco. convém ter sempre porque a renda de casa é muito cara. São £350, não, £330, mas vai aumentar agora porque o Lord que é o dono daquilo já nos mandou uma carta a dizer que têm que aumentar. Há muitos anos que lá estamos e eles não têm aumentado. Eles têm sido muito bons para connosco. Temos o escritorzinho, e temos a parte de baixo. Uma parte da sala grande em baixo é o nosso “storage”, onde temos lá as bebidas, as mesas, temos tudo. ao contrário de outros clubes, todo o dinheiro que nós fazemos tentamos empregá-lo no Clube. Por exemplo, (...) antigamente quem nos emprestava as mesas era uma escola. Até que juntámos dinheiro, comprámos mesas e cadeiras. Agora as mesas já tinham quase 18 anos, já estavam a ficar velhas. O ano passado gastámos £3000 em mesas. As mesas que temos este ano são novas. Ficámos com algumas das antigas que estavam boas. Comprámos mais cadeiras. Agora avariou-se a TV... Porque pusemos TV portuguesa também.... tivemos que comprar outra. Frigorífico, temos louça, talher, tudo que é preciso. Temos uma bibliotecazinha pequena, mas temos. Que a Calouste Gulbenkian deu-nos uma... Temos mais ou menos tudo para

servirmos. Depois há sempre coisas que a gente precisa de comprar, como bolas de ping-pong, como setas, para as pessoas jogarem, para as crianças e tudo.

P 5: Rita (990:1015)

O tipo de actividades que cada associação realiza está relacionado com os interesses manifestados pela maioria dos associados e pelas preferências dos dirigentes. Assumindo a liderança da associação, Rita teve também uma acção que se pode classificar como pedagógica ao abrir a associação a uma convivência multicultural no sentido de contrariar preconceitos.

Eu lutei sempre para que os jovens tivessem uma palavra a dizer no Clube. E há certos adultos que ainda não aceitam. E isso eu tenho sido sempre um género de luta contra a maré. Consegue-se algo mas sempre a muito custo. E todas as vezes que lá estou geralmente organizamos um grupo, ou de dança, ou de teatro Já tentei várias vezes fazer um rancho folclórico mas acaba por ir por água abaixo. Por exemplo, há 2 anos tínhamos tudo organizado, tínhamos a ensaiadora e tudo, mas porque a mãe duma achava que não era bonito, que tínhamos os rapazes portugueses e que iam dançar com as inglesas, e que a filha dela tinha que dançar com outra rapariga e mais não-sei-quê... Há esses pequeninos preconceitos ainda na nossa gente. (...) a mim custa-me um bocadinho porque eu não sou assim. Mas temos conseguido... No ano passado tivemos vários espectáculos. Um grupo da escola da [minha filha] completamente inglesas, que dançam, fazem um grupo de dança, (...) e vieram pelo Natal. fizeram um programas para as crianças maravilhoso. Um programa de dança. Na altura são contra, mas quando acontece adoram.

P 5: Rita (866:891)

## **7.4 A ligação a Portugal**

Procurou-se saber, em função da identidade cultural, que sentimentos ligam as entrevistadas a Portugal neste ponto dos seus percursos de vida. Inquiriu-se também sobre a frequência com que visitam Portugal e, nalguns casos, se se recordavam de um acontecimento histórico que tivessem vivido ou sobre o qual tivessem lido.

### **7.4.1 Em Portugal uma vez por ano**

Geralmente visitam a terra de origem uma vez por ano - pelo Natal ou pelas férias de verão – com o intuito de passar algum tempo com membros da família, irmãos e pais. Angelina considera importante rever os irmãos que lhe restam e o Natal proporciona um tempo de recolhimento familiar que ela prefere.

Este ano vou outra vez no Natal, porque eu tenho 1 irmão e duas irmãs só e eu gosto de passar o Natal com eles. Como o resto da família tá acabando, eu gosto de passar com eles. Eu podia ir agora, o grupo agora vai à Madeira. Eles vão bailar á Madeira e eu podia ir com eles mas eu prefiro ir no Natal. Porque *gosto de passar o Natal com eles*.

P16: Angelina. (208:214)

As mães jovens preferem geralmente ir a Portugal pelo verão, já que as crianças têm mais liberdade de brincar no campo ou na praia. Luisa mencionou o gosto pelo calor, pela praia e pelo sossego. Em paralelo, é interessante apontar o facto de Patrícia resumir séria e afectuosamente o que experimenta, quando pensa no seu país, a uma sensação de “calor físico”.

...costumo ir uma vez por ano quando é possível, gosto de ver os meus pais que estão lá, vou no verão. O [meu filho] gosta de ir, tem liberdade, faz aquilo que quer, não é tão preso, aqui é mais preso, lá está mais à vontade. [Quando penso em Portugal] Sinto *o calor e a praia* é o que eu sinto, mais nada... e a família...(...) A família e...o sossego, também acho que é mais sossegado Portugal, não há tanta confusão.

P 9: Luisa - 9:24 (494:508)

[Quando penso em Portugal] Sinto calor...(.) *É um calor físico*. É sim senhora! É um calor físico.

P 2: Patricia (1336:1338)

Conceição mencionou com veemência a alegria que sente quando está em Portugal. Talvez que a origem da alegria e da sensação de liberdade que crianças e adultos experimentam, seja fruto da ausência de constrangimentos a que a vida numa sociedade diferente da sua obriga. Em Portugal, Conceição, com o marido e os filhos, reencontra os familiares, reencontra os seus costumes; conseqüentemente uma certa espontaneidade e autenticidade regressam ao seu comportamento.

[Quando lá estou sinto] *Mais alegria. Sei lá. É o meu mundo*. É o meu mundo. Isto aqui é tudo artificial...(.) Olhe, é o meu mundo. Aqui é tudo artificial. O ar, tudo! Aqui é tudo artificial. Lá não.

P10: Conceição (1922:1932)

#### **7.4.2 A ligação carregada de emoção**

De todas as entrevistadas, foi Célia quem manifestou uma reacção mais emotiva quando se lhe perguntou o que sentia quando pensava em Portugal. Essa reacção foi



surpreendente principalmente para a própria entrevistada que permaneceu durante alguns minutos visivelmente comovida.

talvez nos 2 primeiros anos senti uma grande saudade de Portugal mas hoje não, se dá alguma coisa portuguesa é lógico. Se eu vejo um carro com bandeira portuguesa ou com matrícula portuguesa, ai... eu sinto-me... não sei. Mas sinto falta às vezes de Portugal...(chora) (...) Eu sinto-me bem aqui mas quando penso em Portugal há qualquer coisa que falta...(chora) nunca sentiu? Sim. Não sei o que é porque tenho a minha família aqui, e os meus pais como lhe disse vêm aqui, mas não sei...(...) Desde que aqui estou fui a Portugal uma vez porque o ir está muito bem mas o sair de lá é mais difícil. Então é preferível não ir a Portugal. É muito raro pensar em Portugal. Agora quando falou veio aquela saudade mas é muito raro eu pensar em Portugal. Mas *quando penso eu sinto saudade de Portugal*. A minha vida era tão diferente... Talvez por isso.

P 1: Célia (520:537)

A ligação de Eva a Portugal está também carregada de emoção. No fim de cada dia de trabalho ela tenta recriar o ambiente português, com auxílio da televisão portuguesa, confessando que isso a ajuda a continuar a luta diária.

Que para mim, pronto, Portugal para mim, eu respiro Portugal! Para mim Portugal... eu tenho televisão portuguesa, eu tenho uma máquina de tirar café, a bica, e eu vou para a cama e estou a beber café e estou a ver Portugal e penso que estou em Portugal, e ajuda-me imenso! Foi a melhor coisa que eles puderam ter feito, foi terem posto a TV internacional! Ajuda-me muito. Ajuda-me. Eu acho que tem sido... meio caminho, para a gente, os emigrantes, não sei se a Maria Amélia também vê televisão portuguesa...

P 8: Eva (1101:1109)

Todo o esforço diário de Eva teve como objectivo “uma casinha” em Portugal e o culminar desse sonho, que ela quer partilhar com os filhos, apresenta-se igualmente carregado de emoção.

Já comprei. Casa. Uma casinha (...) Foi o que eu pude. (...) Fiz a escritura da casa. Olhe, *eu beijei as paredes. Beije, pronto. Tem sido tão difícil* (risos). É só minha! (...) do meu suor, (...) De maneira que agora para o mês que vem vou lá, vou comprar mobília, e já disse aos meus filhos, que eles querem ir de férias, quero ver a alegria deles, e eu tenho estado estes dois anos aqui a fazer estes planos todos, que eles depois quando chegarem lá vou fazer uma A4 e pôr na porta a dizer em inglês e em português: "bem vindos à nossa casa", com uma garrafa de champanhe (risos)! E vai ser extraordinário, eu quero ver a cara deles, (...) "olhem, está tudo pronto, quando quiserem ir..."

P 8: Eva (1037:1082)

### 7.4.3 A recordação de um acontecimento histórico

O acontecimento histórico que as entrevistadas mencionaram com mais frequência foi o 25 de Abril. Custódia recorda o facto de a revolução portuguesa aparecer profusamente noticiada na imprensa britânica e anunciada nas ruas de Londres; lembra também a prontidão, a alegria e a celeridade desusadas dos serviços consulares...

o 25 de Abril teve que marcar. Foi muito engraçado! Porque eu não estava bem a dar-me conta daquilo que estava a acontecer e um dia,(...) ia para o trabalho da parte da manhã, e vejo uma daquelas parangonas que destacam um assunto qualquer para as pessoas irem comprar o jornal. E dizia “Portugal teve uma revolução.” “Minha Nossa Sra.! O que é isto?” (...) E foi um grande entusiasmo. Depois eu precisei de ir ao Consulado para renovar o meu passaporte logo a seguir, passado poucas semanas, dentro desse mesmo mês, terá sido no mês seguinte, e o empregado do Consulado que me atendeu tinha um sorriso de orelha a orelha. De orelha a orelha. E, então, eu disse “Eu queria renovar o meu passaporte.”, “Sim Sra. É já.” Renovaram-me o passaporte em 15 mins. Digo eu assim: “Eu não acredito! Tão depressa!”, “Ah, isto agora é assim! Agora somos livres, agora não- sei-quê.” Eu disse: “OK. Wonderful.” (risos) Quer dizer, parecia que havia uma coisa nova no ar. Isso foi uma coisa que abanou as pessoas, não é?

P 4: Custódia (889:907)

### 7.5 A ligação dividida: Portugal e Inglaterra

Madalena e Fernanda dividem a sua lealdade entre Portugal e Inglaterra. Ambas decidem, de um modo semelhante, manter a ligação de afecto com o seu país de origem e recordam a beleza de Portugal.

1. Madalena, que é cientista, tem hoje a ligá-la a Portugal relações de trabalho e, no passado, a organização de projectos de investigação com fundos europeus e ainda muitas recordações de infância e de juventude. Uma destas últimas relaciona-se com o dia em que tirou o seu ‘brevet’ de piloto de aviação militar e pôde sobrevoar, a muito baixa altitude, a aldeia dos seus avós. Essa recordação ficou gravada “como um bilhete postal”.

aquele foi um dos dias mais felizes da minha vida (...) passei o teste com valores que nem os homens da força aérea normalmente conseguem,(...) não sabia que a aldeia estava toda reunida e isto é mesmo português, no adro da igreja, que era ali no largo da igreja que a aldeia podia estar toda reunida, e quando eu passo, o instrutor (...) deu autorização contra todas as leis que é permitido no país deixou baixar o avião (...) para que as pessoas pudessem ver, e eu vi e ainda, lembro-me perfeitamente, sim foi uma loucura, não só com uma mão ao volante da canópia, que eu não podia abrir a canópia, que aquilo no fundo é um avião militar, eu disse-lhes adeus, e as pessoas

viram, reconheceram-me (...) E viram que era eu, porque sabiam que era o avião e eu quase a chorar que nem uma madalena porque estava comovida, identifiquei as pessoas de cara a cara todas, que aquela era a aldeia a dizer-me adeus e eu ali no dia mais importante da minha carreira e a reconhecer o padeiro, o senhor que (...) purifica o azeite, aqueles senhores que vêm de lá ajudar com as canastras nas vindimas, reconheci aquela gente toda (...) aquilo tocou-me muito, e quando nós saímos, que foi uma questão de segundos que ele me deixou baixar no largo da igreja, (...)ele ligou os fumos todos e então saiu um espectáculo multicolor, e só me lembro de ter olhado trás, que aquilo não tem retrovisor, mas eu lembro-me de olhar para trás quando já tive angulo e deixei o largo da igreja todo com cores no ar porque nós soltámos os fumos tão baixo que as pessoas todas ficaram envolvidas naquele cor de rosa, encarnado, amarelo (...) e, para mim, ficou-me aquela imagem do largo da igreja naquela aldeia, (...) aquilo ficou o meu postal

P 7: Madalena (1344:1380)

Depois de ter vivido cerca de 15 anos fora de Portugal, na Ásia e em diferentes pontos da Europa, Madalena afirma não querer viver mais longe do seu país do que “a 10 horas de distância”, mas também não sente desejo de voltar a trabalhar em Portugal.

a única relação que eu continuo a ter mais fixa continua a ser com Portugal. Que eu tenho que andar por sítios onde é possível no máximo uma hora de distância, e viver a 10 horas de distância era viver a 10 horas da realidade dessa realidade, então teria que tomar consciência que vivia noutra realidade e isso não quero, ou não me apetece (...) *quero viver em sítios onde seja possível manter esta relação que eu tenho com Portugal, mas não voltava para Portugal.*

P 7: Madalena (1878:1894)

2. Por seu lado, Fernanda sente-se bem inserida na cultura inglesa e, no fundo, o seu coração divide-se, a sua ligação a Portugal parece ser tão forte como a ligação a Inglaterra.

Portugal é um país interessantíssimo. É um país que eu conheço mal, porque passei a maior parte da minha vida cá. Eu vim para cá aos 24 anos. (...) É um país que me apetece conhecer melhor. É um país onde a gente também tem surpresas constantes, Os portugueses falam muito pouco de Portugal, de maneira que uma pessoa vai por uma estrada fora e encontra sítios absolutamente do outro mundo, fantásticos, lindíssimos, brilhantes, com edifícios lindos... é onde estão os meus afectos. Nesse aspecto, sou exactamente como todos os outros emigrantes aqui. *O meu coração e as minhas lealdades estão lá mas depois uma grande parte do meu coração também está cá e eu acho a Inglaterra um país tão interessante culturalmente* que, de facto, me dominou muito.

P13: Fernanda (440:452)

## 7.6 Como é vista a Inglaterra por algumas das entrevistadas

Algumas entrevistadas explicam por que razões gostam de viver em Inglaterra e que aspectos, do povo, da cultura e da paisagem inglesas mais lhes agrada. Custódia e Rita sentem que, na sociedade inglesa, o seu espírito independente é respeitado, podem exprimir-se livremente.

Eu tenho um espírito muito independente, eu própria. De maneira que me dou muito bem aqui. Porque as pessoas não se metem comigo. *As pessoas respeitam a minha independência* e embora às vezes gostassem de saber e façam alguma pergunta ou qualquer coisa, não é por aquele tipo de coscuvilhice ou bisbilhotice que a gente vê em Portugal. Têm um temperamento diferente, pronto. E isso para mim calha imensamente bem porque eu gosto de viver a minha vida sem ter que dar muitas satisfações se não quiser dá-las.

P 4: Custódia (918:927)

Senti que tinha os meus direitos, de falar, de resmungar. Coisa que em Portugal era muito raro. Eu lembro-me quando houve o tremor de terra em Portugal, antes de eu vir para cá. Eu trabalhava na padaria e aquilo estava tudo a tremer e o meu patrão estava a dizer para os homens “Olhem-me para a massa do pão que está no forno.” e eu ralhei com ele e disse “Isto está tudo a cair e você está a preocupar-se com a massa!” E ele vira-se para a minha mãe e disse “Maria, a tua filha é igual à tua mãe. É republicana, é revolucionária.” Isso em Portugal não se podia fazer.(...) e eu fui sempre muito do género, se sentia, dizia; achava que tinha o meu direito de refilar, de dizer “Eu não estou contente, não está bem.” Isso não era aceite e cá foi uma das coisas que *eu gostei muito foi sentir-me livre, de sentir que era capaz de dizer o que sentia sem ter medo que me castigassem* por qualquer motivo, ou me tirassem o trabalho, ou qualquer coisa. Foi uma das poucas coisas que eu gostei de Inglaterra. Gostei e gosto.

P 5: Rita (359:378)

Madalena, Júlia e Fernanda são atraídas pelo aspecto cultural de Londres Para Madalena, a cidade tem uma vantagem predominantemente funcional com as suas múltiplas possibilidades de trabalho e de negócio e a variedade multicultural; ela diz experimentar ambas, usar a cidade.

vai começar agora o período de eu gostar desta cidade. Eu não escolhi vir viver para Londres, (...) tenho uma relação com esta cidade muito funcional, uso esta cidade, esta cidade tem 50,000 coisas a oferecer e eu uso, e é um bocado abro as caixas e fecho as caixas desta cidade conforme me apetece ou conforme preciso, *aqui estão os meus clientes*, é aqui que eu faço negócio, aqui que me dão dinheiro, há uma variedade cultural enorme, é aqui que eu vou e *experimento estas variantes culturais*

P 7: Madalena (1560:1610)

A experiência de Júlia ensinou-lhe que “não há um país ideal no mundo”, mas existe a possibilidade de nos afeiçoarmos a um. Em Inglaterra, Júlia está satisfeita com o que a cerca, gosta dos lugares de cultura, dos hábitos ingleses e participa da “preocupação nacional de ajudar o próximo”.

Não há país ideal no mundo. Nós é que os fazemos ideais porque nos habituamos aos prós e aos contras e porque nos afeiçoamos aos hábitos, aos terrenos, às casas, até às árvores da rua, ao carteiro que nos bate à porta todas as manhãs essas pequenas coisas, a vizinha do lado, os gatos e os cães que todos os ingleses gostam tanto (...) Em Inglaterra é uma preocupação nacional, ajudar o próximo. Os ingleses não falam tanto, não se atiram tanto ao pescoço das pessoas, mas preocupam-se mais com os outros.

P 3: Júlia (519:536)

Fernanda enumera os aspectos da sociedade inglesa de que mais gosta. Tal como Júlia, Fernanda acha os ingleses mais generosos que os portugueses, quer com o seu tempo, quer com dinheiro e esforços. Admira também a capacidade de se autocriticarem e de se rirem de si próprios, assim como a sua cultura, embora desaprove “o sistema de classes feroz”. Londres é “uma cidade riquíssima” quer em cultura, quer em surpresas.

Gosto da extraordinária generosidade dos ingleses. Acho que os ingleses são extremamente mais generosos do que os portugueses, dentro do seu aspecto frio. É um país em que os movimentos das caridades têm sempre um sucesso extraordinário. Em que acontece uma desgraça qualquer no mundo e toda a gente dá dinheiro. Em Portugal, de uma maneira geral, é difícil recolher dinheiro, porque as pessoas são mais pobres mas, independentemente disso, não gostam muito de dar dinheiro. Não há este sentido de obrigação. Acho que os ingleses são generosos com o seu tempo, são generosos com o seu esforço ...Isto é um bocadinho controverso, dizer isto, que os portugueses acham sempre que são mais calorosos do que os ingleses. Eu acho que os ingleses são generosíssimos com o seu tempo, com o seu dinheiro e com os seus esforços. (...) Gosto do sentido crítico dos ingleses, (...) acham que são sempre os melhores do mundo, que toda a gente está a olhar para eles cheia de admiração, que eles são bestiais, o berço da democracia, um sistema judicial excelente. Eu não acho que seja tão excelente como isso.(...) Mas quando chega à altura de se criticarem, por ex., em termos históricos, são muito mais capazes de dar dois passos para trás, fazer uma crítica devastadora à sua posição em momentos históricos determinados: à sua posição na Índia, à sua posição nas colónias, à opressão que exerceram sobre os países colonizados, ao passo que nós somos muito mais sentimentais(...) Mas a nossa consciência é que somos, de facto, umas pessoas com uma vocação multicultural e eu tenho algumas dúvidas. Portanto, de uma certa maneira, aprecio a capacidade crítica dos ingleses. Os ingleses têm um sentido de humor notável, são capazes de se rir de si próprios, de uma maneira notável. (...) eu acho que aqui há um sistema de classes feroz ainda, talvez mais até do que em Portugal. O que não quer dizer que os pobres sejam mais pobres do que são em Portugal (...). Isso é contra os ingleses, obviamente.(...) mas as pessoas cultas são extremamente cultas, sabem imensas coisas, têm uma grande noção das suas limitações, (...) Gosto muito desses

aspectos dos ingleses. Gosto de Inglaterra em geral, da Escócia e do País de Gales. Fisicamente, gosto dos sítios, acho bonito. Acho o norte muito bonito e gosto muito de Londres. (...) Gosto das praças de Londres, gosto das ruas de Londres, (...) Gosto da vida cultural de Londres, (...) às vezes digo “Sabes, é que há tantas exposições, e tantos concertos, e tantos espectáculos, mesmo que eu não vá, sei que lá estão à minha espera”. (...) É uma cidade cheia de surpresas, a gente vai por uma rua sem graça nenhuma, cheia de carros, volta uma esquina e, de repente, parece que está no meio do campo. (...) Tenho uma espécie de paixão por Londres que me aconteceu como acontecem as paixões...

P13: Fernanda (238:303)

## 7.7 Conclusões

1. Tal como Robins e Aksoy (2001), sentimo-nos na necessidade de *ultrapassar definições* de ‘cultura’, ‘identidade’ e ‘comunidade’, a fim de ter em conta o significado das consciências e experiências individuais. Pretendeu-se, neste capítulo, continuar a dar voz aos pensamentos e sentimentos das mulheres entrevistadas e a observar os seus percursos individuais. No entanto, é extremamente difícil fazer justiça à complexidade de experiências vividas e de sentimentos e pensamentos acerca de ‘ser portuguesa’.

A identidade cultural individual é construída através da comparação de características percebidas como ‘nacionais’ nas duas culturas e pela identificação pessoal com umas ou com outras. A identidade cultural é edificada pelas vivências e pelo percurso de cada mulher. A noção de que os portugueses são capazes de reagir emocionalmente e de desenvolver relações calorosas é, por exemplo, uma conclusão identificadora que muitas partilham.

Uma característica identificadora das portuguesas que encontraram já atribuída à chegada a Inglaterra: o asseio e a competência nos trabalhos de limpeza, o que as torna preferidas nos empregos domésticos

2. Algumas entrevistadas, independentemente do seu nível educativo, consideram:
- uma responsabilidade para cada português respeitar e dignificar a identidade cultural portuguesa, uma vez que, no estrangeiro, cada emigrante é visto como um representante da sua nacionalidade;

- a noção de que se pertence a uma cultura rica em valores e em história deve ser defendida e passada aos filhos. Essa noção é promotora de auto-estima e pode ajudar a comunidade a unir-se no orgulho comum pela sua cultura.
3. As associações recreativas podem contribuir para estabelecer em Inglaterra um sentido de comunidade.
- De 1965 a 1975, funcionou em Londres *A Liga do Ensino e da Cultura Portuguesa* que teve uma acção pedagógica, aglutinadora de esforços e promotora de entre-ajuda. Os seus estatutos inspiraram a formação de outras associações.
  - Uma das actuais associações, que foi dirigida por uma das entrevistadas, procura ter uma acção que além de gregária e lúdica seja também pedagógica, organizando eventos para crianças e jovens e suas famílias portuguesas, incluindo jovens ingleses.
4. Como vêem as mulheres a comunidade portuguesa de hoje, em Inglaterra?
- Parte dela está demasiado preocupada com o enriquecimento material;
  - Os portugueses não convivem nem se enriquecem intelectual/espiritualmente;
  - Alguns portugueses exploram os compatriotas recém-chegados;
  - Há também muitas “pessoas simples e muito honestas. Trabalhadoras.”;
  - Desaprovam a acomodação no desemprego de alguns emigrantes recentes e os casos de comportamento marginal com consumo de droga, vadiagem e participação em assaltos, ocorridos em Lambeth (área de Londres, ao sul do rio, que regista maior concentração de portugueses);
  - Desaprovam a inveja e a maledicência e, por receio destas, algumas mulheres afirmaram não querer frequentar cafés e associações portuguesas.
5. Que sentimentos ligam as entrevistadas a Portugal?
- Todas visitam o país de origem, geralmente uma vez por ano – no Verão ou no Natal;
  - A liberdade de movimentos e a segurança das crianças, o calor e o sossego – são aspectos importantes das férias passadas em Portugal;
  - Algumas concretizam em Portugal o sonho de ter uma casa;

- A TV portuguesa não é vista por todas; são geralmente as mulheres de classe trabalhadora que com maior frequência e agrado se lhe referem.
- O 25 de Abril foi o acontecimento histórico significativo mais mencionado.
- As mulheres que emigraram há mais tempo têm com o país de origem uma ligação por vezes baseada em conceitos mitificados. Coexiste já uma ligação significativa com o país receptor.



## **8 A IDENTIDADE COMO MULHER**

A vida é difícil. Aprendi que vale a pena lutar, ser positiva. Temos vários caminhos a seguir, temos de saber optar pelo que achamos que vai ao encontro das nossas expectativas, talvez. Aprendi muita coisa, muitas desilusões, mas já tive muitas alegrias. Aprendi a ser firme e consistente, nunca desistir da ambição que se tem por muito difícil que seja, acho que se consegue.

P14: Dora (388:393)

As palavras de Dora no início deste capítulo resumem o tom e o conteúdo das narrativas no que respeita a algumas características da identidade feminina das entrevistadas. Essas características permitiram-lhes sobreviver, resistir às desilusões e permanecer em Inglaterra; são fundamentalmente qualidades de iniciativa, de trabalho, de persistência e de adaptabilidade às condições da nova sociedade em que decidiram viver. As aprendizagens de vida, frequentemente feitas na solidão, surgem através da luta diária pelos objectivos que escolheram e no caminho que pensam estar certo. São mulheres que conseguiram, algumas fora da constrição do meio de origem, expandir e realizar as suas ambições e atingir um nível apreciável de realização e de satisfação com a vida.

### **8.1 A adaptabilidade**

A facilidade que as mulheres têm de se empregar como domésticas deu a muitas emigrantes portuguesas em Inglaterra a possibilidade de rapidamente conseguirem trabalho, de sobreviverem mesmo sem falar inglês e de proverem para si e para a família, às vezes melhor do que os homens (como já vimos em 4.1 Trabalho, cap. 'Reconstrução do dia a dia'). Como aponta a Dr<sup>a</sup> Maria Emília Monjardino, profunda conhecedora da comunidade portuguesa em Inglaterra, essa possibilidade permitiu que durante os anos 60 e 70 o número de mulheres portuguesas que entraram no RU fosse mais elevado que o de homens. Era menos difícil às mulheres adaptarem-se.

“Podemo-nos empregar sempre como domésticas. As mulheres são mais flexíveis do que os homens (...) a emigração nesse aspecto também mudou, porque as mulheres eram muitas vezes quem vinha primeiro, por causa dos trabalhos domésticos. Havia mais mulheres do que homens, ainda em 60. Havia ainda mais mulheres do que homens nos anos 70. E depois começou-se a nivelar. E agora é capaz de haver um bocadinho mais homens na emigração do que mulheres. Mas havia muitas mulheres na emigração. A emigração para as mulheres, dava-lhes mais do que dava aos homens.(...) pense na estrutura da sociedade inglesa, mas tem que pensar uns anos para trás. Porque agora já há cafés (...) de portugueses. Naquela altura, os ingleses (...) só tinham os ‘pubs’ que são completamente estranhos à nossa cultura.(...) E os homens chegavam cá, ficavam muito isolados, ficavam muito sozinhos. A respeitabilidade dos homens, a sua posição social, é dada pelos seus pares fora de casa, não é? ...” (Dr<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Emília Monjardino)

O facto de, em Inglaterra, as portuguesas terem a possibilidade de trazer mais dinheiro para casa, apesar disso significar, como já vimos, uma multiplicidade de empregos e de horas de trabalho, provocava a inversão do tradicional equilíbrio económico conjugal. Dentro da família os homens sentiam porventura a sua respeitabilidade ameaçada; fora de casa sofriam também por se sentirem isolados dos seus pares.

“Aqui há uns anos o que acontecia às mulheres era que chegavam cá e arranjavam logo trabalhos domésticos que eram bem pagos. Os homens arranjavam trabalhos em organizações que eram mais mal pagos e, de repente, invertia-se todo aquele equilíbrio familiar e a mulher trazia mais dinheiro para casa e era mais essencial. E a sua *estima por si própria* era menos alterada do que era nos homens. Eu acho que os homens sofreram nesses anos 60, 70, 80 muito mais com a emigração do que as mulheres. E às vezes eu pergunto a mim própria se eles não sofrem mais com a emigração do que as mulheres hoje em dia. (...) elas dizem “Ah, eu estou bem aqui, e é aqui que vou ficar.”(idem)

As mulheres, quer por terem a possibilidade de ganhar mais, quer por lhes ser possível definir a sua identidade feminina dentro de casa e com a família, não viam a sua auto-estima diminuída e adaptavam-se melhor.

“A posição social das mulheres é definida, mesmo que trabalhem dentro de casa. Uma boa dona de casa, o marido anda sempre limpinho, os filhos, a casa ... As mulheres, mesmo que seja um quarto péssimo, encontram uma maneira de tornar aquilo acolhedor, de fazerem qualquer coisa, de pôr uma cortina e começam a sentir-se justificadas. Os homens ficavam muito perdidos. As mulheres adaptavam-se muito melhor cá.” (idem)

As entrevistadas referem que é possível sobreviver num país estranho através da adaptação a um emprego modesto, por vezes bem diferente do trabalho que se tinha em Portugal. E isso confere-lhes força e dignidade.

Dantes sentia-me um fracasso, hoje sinto-me forte porque praticamente (...) *consigo tanto trabalhar numa coisa como noutra, consigo adaptar-me aos ambientes, então*

*eu sinto-me forte. (...) tenho o respeito dos meus filhos; embora 2 já tenham a vida deles, a mãe continua a ser, acho, a 1ª pessoa.*

P 1: Célia (609:617)

## 8.2 A aprendizagem da independência

A consciência da possibilidade de sobreviver pelos seus próprios meios num país estrangeiro, tornou estas mulheres mais fortes e confiantes e, aos seus próprios olhos, mais válidas e independentes. A independência foi algo que aprenderam ou que conquistaram no país de imigração. Leiam-se as significativas afirmações de Eva, por exemplo:

*eu vir para a Inglaterra foi uma experiência muito boa, não estou arrependida. Aprendi muito, como já lhe expliquei, as coisas que eu fiz aqui, valorizei-me, fiquei com mais auto-estima, a gostar mais de mim, e a saber defender-me mais, percebe? Como eu fui criada, não tive experiência de conviver com pessoas e eu aqui aprendi a ser mais eu e... aliás, eu por mim própria sou uma pessoa independente. Mas até chegar aqui eu não sabia ser. *Aqui aprendi a ser independente*, a ser... aquilo que eu aprendi foi [a ir] ao encontro daquilo que eu sou.*

P 8: Eva (1566:1573)

Noutros casos, a experiência involuntária da solidão, a ausência de um companheiro ou de familiares que partilhassem dificuldades e preocupações, propiciou a descoberta de si própria e levou a um enriquecimento pessoal. A solidão não é vista como uma situação negativa, mas sim numa perspectiva positiva. Como afirmaram, por exemplo, Dora e Florinda.

*A experiência mais importante na minha vida? O estar sozinha aqui, *aprender muitas coisas por mim* e também com a ajuda de amigos. (...) tive que aprender muitas coisas inclusivé como viver sozinha, como cozinhar... Quando tive a minha filha tive que aprender tudo. Está dentro de nós, é natural, sabe-se que se tem uma criança e que se tem de cuidar dela, mas há outros aspectos da vida que temos de aprender, tudo o resto tem que se aprender, tem que se começar uma vida nova. Essa foi a experiência mais marcante na minha vida. (...) Li muito, tive contactos com outras mães, vi programas na TV, mesmo antes dela nascer.*

P14: Dora (401:413)

*aprendi a ser como eu sou, *sózinha*, com a ajuda de livros e de Deus e disso tudo, pocuro ser realmente uma pessoa que quer mais, quero ser rica por dentro, mas não quero ser rica materialmente, nunca me interessou isso, não dou valor nenhum ao dinheiro até à extensão que ele tem e não foi por dinheiro logicamente que eu vim para esta terra, foi talvez porque aprendi a enriquecer-me mais pessoalmente, tive*

mais possibilidades, mais tempo e mais... mais solidão, que é aquilo que a gente precisa. Li outro livro chamado “Solitude” que fala precisamente disso, como é nas prisões que muitas vezes as pessoas aprendem a enriquecer-se a si próprias e... e isso tudo. Esta solidão é realmente ... um bom professor. A solidão é um bom professor. Sei viver a vida, sou uma artista em viver a vida

P11: Florinda (1328:1342)

### 8.3 A capacidade de lutar

Em todas as narrativas, as mulheres exprimem a ideia de que a luta pela sobrevivência em Inglaterra as pôs à prova e as tornou mais fortes, as ensinou a conhecerem-se melhor e a apreciarem, em si próprias, qualidades que descobriram e não suspeitavam possuir.

Em Patrícia esse processo de aprendizagem alargou-se e, para além de começar a apreciar-se mais, passou também a dar maior valor aos filhos, aos pais e ao seu país. A consciência das suas capacidades, postas à prova pelo processo de emigração – ‘muita força e muita coragem’ - dão-lhe confiança em si própria.

Foi a altura da minha vida em que eu aprendi mais coisas. Aprendi a dar valor aos meus filhos, aprendi a dar valor aos meus pais, aprendi a dar valor ao meu país. Aprendi a dar valor a mim própria. *Soube que conseguia* (...) não sabia a força que tinha, tive muita força e muita coragem. (...) A coragem revelou-se logo quando eu vim de lá para cá. Essa foi a minha maior coragem. A 2ª(prova) foi continuar neste país sozinha, com os filhos já. E continuar a lutar.

P 2: Patricia (1201:1213)

Florinda e Conceição afirmam-se lutadoras; é a luta concreta do dia a dia.

sou uma lutadora, não sou uma pessoa que peça ajuda por qualquer coisa, eu tenho este defeito, a minha personalidade é assim, procuro fazer as coisas por mim própria, e *só peço ajuda quando sei que não posso*.

P11: Florinda (253:257)

E eu tenho vencido. *Todos os dias venço um obstáculo*. Eu acho... Todos os dias venço.

P10: Conceição (2031:2032)

A luta de Custódia desenvolveu-se, a certa altura da sua vida, em vários campos: trabalhar a tempo inteiro. cuidar da família e escrever um livro.

Fiquei um bocadito atrapalhada mas sentei-me e escrevi a sinopse. E eles disseram “Ótimo! Então vamos escrever o livro.” E comecei a escrever o livro. Mas, entretanto, foi uma coisa muito difícil porque eu estava a trabalhar full-time já na altura. Tinha a casa, tinha os filhos, tinha o marido para tomar conta e o gato... E escrever um livro em cima disso tudo, com tempos marcados de entrega,

P 4: Custódia (271:278)

A capacidade de luta e o enriquecimento adquiridos na solidão, trazem a Dora maturidade, uma maior consciência da realidade e confiança em si própria. Sente-se suficientemente forte para prosseguir.

Acho-me muito mais madura agora, acho-me com os pés na terra e acho que uma das fases mais importantes da minha vida é a que estou a passar agora, tenho bastante consciência.(...) Apesar de todos os medos que tive não serem infundados, neste momento sinto que consegui e *tenho força para ir mais além*. Tenho uma filha e se consegui até agora acho que vou continuar a conseguir.

P14: Dora (401: 408)

A coragem, o não se deixar ‘intimidar por aspectos que à partida podem parecer barreiras’, o ‘ir à luta’ são características que identificam Dora com outras portuguesas suas amigas que trabalham em Londres. Leiam-se as suas palavras eloquentes:

(As portuguesas) com quem me dou são *todas bastante corajosas, lutam por aquilo que querem, sabem o que querem*. Algumas também têm filhos, outras não. Tenho uma amiga, bastante minha amiga que não tem (filhos), mas agora está grávida, é uma pessoa de ambições, sabe o que quer. Vão à luta e não se deixam intimidar por aspectos que à partida podem parecer barreiras, mas que não são. Elas vão à luta, elas tentam. Acho que é uma das coisas que nós temos de fazer é nunca dizer que não se pode fazer ou que não se consegue, acho que se deve tentar antes de tomar essa decisão. Acho que são mulheres extremamente corajosas e não vêem entraves nenhuns

P14: Dora (504:514)

#### **8.4 A libertação**

Várias mulheres afirmaram sentir-se mais libertas depois de terem emigrado para Inglaterra. A mudança deixou para trás os preconceitos e a crítica limitadora do meio pequeno e fechado em que viviam em Portugal. A emigração libertou-as também,

nalguns casos, da autoridade materna/paterna que é, muitas vezes, o eco e o braço da crítica social. Essa libertação ajudou-as a viver aspectos da sua personalidade e a concretizar as suas ambições e sonhos. A saída de Portugal facilitou ao próprio sujeito a descoberta das suas escolhas, reforçou decisões e permitiu aprendizagens de vida. O balanço positivo que todas fazem do seu processo de mudança não é alheio a essa abertura, a essa libertação.

A preocupação com as aparências e o medo da crítica dos vizinhos revoltam Rita. Ela recorda também acontecimentos passados pouco antes de decidir vir para Inglaterra

com medo que a pessoa do lado falasse ou que... Eu lembro-me que a minha mãe dizia “Vale mais parecer do que ser.” A minha mãe dizia-me isso muita vez, a mim e à minha irmã. (...) Era esse coiso que eu achava em Portugal, e que me revoltava. (...) Eu, em Portugal, sentia que não era eu. Eu fazia aquilo que as pessoas achavam que eu devia fazer. Eu tentei várias vezes em Portugal... Até uma vez eu mais um grupo de amigos tentámos, quando estávamos em Portugal, organizar um género de uma direcção, fazermos género de clube onde nós estivessemos e isso era um bocado... Uma jovem... Foram dizer à minha mãe que eu mais 2/3 moças e 2 moços estávamos a organizar uma coisa dessas e a minha mãe, eu tinha quase 22 anos, ela ainda me bateu, ainda me deu uma bofetada, porque não queria que eu andasse nas bocas do mundo.

P 5: Rita (380:417)

Em Inglaterra, longe da pressão do meio, Rita encontrou um ambiente mais favorável à expressão de si própria (‘Comecei a viver... a ser eu’), do seu espírito de iniciativa e da sua consciência social. Iniciou, dinamizou e foi durante muitos anos presidente de uma associação recreativa (também em 9.3.5).

(em Inglaterra) Demonstrei mais a minha cultura, que eu tinha, a minha maneira de ser. Demonstrei mais aquilo que eu podia fazer, que eu podia não só ser empregada de balcão e limitar-me só a isso, e casar e ter filhos. Eu cá não. Senti que podia ir mais além e conseguir fazer coisas para comigo e para com os outros, envolver pessoas, coisa que eu em Portugal sentia que não poderia fazer. E sempre tive essa ambição. Por isso meti-me nos clubes, porque realmente tenho que ter sempre algo diferente para fazer. De algum modo, é o que eu digo, *aprendi a ser eu mesma*.

P 5: Rita (434:443)

## 8.5 A realização pessoal e a satisfação com a vida

A vinda para o estrangeiro, o facto de ter saído dos limites da terra natal, dá a grande parte das mulheres a possibilidade de lutar por uma realização pessoal e a possibilidade de a atingir.

Carmo sente-se orgulhosa por constatar os resultados do seu trabalho de professora de Português. Esses bons resultados, reconhecidos pelos seus estudantes adultos, pelo director do colégio e pelas autoridades locais que a homenagearam, deixam-na duplamente orgulhosa - como professora e como portuguesa. Justificam os sacrifícios feitos para simultaneamente criar 4 filhos, estudar e trabalhar . Dão-lhe a certeza de não ter lutado em vão.

Como me sinto? Sinto-me feliz porque... atingi, ou tenho atingido uma coisa que eu queria sempre muito. Ser alguém, *ser reconhecida* com o meu valor de... Quer dizer, de mostrar, ou de ensinar, ou de partilhar com as outras pessoas. (...) E *ter um trabalho intelectual*.

P 6: Carmo (945:952)

Outras mulheres reflectem sobre a sua situação presente, sobre como sentem a sua vivência actual e exprimem a sua satisfação com a vida. É de assinalar que nos relatos recolhidos, as entrevistadas não referiram situações actuais de insatisfação ou de infelicidade.

Gosto de ser a pessoa que sou. Gosto muito de viver como vivo e... logicamente sinto-me realizada, isso é a realização pessoal de uma pessoa, é gostar de si própria e sentir-se bem interiormente. E eu isso sinto. E sinto que posso enriquecer-me mais, e sinto que sei ir buscar aquilo que necessito,

P11: Florinda (890:905)

Sinto-me bem, sou feliz porque tenho uma família constituída, acho que tenho tudo o que eu quero porque tenho um bom marido, graças a Deus, umas boas filhas, um bom genro também, tenho saúde, acho que tenho a maior riqueza.

P15: Gina. (210:213)

Sinto-me uma mulher madura e gosto desse estatuto, sozinha sem ninguém a controlar, Por outro lado gostava de ter um companheiro.(...) Sinto-me bem neste momento. Tenho tido problemas de saúde mas estou melhor. Gostava de desenhar, de fazer as minhas próprias pinturas para decorar a minha casa.

P17: Lina. (492:504)

Algumas narrativas contêm balanços muito positivos de percursos em que foram vividas situações difíceis. Através dessas experiências causadoras de sofrimento, Júlia, por exemplo, fez aprendizagens fundamentais que lhe deram maturidade e lhe permitem, nesta altura, ‘uma espécie de aceitação humorística de coisas desagradáveis’.

*Tenho uma vida que não foi inútil. Aprendi muita coisa pela vida fora e todas as experiências que tive – algumas causaram-me sofrimento – tive que as ter para me tornar uma pessoa melhor e mais compreensiva e para ver o mundo de uma maneira mais adulta, aceitar os problemas do mundo e analisá-los e viver com eles, dar conforto a amigos meus que não os suportam e não os compreendem, falar-lhes das minhas experiências...*

...  
Com a vida, vai-se percebendo muito mais e cultivando uma espécie de aceitação humorística de coisas desagradáveis e assim se chega a uma idade mais compreensiva, mais madura.

P 3: Júlia (429:440) (451:454)

As certezas a que algumas das entrevistadas chegaram neste ponto do seu percurso, as conclusões que tiram das suas lutas e aprendizagens são agora os valores – vividos, não teóricos - que defendem e que as norteiam.

*há coisas que eu não tenho dúvidas mas são sentimentos, (...) eu não tenho dúvida da força do amor, eu não tenho dúvidas da importância da integridade dum pessoa,*

P7: Madalena - (2022:2025)

*Tenho certezas, sim: a amizade, o amor, o respeito pelo próximo, a certeza de que existe qualquer coisa no Homem que é boa (...) Tenho a certeza que um dia nos tornaremos todos bons, já há muito melhor entendimento.*

P 3: Júlia (409:415)



## 8.6 Conclusões

Em Inglaterra, a luta pela sobrevivência pôs à prova e desenvolveu capacidades e características da identidade feminina:

1. Adaptabilidade. Frequentemente, na sociedade receptora, as mulheres tiveram que mudar a orientação de emprego, trabalhando em ocupações diferentes (mais modestas) das que tinham em Portugal, adaptando-se às novas condições ( ver caps. 3 e 4);
2. Capacidade de prover, tão bem como os homens, às necessidades económicas da família, estabelecendo um equilíbrio de forças dentro do casal;
3. Capacidade de lutar: iniciativa, trabalho, coragem, persistência.  
“Não sabia a força que tinha, tive muita força e muita coragem”  
[As portuguesas com quem me dou] “Vão à luta e não se deixam intimidar por aspectos que à partida podem parecer barreiras, mas que não são.” “Acho que são mulheres extremamente corajosas e não vêem entraves nenhuns”
4. Capacidade de aprender e de mudar. Várias mulheres se referem a aprendizagens feitas durante o processo de mudança e adaptação:  
[Aprendi a]...  
... “a ser mais independente”  
... “ir ao encontro daquilo que eu sou”  
... “gostar mais de mim”  
... “como viver sozinha, como cozinhar, como cuidar da criança”  
... “a começar uma vida nova”  
... “a ser como sou”  
... “a ser eu mesma”  
... “a enriquecer-me pessoalmente, a não dar tanto valor ao dinheiro”  
... “a viver a vida”  
... ”a dar valor aos meus filhos, a dar valor aos meus pais, a dar valor ao meu país, a dar valor a mim própria... soube que conseguia”.

5. A descoberta de si própria, as aprendizagens de vida foram geralmente feitas na ausência de familiares, com amigos ou em solidão. A libertação da autoridade familiar e/ou masculina na sociedade receptora reforçou decisões:

“senti que podia ir mais além e conseguir fazer coisas para comigo e para com os outros”

“tive mais possibilidades, mais tempo e mais solidão”

“sozinha, com a ajuda de livros e de Deus”

“esta solidão é realmente um bom professor”

“por mim e também com a ajuda de amigos”

“li muito, tive muitos contactos com outras mães, vi programas na TV”

“gosto deste estatuto, sozinha sem ninguém a controlar”

6. Realização pessoal. As narrativas contêm balanços muito positivos.

“Tenho uma vida que não foi inútil”

## 9 O FUTURO

A emigração é uma trajectória que envolve uma ida para todos os que por ela passam e um regresso que muitos anseiam e apenas alguns concretizam. O emigrante está transplantado fora do ambiente familiar durante um tempo maior ou menor, porventura para toda a vida (Neto, 1993).

As mulheres que participaram na presente pesquisa pensam continuar em Inglaterra ou anseiam regressar a Portugal? Para quando e como planeiam esse regresso? Onde querem ficar a viver? Que pensam estas mulheres fazer no futuro, que sonhos, que planos têm, o que ambicionam? Quais são as suas preocupações?

Quanto a estas interrogações, Célia tem ideias próprias: prefere não pensar no futuro. Na sua resposta, refere também as opções bem diferentes da sua que atribui aos outros portugueses emigrados que conhece. No entanto, não serão as motivações que ela lhes atribui apenas uma ideia feita e generalizada?

a maioria dos portugueses que eu vejo aqui são pessoas que estão a viver aqui mas estão a pensar comprar a casa em Portugal e fazer o futuro deles em Portugal. Eu não penso isso. Eu estou a viver aqui e é aqui que hei-de viver. Como lhe acabei de dizer eu nao sei o dia de amanhã. Eu amanhã posso estar morta porque é que eu hei-de viver no futuro? *Eu acho que se deve viver no presente e não no futuro.*

P 1: Célia (512:517)

### 9.1 Ficar em Inglaterra

Das 17 mulheres entrevistadas, 8 preferem ficar em Inglaterra. Quase todas as que querem continuar, vivem há muito tempo fora de Portugal. Não têm já com o seu país de origem muitas afinidades nem vêem a possibilidade de viver um dia a dia melhor e mais confortável, em Portugal. Criaram já raízes em Inglaterra, onde têm a sua casa e onde vivem os filhos e os netos. Em Portugal já quase não têm familiares nem amigos.

estando cá há tanto tempo, já me considero também um tanto britânica (...) Quando vou a Portugal, gosto muito de estar e não-sei-quê, mas não creio que me pudesse adaptar lá a uma vida de rotina, para ficar. Eu tenho a impressão que para ficar, *estou melhor aqui*.

P 4: Custódia (935:940)

1. Carmo reconhece que a sua terra natal é ainda o seu berço, o local onde permanecem ‘muitas raízes’. Visitou-a recentemente e reviu a Igreja, o cemitério e a casa paterna que ‘vai ser vendida ou destruída’; tudo faz parte do seu passado. Pelo contrário, a vida e tudo o que constitui o presente e o futuro de Carmo encontra-se no país de acolhimento, onde criou também raízes. Os 4 filhos, os netos e os amigos vivem próximo da casa que habita com o marido em Inglaterra; o trabalho depende da sua permanência ali.

Talvez não (regresse) porque tenho 4 filhos. Dois deles já têm filhos. E, claro, estou junto com os netos, mais com os netinhos. E, além disso, eu não tenho casa em Portugal. Claro, temos a casa dos meus pais mas é uma casa que mais tarde vai ser vendida, ou destruída, ou qualquer coisa. Mas vou lá muitas vezes porque *tenho lá muitas raízes*. O meu berço ainda está lá. Fui lá o ano passado. Fui imediatamente ver a igreja onde fui baptizada, o castelo (temos um castelo muito bonito!), o cemitério onde os meus pais... Se os meus pais ainda estivessem vivos, talvez... Mas como vê... Tenho outras *raízes aqui também*. Com a minha família, não é? Mas vou lá muitas vezes. Tento ir lá..

P 6: Carmo (878:889)

2. Júlia, 73 anos, viúva e sem filhos, prefere ficar em Inglaterra onde tem a sua casa e os seus amigos. A possibilidade de aprender e de estudar e o estímulo cultural londrino mantêm-na activa e interessada pela vida. Em Portugal sentir-se-ia sozinha.

Dizer que hoje gostaria de voltar para Portugal, não. Sou daqueles portugueses que vêm para aqui e se adaptam muito bem ao ambiente. Realmente não tenho vontade de viver permanentemente em Portugal. Dou-me bem com o meus amigos ingleses, tenho amigos portugueses também (...) a vida tão cheia que hoje se voltasse para trás, não sabia o que fazer (...) ia-me sentir sozinha em Portugal (...) agora se voltasse. Aqui sinto-me em família; estão cá tantos estrangeiros que também estão adaptados. Tenho uma amiga que está cá há 50 anos - ela é francesa – que também nunca voltaria para França. Ela diz que está melhor aqui porque tem todas as amizades aqui.

o facto de haver tantos lugares de cultura e de religião Há de tudo em Londres (...) conforme o que se quer aprender. (...) já cá estou há 36 anos, mais de metade da minha vida. Se fosse para Portugal agora onde é que nesta idade ia recomeçar? Teria de começar desde o princípio e estabelecer conhecimentos. Ná... Estou aqui, estou aqui. Morro aqui. Acho que estou muito bem. Tenho uma vida muito interessante. A quantidade de museus que há em Londres. Até aqui há museus. E as modas?

P 3: Júlia (176:190) (544:563)

3. Fernanda admite gostar de viver em Inglaterra, embora tenha casa e amigos em ambos os países. Agora que se reformou, pensa dividir o seu tempo entre Lisboa e Londres. No entanto, é em Inglaterra que vivem filhas e netos e é perto deles que quer acabar por ficar.

E agora eu reformei-me e ele vai-se reformar(...) as pessoas perguntam “Então, agora vocês voltam para Portugal?” e nós não voltamos para Portugal, ficamos cá a viver. *Ficamos cá a viver porque temos cá as filhas, temos cá os netos e porque gostamos muito de viver aqui.* A única diferença é que(...) sinto que sou imensamente privilegiada, embora isto seja mais comum, mesmo nos menos privilegiados, que é termos duas casas. Temos uma casa aqui e temos uma casa em Lisboa. E, portanto, passamos mais tempo em Portugal do que passaríamos normalmente. O nosso plano é passarmos uns quatro meses por ano em Portugal, entrecortados com períodos cá mas, basicamente, vivemos cá.

P13: Fernanda (183:195)

4. Não são só as mulheres com uma estadia longa em Inglaterra que manifestam a intenção ficar. Há aquelas cujas opções ainda não foram claramente assumidas e que preferem pensar unicamente o presente. Verifica-se a preocupação de viver intensamente esse presente e de o assegurar economicamente. Transparece nas suas respostas uma intenção ténue de voltar para Portugal. No entanto, essa intenção mais parece uma concessão, uma aquiescência com aquilo que pensam que se espera que respondam, como se se envergonhassem de admitir que preferem ficar.

*eu gosto de estar cá, não posso dizer que não gosto, aliás não sou capaz de estar em nenhum lugar que não goste. Nem a fazer nada que não goste. Ponho (...) muita energia, muito amor em tudo que faço, em tudo que tenho e *procuro sempre gostar do lugar onde estou.**

P11: Florinda (327:331)

Para já, já, não faço pensamentos de ir (para a Madeira), porque estou nunma idade em que não é fácil. Sou nova para estar aqui a trabalhar, mas já não sou nova para ir para lá trabalhar. É tarde para começar uma vida de novo. Por isso, *vou aguentar aqui mais uns anitos e depois logo se vê.* Por enquanto não se pode parar.

P15: Gina. (251:256)

Mas já me estava a habituar aqui. O trabalho não era muito difícil, ganhava-se bem e lá em Portugal achava mais difícil, já me estava adaptando. Já tinha a minha liberdade. *Gostava de ficar aqui*. Não queria mesmo ir para lá, para Portugal.

P 9: Luisa (265:268)

5. Lina refere o regresso a Portugal como um segundo processo migratório, com todas as dificuldades inerentes a uma nova adaptação, nomeadamente a solidão e a dificuldade em encontrar trabalho. Utiliza até a expressão “dar o salto para lá novamente”. No entanto, o desejo de voltar existe e provoca uma divisão interna dolorosa que ela decide anular insistindo na ideia de se adaptar cada vez mais a Inglaterra.

Apesar de ter alguns amigos (em Portugal), eles cada vez são menos, portanto vou perdendo as ligações. Quando quis dar o salto para lá novamente, as pessoas diziam ‘Não venhas que isto aqui está muito mau, não venhas que isto aqui está muito mau’ É só o que eu oiço e como estou aqui não posso arranjar emprego lá e depois se não arranjo emprego, é um risco muito grande. Comecei então a pensar *tenho que me adaptar mais e mais e mais e esquecer esta ideia de que tenho raízes lá e de que sou portuguesa* e de que gostava de voltar porque senão vou ficar sempre infeliz e eu não quero ser infeliz e portanto tenho que me adaptar aqui. Com marido ou sem marido vou ter que recomeçar uma vida nova e recomeçar com as minhas próprias mãos, completamente sózinha para tudo, para decidir, tudo, tudo e isso custa muito

P17: Lina (232:242)

## 9.2 Regressar a Portugal

O regresso a Portugal faz parte das intenções de 53% das participantes na pesquisa. Em associação com a ideia do regresso a Portugal, as entrevistadas apontam espontaneamente as razões por que querem voltar. Os sonhos e as preocupações relacionados com o regresso têm lugar proeminente nestas narrativas. Quase todas, porém, relegam o regresso para um futuro vago e um tanto distante. Apenas duas mulheres – Rita e Conceição – apontam prazos.

1. Rita estava, na altura da entrevista, a preparar o regresso que aconteceu poucos meses depois. O marido tinha obtido finalmente a reforma e Rita estava saturada de trabalhos domésticos; por sua vontade, já teria voltado há muito. Em Portugal comprou uma casa com jardim, sonho antigo agora realizado. Receia, no entanto, a vida parada de uma terra pequena e a adaptação a Portugal da filha adolescente nascida em Inglaterra.

O meu marido, entretanto, foi reformado da Ford e cá já não fazemos nada, não é? De maneira que estou a pensar ir em Julho.

(...)Por minha vontade já tinha ido.(...)Resolvemos ir visto que ele já leva alguma reforma.

(...)Comprámos uma casa em Vila(...) É muito bonita. Tem jardim. Agora tem jardim, tem malmequeres do campo, tem papoilas, tem tudo. Que ainda não foi arranjado mas tem um grande espaço de jardim. Tem churrasco. É uma casa muito bonita. Para mim, é bonita.

Eu acho que talvez vá ser um bocadinho complicado num aspecto. (...)eu nunca vivi assim numa terra. Acho que Vila (...) é muito bonito mas é um bocadinho morto. É uma terra assim um bocadinho morta, não tem muito onde a gente se divirta.

P 5: Rita (149:156) (158:183) (566:577) (582:592)

2. Conceição pensa regressar dentro de 5 anos porque receia perder de vista os filhos, perder o controlo deles quando iniciarem a adolescência. A família tem vivido numa das áreas mais difíceis de Londres e Conceição exprime o receio da violência de rua e da influência negativa do ambiente degradado da zona.

estava a pensar ir embora daqui a 5 anos.(...):como nós sabemos que este ambiente aqui , porque há mais confusão, há mais gente, é outro mundo, não é como seja Portugal, principalmente em Viseu, que é uma cidade pequena, mais sossegada. Sabe que aqui há muita violência, há muita maldade, há muito ódio, há muita guerra. Uma coisinha de nada, não olha se matam, não olham se roubam. Estava a pensar ir daqui a 5 anos.

e não estou a ver aqui os meus filhos a andarem com pessoas, com crianças da idade deles ou então mais velhos, crianças que tenham aquela maneira de ser igual à deles. Porque os levam para outros caminhos, para a droga, para as bebidas, para fazer maldades. Eu não quero isso! Não quero. Por amor de Deus, não é isso que eu quero para os meus filhos. Não me importo que eles sejam pobres mas gente séria, gente com educação. Está a pensar regressar por isso? Exactamente.

P10: Conceição (1194:1201) (1257:1262)

3. O desejo de regressar pode não ter contrapartida no aspecto económico: a situação difícil em Portugal e a incerteza quanto a emprego tornam o regresso indefinido e os tempos vagos. O regresso é encarado por algumas mulheres como um anseio de difícil concretização.

Clara exprime o desejo de voltar porque não gosta de viver em Inglaterra, sente necessidade dos amigos e da família e saudades do sol e do mar. Não quer, no entanto,

arriscar o regresso, ‘enquanto tiver os filhos pequenos’, dada a dificuldade de conseguir emprego em Portugal.

sim (tenho vontade de regressar) porque não gosto deste país, não, duma maneira geral, sei que tem coisas boas, mas sinto que falta muita coisa de que eu tenho necessidade, a família, os amigos. É mais difícil fazer amigos aqui,(...) tenho vontade de regressar, tenho muitas saudades do sol e do mar e gostava (...)de ir viver para o sul do país, talvez Lisboa outra vez, mas não sei neste momento... *eu já teria ido se tivesse emprego lá* mas eu sei que a situação é muito difícil e pelo menos *enquanto tiver os filhos pequenos, eu não quero estar a arriscar*

P12: Clara (1215:1236)

4. Madalena pensa passar ainda muitos anos fora e regressar apenas depois dos 45, 50 anos. Recusa-se a morrer fora de Portugal.

voltar definitivamente para Portugal daqui a anos? Ai daqui a uns anos sim, acho que sempre, que eu recuso-me a morrer aqui (...). Não sei se vou ficar cá tantos anos como isso, mas se eu ficar eu recuso-me a morrer aqui. E não sei se é como os elefantes que querem ir morrer a determinado sítio, não, é natural que eu passe ainda muitos anos fora,(...) uns vinte..

antes dos 45, 50 não gostava de voltar a Portugal. Agora pode ser ... eu continuo a falar como uma mulher solteira, não sei se algum dia eu me caso, e se casar não sei se há filhos,

aí eu sozinha com 45, 50 acho que sim, voltava para viver nessa tal casa que a minha avó tem, se não a vender até lá e ia viver para essa aldeia de pescadores,

P 7: Madalena (1895:1902) (1921:1925) (1941:1943)

5. Eva quer regressar porque se sente muito ligada afectivamente ao seu país, mas preocupa-a o facto de, para isso, ter de se afastar dos filhos (casados com inglesas) e do primeiro neto. Como o reagrupamento familiar em Portugal lhe parece improvável, pensa, depois de obter a reforma, ‘passar um tempo aqui e outro lá’.

É um bocado difícil de dizer, porque eu tenho aqui filhos e tenho um neto, gosto muito de Portugal, *se pudesse financeiramente mudar-me para lá e levar os meus filhos todos atrás, tudo bem*, mas como isso é impossível, eu só...é uma ilusão. (...) vou estar aqui até à reforma, que já só me falta mais 5 anos. Mas, em princípio, eu estou a pensar passar aqui um tempo e outro tempo lá, e... continuar a trabalhar até ter força. Porque eu nunca vou deixar de trabalhar.(...) Vou estudar, vou tirar o outro curso e é isso que eu quero fazer lá em Portugal

P 8: Eva - 8:59 (1585:1593)



6. Dora tenciona voltar, mas ‘não a curto prazo’. Associadas à ideia do regresso menciona ambições que pensa concretizar em Inglaterra. Assim, antes de voltar ‘quer ter uma carreira’, quer construir a sua estabilidade emocional e financeira. Relacionado com o regresso, aflige-a o choque de culturas que a filha poderá vir a sofrer quando voltar a Portugal – tal como o que ela própria experimentou em criança, quando regressou de Angola com os pais.

estou muito feliz, satisfeita, realizada, espero realizar os objectivos que me propus,

(ambiciono) Ter uma carreira, sentir-me realizada, estar bem emocionalmente, financeiramente. Estar com a minha família também, porque não ponho de parte a ideia de um dia voltar, não sei quando, *não a curto prazo*, mas não ponho isso de parte, *espero um dia voltar*. Outra das coisas que me aflige é que ela vai crescer e vai ser um choque muito grande, maior para ela do que foi para mim quando voltei a Portugal. Uma língua diferente um sistema diferente, acho que vai haver muito mais choque quando ela voltar. Além disso Londres é uma cidade muito grande e a vila onde vivi é um meio pequeno, razoável mas não é Lisboa e isso tem uma certa influência nas crianças e nos jovens. É uma mudança muito drástica.

P14: Dora (289:290) (436:447)

### 9.3 Conclusões

Depois da saída do país de origem e do esforço de adaptação ao país receptor, o regresso é o terceiro e último momento do processo migratório que nem todos os emigrantes concretizam.

1. Oito das dezassete entrevistadas não consideram regressar a Portugal. São as mulheres com estadia mais longa em Inglaterra que manifestam desejo de ficar.

Razões para permanecer:

- Em Inglaterra têm a sua casa e perto vivem os filhos e os netos;
- A carreira, a actividade profissional que escolheram desenvolve-se bem em Inglaterra ou mesmo depende da sua permanência no estrangeiro;
- Em Londres sentem maior estímulo cultural. Em Inglaterra criaram relações de amizade duradouras;
- Em Portugal o número de familiares e de amigos começa a rarear ;
- O regresso a Portugal, embora desejado, envolve riscos de desemprego, de solidão e de readaptação difícil.

2.. O regresso faz parte das intenções de 53% das participantes. Quanto a datas, apenas duas estabelecem prazos definidos e próximos (entre alguns meses e 5 anos). Algumas mulheres encontram-se demasiado envolvidas no processo de assegurar economicamente o presente. “Depois logo se vê!”, dizem. Outras ainda remetem o regresso para depois da reforma. Mesmo depois de se reformarem, as mulheres que têm filhos a residir em Inglaterra consideram “passar um tempo aqui e outro lá”. Razões pelas quais regressam:

- O sonho de possuir uma casa com jardim concretizou-se;
- É preferível educar os filhos em Portugal do que em certas áreas de Londres;
- Saudades dos amigos, do sol e do mar; “Não gosto deste país”;
- “Recuso-me a morrer aqui”

## 10 Conclusões

A emigração é um fenómeno de vastas proporções em Portugal (Neto, 1986), é uma realidade social omnipresente na sociedade portuguesa (Neto, 1993). Este assunto não parece, porém, suscitar o interesse e a quantidade de pesquisa que seria de esperar.

Neste trabalho, preocupámo-nos em compreender a emigração tentando apreender a mudança que ela representa. Poucas experiências humanas contêm, quanto a nós, tão vasto potencial de mudança a nível pessoal e social como a migração. A abordagem diacrónica pareceu-nos, portanto, a mais adequada. O estudo desenvolvido a partir de *histórias de vida de mulheres emigrantes* permite-nos essa abordagem da forma mais próxima da realidade vivida pelos seus actores.

### 1. Razões para emigrar

*Razões remotas* relacionadas com uma infância difícil ou com maus tratos e situações de opressão causadas por pais ou por maridos, verificam-se tanto em mulheres mais velhas como em mulheres jovens. Essas foram razões que originaram a saída do país tanto nos anos 60/70, como no fim dos anos 90. Por outro lado, o mesmo constrangimento pode ser sentido em relação ao meio acanhado de origem em que a crítica e o preconceito causam mal estar e condicionam o comportamento. Por fim, observamos que a mulher portuguesa opta ainda hoje em dia por sair do país a fim de obter o reconhecimento de um estatuto de igualdade. Efectivamente, “nas complexas simetrias/assimetrias do relacionamento mulher/homem actualmente em presença no País, persiste a ideia de que os homens *valem* mais do que as mulheres” (Vicente, 2001).

Algumas das razões que foram apontadas como remotas para a emigração tendem a persistir na sociedade portuguesa e a tornar-se uma constante. É o caso da experiência de emigração anterior de familiares e pares que tende a funcionar como exemplo e a constituir-se como solução para situações de crise, quer a nível individual e familiar, quer nacional. Razões remotas como o sentimento generalizado de insatisfação pode constituir uma plataforma que justifique a tomada de decisões quando novas razões

imediatas surgem. Observando movimentos migratórios recentes dos portugueses, pode concluir-se que a emigração começa a fazer parte da memória colectiva da nação, oferecendo uma solução sempre que momentos de crise económica se avizinham. É legítimo prever que, dados os recentes aumentos do nível de desemprego em Portugal, os números da emigração voltem a aumentar e o Reino Unido seja o destino privilegiado, devido à forte paridade da moeda inglesa.

O regime antidemocrático existente em Portugal antes de Abril de 1974, forçou algumas mulheres a emigrar para o Reino Unido, assim como para outros países, a fim de encontrar no estrangeiro trabalho e realização. Essas *razões políticas* para emigrar, ligadas ao regime repressivo da ditadura, já não existem hoje em dia. No entanto, embora num contexto diferente, ainda hoje jovens profissionais, intelectuais e cientistas usam a liberdade de circulação de cidadãos criada pela União Europeia para procurar noutros países situações profissionais cuja abertura, estímulo e exigência consideram mais de acordo com as suas ambições e ideais.

## 2. Os primeiros tempos

1. “No projecto de partir, a migração surge como promessa de mudança antes de ser obrigação de mudança” (Neto, 1993). *A chegada* está exactamente entre o projecto, o sonho e a obrigação de mudança, entre a idealização do país onde se espera poder realizar os objectivos pessoais e a necessidade de proceder a adaptações de toda a ordem a fim de conseguir concretizar esses projectos. Os sentimentos mais referidos à chegada são a surpresa (desagradável em grande parte dos casos) e a sensação de se estar perdida e desprotegida. As dificuldades imediatas mais sentidas referem-se à língua, à falta de dinheiro e ao isolamento. À medida que vão progredindo no contacto com o país receptor, as entrevistadas sentem outros motivos de estranheza: o clima, a alimentação, o alojamento e o choque de culturas presente nas atitudes e comportamentos.

2. É durante *os primeiros tempos*, ainda afectadas pela surpresa e pelo choque, que a si próprias põem a questão de desistir, de regressar a casa. As separações e as saudades da família, dos amigos e da terra têm nesta fase um peso enorme. É muito frequente regressar a Portugal, fazer uma reavaliação e decidir eventualmente partir

de novo. Inicia-se então, depois desta segunda entrada em Inglaterra, o longo período de adaptação; digamos que a adaptação passa a ser daí em diante uma constante em cada percurso de vida.

3. O confronto com uma nova cultura e o esforço de adaptação da vida pessoal e da vida da família às novas condições concretas de trabalho, de alojamento, de isolamento, de educação, etc têm custos elevados na saúde dos intervenientes do processo migratório, principalmente na das mulheres e das mães sobre as quais recai tradicionalmente a responsabilidade do bem estar familiar. Com o tempo e o progresso no processo de adaptação, as dificuldades com trabalho, alojamento, solidão, língua e saúde vão sendo atenuadas. O balanço que se faz da mudança e até mesmo do sofrimento dos primeiros tempos é, contudo, positivo.

### **3. A reconstrução do dia a dia**

Quem emigra transplanta-se, durante um determinado período de tempo ou talvez por toda a vida, para um ambiente que não é familiar. A mudança obriga a mulher à superação de um número de dificuldades que podem provocar alterações psico-sociais. Nesse período de adaptação a um ambiente adverso, a mulher pode ter que desempenhar papéis profissionais diferentes dos que tinha no país de origem.

Em Inglaterra não é difícil encontrar emprego fazendo trabalhos domésticos e, embora sejam mal pagos, muitas portuguesas recorrem a eles. As mulheres entrevistadas toleram o isolamento e os aspectos negativos do seu trabalho no país de emigração, por vezes com sobrecarga de vários empregos e multiplicidade de horas, porque têm em mente conseguir realizar os objectivos económicos que se propuseram atingir e que beneficiam a família, principalmente os filhos. No entanto, as crianças, a par de poderem no futuro vir a beneficiar economicamente, podem no presente transformar-se em vítimas, nomeadamente no aspecto educativo. Não é raro, por exemplo, crianças e adolescentes, faltarem às aulas de Língua e Cultura Portuguesas organizadas pela Coordenação de Ensino de Português a partir do fecho da escola inglesa às 3.30, porque acompanham e ajudam as mães nas limpezas dos escritórios. Os filhos, nesses casos, deixam de ser os beneficiários dos objectivos económicos

para serem prejudicados por eles. Acrescente-se que a situação de sobrecarga e de sacrifício tende a reproduzir-se mais nas raparigas.

Para além do trabalho, as mulheres procuram também, através do reagrupamento familiar ou da criação de uma nova unidade familiar, reconstruir a sua vida na sociedade de acolhimento. A procura de um espaço físico - a casa - e de uma rotina, são elementos importantes nessa reestruturação.

O espírito de luta, de iniciativa e até de aventura das entrevistadas é patente na continuada procura de ocupações em que progridam e se sintam realizadas.

O isolamento que sofreram, a distância a que ficaram das relações significativas, a quebra de relacionamentos, toda a perturbação da emigração e de um recomeço de vida num país estrangeiro foi, no caso de algumas mulheres, contrabalançada por aspectos positivos relacionados com o trabalho: encontraram novos relacionamentos, aprenderam novas habilidades/ capacidades, evoluíram, resolveram sozinhas situações difíceis, ficaram mais independentes economicamente.

#### **4. A língua**

1. A mudança para Inglaterra implica a coexistência diária com uma realidade linguística muito forte e omnipresente que é total ou parcialmente estranha à emigrante e que a separa do novo mundo exterior. A princípio a língua é entendida com uma *barreira* que, de modo geral, inferioriza a emigrante e constrange as suas possibilidades de sucesso. O desconhecimento do inglês limita muitas mulheres ao desempenho de trabalhos manuais e reduz as suas possibilidades de informação sobre os seus direitos no novo meio; isola-as e dificulta o surgimento de novas relações; coloca as emigrantes numa situação vulnerável de dependência de um mediador.

2. *A aprendizagem da língua*, ou o aperfeiçoamento do seu domínio, é levado a cabo por quase todas as entrevistadas através de todos os meios de que dispõem, inclusivé os próprios filhos que frequentam a escolaridade inglesa. A análise das narrativas deixou-nos a certeza de que as mulheres que fizeram maior uso da língua inglesa, deixando-se permear e utilizando possibilidades educativas da cultura receptora, evoluíram melhor profissionalmente e adquiriram maior auto-confiança e satisfação.

A criação de cursos de iniciação à língua inglesa em certas áreas onde a população portuguesa é mais densa e mais recente, seria de grande utilidade e constituiria um apoio muito apreciado. Essa tentativa foi efectuada em Northwood, Hillside Primary School, no norte de Londres, durante o ano lectivo de 1999/2000, pela Coordenação de Ensino de Português. Um curso gratuito de 2hrs semanais para aprendizagem do inglês foi organizado com sucesso para os portugueses da área – quase todos pais e mães das crianças que frequentavam os cursos de Língua e Cultura Portuguesas. Para além dos benefícios já apontados, a aprendizagem do inglês facilita aos pais o contacto com a escola e o acompanhamento da educação dos filhos na sociedade de acolhimento, aspectos fundamentais para o sucesso educativo destes.

3. O esforço de aprendizagem do inglês parece ter, em contrapartida, um esforço igualmente forte de *manutenção da língua materna*. Procura-se a todo o custo manter em casa, entre os filhos, a comunicação em língua portuguesa como um meio de assegurar a continuação do contacto com a família alargada e os amigos em Portugal e de prevenir grandes dificuldades de readaptação na altura do regresso. A língua portuguesa é também encarada pelas entrevistadas como o elemento mais forte na manutenção da identidade cultural.

Todas as mães entrevistadas afirmaram ter ensinado português aos filhos. No entanto, a manutenção da língua materna, mesmo quando encarada como uma mais valia, foi particularmente difícil de assegurar quando o pai não era português. Essa manutenção deixou também de existir nas crianças da terceira geração, mesmo quando os pais, luso-descendentes, eram ainda falantes de português.

A preocupação com a manutenção e a transmissão da língua materna não é de modo nenhum geral entre as famílias portuguesas em Inglaterra. O abandono da comunicação em português por parte de certas famílias parece dever-se a uma preocupação de inserção na cultura receptora e a um desejo de progressivo distanciamento da cultura de origem.

## **5. A educação**

1. Dez de entre as dezassete participantes continuaram a investir na sua educação depois de emigrar. Em Inglaterra frequentaram cursos profissionais e outros que

aumentaram as suas possibilidades de emprego e de realização pessoal. Dado existir no RU, mesmo nas cidades pequenas, escolas nocturnas comunitárias para adultos com uma oferta muito diversificada de cursos, a possibilidade de frequência dos mesmos depende do critério, escolha e persistência das mulheres, do modo como organizam a vida familiar e da ajuda prestada pelos companheiros.

2. As mulheres que por causa de dificuldades socio-económicas não conseguiram, em Portugal, realizar as suas potencialidades no campo educativo, exercem todos os esforços para que o seu caso não se repita na vida dos filhos e passam a acompanhá-los e a estimulá-los de todas as formas que as suas vidas cheias de trabalho possibilitam. A esse facto não é alheia uma boa representação de escola. A pesquisa permitiu também concluir que a relação das participantes com a sua própria evolução educativa e com a intensidade do apoio conferido à escolaridade dos filhos variou em função da representação de escola que possuíam.

3. O problema das desigualdades sociais reflectidas nas desigualdades escolares põe-se com muita acuidade no caso dos estudantes migrantes dado que, no caso destes, se colocam ainda outras desigualdades. Assim, a escolaridade das crianças estrangeiras é marcada muitas vezes por um insucesso precoce e muito difícil de superar, pois encontram pela frente todos os problemas de adaptação relacionados com a distância a que se encontram da língua e da cultura de escola da sociedade receptora. Todavia, segundo Cacouault e Oeuvrard (1995), a ausência de proximidade com a cultura de escola é comum a todos os alunos de classe dita desfavorecida, dado que a língua (neste caso, a linguagem) utilizada e reconhecida pela Escola é a língua da classe média. A maioria dos alunos migrantes vem de um meio trabalhador. Os alunos migrantes ou de famílias migrantes acumulam portanto, muitas vezes, todo o conjunto de características culturais e sociais estatisticamente associadas ao insucesso escolar.

No entanto, esta perspectiva de insucesso não parece ser irreversível. O investimento familiar na educação pode ser determinante para uma evolução de sentido positivo. Em quase todas as mães que participaram na presente pesquisa encontrámos confiança na capacidade de a escola garantir possibilidades de promoção social e de integração. A escola é entendida como fundamental na inserção profissional e social dos jovens.



A relação entre famílias ditas desfavorecidas e a escola varia. Glasman (1992), que investigou acções de apoio à escola em bairros populares, em França, põe em questão a representação de escola que as famílias possuem e a relação destas com a educação. As famílias têm acerca da instituição escolar atitudes e expectativas que estão de acordo com a sua inserção/trajectória social. As famílias mais marginalizadas socialmente, exprimem em relação à Escola a mesma desconfiança que em relação a instituições como a Justiça ou a Polícia, com as quais têm relações de conflito. Estão pouco implicadas na escolaridade das suas crianças, não respondem às solicitações da escola e não têm ambições precisas de carácter educativo. Ao contrário, as famílias cuja situação social se encontra menos degradada (emprego e situação familiar mais estáveis) esperam bastante da escola, investem no trabalho escolar dos seus filhos e encaram o seu futuro educativo.

As diferenças de investimento de cada família na escolaridade podem-se reflectir na intensidade e na forma de apoio dispensado às crianças. Para além da ajuda pedagógica que algumas podem oferecer, reflexo de maiores recursos e de níveis mais elevados de competência escolar (mais abundantes nas famílias de classe média), é importante a atenção e o acompanhamento diário. O apoio prova à criança o interesse e o apreço familiar pelo seu sucesso escolar.

O acompanhamento quotidiano da educação das crianças é, na maior parte das famílias portuguesas, assegurado pela mãe. São quase sempre as mulheres que tomam a seu cargo a educação dos filhos. No universo da presente pesquisa, apenas uma das participantes, Célia, refere a iniciativa do marido em partilhar tarefas de acompanhamento escolar dos 4 filhos do casal e em estimular actividades ao ar livre, nos fins de semana.

## **6 A identidade cultural**

1. Quando as mulheres portuguesas se referem à *comunidade portuguesa em Inglaterra*, põem geralmente em causa dois aspectos: o modo como as pessoas se comportam umas em relação às outras dentro desse grupo e a imagem que dão para fora à categoria de se ‘ser português’. As entrevistadas falam mais em termos de valores humanos e de ética. Em relação a si próprias, algumas assumem a identidade

com orgulho, identificando-se com características que descrevem como portuguesas. Outras mostram-se divididas e, embora assumindo as suas raízes, sentem-se desgostosas com características negativas que observam nos outros portugueses e com aspectos generalizados do comportamento da comunidade que têm a ver com uma certa obsessão económica e material e um desleixo quanto a outros valores.

2. O facto de se ser *identificado pelos outros* como pertencendo a uma determinada comunidade, reforça o sentido de pertença do sujeito a essa comunidade. No entanto, essa identificação pode também provocar nele algum sofrimento. Pertence-se a uma ‘minoria étnica’ (como vulgarmente são chamadas as comunidades estrangeiras em Inglaterra) e vive-se o confronto constante com a representação muito mais forte da cultura da sociedade receptora. Sente-se, conseqüentemente, a necessidade de estabelecer uma forma de equilíbrio, a fim de que a nossa identidade não seja ‘ameaçada’. Deste modo, tendo assumido afectivamente a sua diferença e a sua identidade cultural portuguesa em Inglaterra, algumas das entrevistadas procuram encontrar motivos que enalteçam essa diferença. Sempre que a representação da nossa cultura através de pessoas, de acontecimentos ou de instituições não é enaltecida, sempre que não se acrescenta dignidade a essa representação, sofre-se de algum modo. Desde o contentamento que se sente quando uma equipa desportiva ou um atleta ganham numa competição internacional, até à frustração sempre que uma instituição portuguesa não cumpre ou fica a perder numa situação de comparação com instituições inglesas ou de outros países, esses factos ou esses acontecimentos provocam reacções acaloradas de exaltação ou de desgosto.

As mulheres portuguesas entrevistadas não consideram a identidade cultural como um aspecto exterior a elas e de importância relativa. Nos seus discursos, a identidade cultural aparece como algo de concreto, que é sentido como parte da definição e da estrutura individual e que ocupa a posição necessária a uma espécie de equilíbrio de forças de quem vive no confronto diário de culturas. No estrangeiro, procura-se um apoio de afirmação porque se está em minoria.

3. Observámos ainda que *a ligação com Portugal* é feita, principalmente nas que emigraram há mais tempo, de recordações e de conceitos por vezes míticos – ‘o bilhete postal’. A televisão em português tem um papel preponderante na manutenção

de laços e é seguida atentamente por muitas, quer em casa, quer nas associações e nos cafés portugueses.

## **7. Identidade como mulher**

O facto de ser possível definir, pelo menos em parte, o papel social da mulher portuguesa, dentro de casa, como boa dona de casa ou como mãe dedicada, parece ter facilitado a sua adaptação a um país diferente, sem pôr em questão a sua identidade e a sua auto-estima.

Depois das provas por que passaram, depois da sua luta pelo trabalho, pela realização pessoal, pela educação dos filhos e pela sua adaptação à mudança, sentem-se mais fortes. A auto-confiança e o nível de satisfação com a vida saem aumentados das situações difíceis, da experiência da solidão e das lutas que travam num país estranho.

O balanço positivo que as mulheres fazem da sua decisão de emigrar é também uma consequência da libertação dos ambientes restritivos em que algumas viviam em Portugal. Na cultura inglesa, as assimetrias do relacionamento homem/mulher não são tão marcadas como em Portugal, razão pela qual as portuguesas, quer de classe trabalhadora, quer de classe média, se sentiram, de modo geral, mais libertas dentro da sociedade de acolhimento. Ao balanço positivo que fazem do seu percurso e da situação presente, não é alheio, nas entrevistadas que mais se deixaram permear pelas trocas culturais, a valorização e algum empoderamento conferido à mulher pela sociedade inglesa.

O processo de emigração quase se transforma num processo de aprendizagem de si próprias, de auto-construção e de auto-valorização. O processo de mudança, a emigração para Inglaterra, é vista por todas de uma forma positiva; não há, na recolha feita, um único discurso derrotista ou pessimista. Em todas o balanço da mudança é positivo. Penso que é inevitável sentir-se um profundo respeito por todas estas mulheres.

## **8. Regresso**

As dificuldades socio-económicas sentidas pelas entrevistadas, quando encaram o seu regresso a Portugal, são semelhantes às motivações que as levaram a emigrar e relacionam-se com o trabalho, com a remuneração e com as possibilidades limitadas de realização pessoal. O reagrupamento familiar em Portugal parece também muito difícil de concretizar para aquelas cujos filhos estão socio-economicamente bem estabelecidos em Inglaterra. Algumas terão igualmente alguma dificuldade em encontrar habitação em Portugal. Daí que cerca de metade das mulheres entrevistadas afirme optar por não regressar. Essas mulheres têm com Portugal uma relação afectiva, reconhecem as suas raízes e a presença de familiares em Portugal, visitam o país de origem pelo menos uma vez por ano (ver cap. 7. Identidade Cultural, 7.4 A ligação a Portugal), mas preferem ficar em Inglaterra. Uma vez feita a adaptação à nova sociedade, com todos os sacrifícios e sofrimentos inerentes, a vida no país receptor é hoje satisfatória e estas mulheres não anseiam por outra partida e outro processo de adaptação.

Quem afirma querer regressar, encara Portugal como o país onde planeia viver os anos da reforma. Reconhecem que em Portugal podem reencontrar a família, os amigos, o sol e o mar, a segurança física dos meios pequenos, mas também a insegurança económica e a incerteza de arranjar trabalho. Daí que pensem voltar depois dos 50 anos com casa feita e um rendimento seguro. Aliadas ao regresso estão, também, preocupações com a sua adaptação e a dos filhos a Portugal. Por outro lado, as mulheres que estão em Inglaterra há menos tempo e não completaram ainda o seu processo de adaptação, encaram o regresso como mais desejável e mais próximo no tempo. Podemos talvez inferir que o desejo de regressar se encontra na proporção inversa da duração da estadia.

## **Apêndices**

### APÊNDICE 1

#### **Lista de participantes**

Nome fictício – idade (local de nascimento) – nível de escolaridade – agregado familiar – número de anos passados em Inglaterra - ocupação

#### **Angelina**

72 anos (nasceu na ilha da Madeira)

Não tem habilitações literárias

Tem 1 filho; viúva; vive sozinha

Vive em Inglaterra há 32 anos

Cozinheira

#### **Carmo**

63 anos (nasceu em Trás-os-Montes)

Curso de Liceu e frequência de um curso para prof.<sup>a</sup> do ensino primário em Portugal; curso de profissionalização para o ensino de linguas a adultos, feito em Inglaterra.

Tem 4 filhos; vive com o marido e um filho

Vive em Inglaterra há 36 anos

Professora de português de adultos estrangeiros

#### **Célia**

47 anos (nasceu no Algarve)

12º ano de escolaridade feito em Portugal

Tem 4 filhos; vive com o marido e 3 filhos.

Vive em Inglaterra há 11 anos.

Trabalha em limpezas, num hospital

#### **Clara**

41 anos (nasceu no Douro)

Licenciada

Tem 2 filhos; vive com o marido e os filhos

Vive em Inglaterra há 10 anos

Professora de português

### **Conceição**

32 anos (nasceu no distrito de Viseu)

8ºano de escolaridade incompleto

Tem 4 filhos; vive com o marido e os 4 filhos

Vive em Inglaterra há 2 anos

Empregada doméstica; cuida de crianças.

### **Custódia**

73 anos (nasceu próximo de Lisboa)

Curso completo dos liceus (antigo 7º ano)

Tem 2 filhos; viúva; vive sozinha

Vive em Inglaterra há 38 anos

Escritora. Jornalista num importante organismo inglês (aposentada)

### **Dora**

35 anos (nasceu em Angola onde viveu com os pais até aos 7 anos)

12º ano de escolaridade

Tem 1 filha; vive com a filha

Vive em Inglaterra há 8 anos

Professora de apoio de crianças cuja língua materna não é o inglês; trabalha numa escola primária inglesa

### **Eva**

55 anos (nasceu no Ribatejo)

Tem a frequência do 3ºano do Curso Comercial

Tem 2 filhos; vive só.

Vive em Inglaterra há 29 anos

Empregada de escritório

### **Fernanda**

65 anos (nasceu em Lisboa)

Licenciada

Tem 3 filhos; vive com o marido

Vive em Inglaterra há 36 anos

Funcionária do MNE (aposentada)

**Florinda**

42 anos (nasceu na Beira)

9ºano incompleto

Tem 2 filhos; vive com os filhos

Vive em Inglaterra há 24 anos

Empregada doméstica

**Gina**

45 anos (nasceu ilha da Madeira)

Completo a 4ª classe

Tem 2 filhos; vive com o marido e uma filha

Vive em Inglaterra há 20 anos

Cabeleireira

**Júlia**

73 anos (nasceu em Lisboa)

Curso completo do liceu em Lisboa; cursos de línguas e de secretariado em Londres

Não tem filhos; viúva; vive sozinha

Vive em Inglaterra há 41 anos

Secretária em firmas inglesas de advogados (aposentada)

**Lina**

47 anos

Curso de Educadora de Infância; para a licenciatura num dos cursos do INEF falta-lhe a tese; estudou em Portugal.

Tem 1 filhos; vive só

Vive em Inglaterra há 10 anos

Educadora de infância

**Luisa**

33 anos (nasceu no distrito de Aveiro; dos 6 meses aos 14 anos viveu em França com os pais)

9ºano de escolaridade incompleto; frequência de um curso de secretariado em Portugal

Tem 1 filho; vive com o namorado e o filho.

Vive em Inglaterra há 13 anos

Trabalhos de limpeza e domésticos

**Madalena**

35 anos (nasceu em Lisboa)

Mestrado concluído no Japão

Não tem filhos; vive só

Saiu de Portugal há 11 anos e trabalhou em várias capitais europeias; vive há 2 anos em Londres

Consultora científica numa organização internacional

**Patrícia**

31 anos (nasceu em Moçambique onde viveu até aos 3 anos, com os pais)

9º ano de escolaridade e frequência de um curso de secretariado em Portugal

Tem 4 filhos; vive com 2 filhos

Vive em Inglaterra há 5 anos

No momento da entrevista estava desempregada; anteriormente trabalhou em hotelaria.

**Rita**

54 anos (nasceu próximo de Lisboa)

Completoou a 4ª classe

Tem 2 filhos; vive com o marido e uma filha

Vive em Inglaterra há 33 anos

Cozinheira e empregada doméstica



## **APÊNDICE 2**

### **Roteiro da entrevista**

#### **Nota**

As perguntas que constam do questionário foram apenas formuladas quando as participantes não contemplaram espontaneamente os assuntos nelas contidos ou quando, na altura da entrevista, certos aspectos foram considerados relevantes. O questionário foi usado como recurso e, na realidade muito pouco usado, já que na maioria dos casos foi considerado mais produtivo dar às participantes na pesquisa uma orientação inicial e deixá-las depois envolver-se no relato das suas vidas. Fez-se antes de cada gravação uma breve explicação sobre o objectivo do projecto, de acordo com as seguintes linhas gerais:

#### **Introdução**

“Antes de mais, muito obrigada por concordar em contar-me a sua história de vida. Obrigada também pelo seu tempo e disponibilidade.

Estou a fazer uma pesquisa sobre mulheres portuguesas no Reino Unido. Este projecto foi aprovado pelo Ministério da Educação em Portugal. A intenção é recolher histórias de vida de mulheres portuguesas que vivem em Inglaterra há vários anos. Ouvir quais os motivos que levaram ou levam as mulheres a vir para o o R.U., sozinhas ou com as suas famílias, e saber se as expectativas que as levaram a mudar foram, de algum modo, realizadas. Histórias de vida de mulheres trabalhadoras, experiências como a sua, podem ajudar a compreender melhor a situação de famílias, e/ou de crianças emigrantes e talvez venhamos a ter como resultado um maior/ melhor apoio por parte do Estado Português, a nível educativo. A história da sua vida pode também ser um dado importante para a história da emigração portuguesa neste país. Nesse caso, outras pessoas dentro do campo da pesquisa poderão beneficiar das suas experiências.

O que me contar é confidencial e a sua identificação será alterada de modo a não ser reconhecida. A entrevista fica gravada em cassette e vai ser transcrita para papel com nome fictício. Fica guardada em meu poder e só será utilizada para pesquisa, para estudo. No relatório que no final será escrito ou em qualquer processo de divulgação dos resultados, o anonimato continuará obviamente a ser respeitado.

Se estiver de acordo, podemos falar hoje um pouco e continuar noutro dia, se necessário. Não precisa de contar absolutamente tudo, não é necessário falar de aspectos da sua vida com os quais se sinta desconfortável ou que sejam só seus.

Vou procurar falar o menos possível. Quando fizer perguntas, será para tentar estimular respostas sobre os aspectos da sua vida que não mencionou espontaneamente e que são importantes para a pesquisa.”

## **Questionário**

### *1. Família*

Fale-me um pouco da sua família, dos seus pais e avós, do ambiente em que nasceu.

Onde passou a sua infância?

Que recordações tem dos seus primeiros anos?

Qual foi a coisa mais importante que a família lhe deu ?

### *2. Educação, trajecto escolar em Portugal.*

Que recordações tem dos primeiros dias de escola? Quais as melhores e quais as piores?

Teve algum/a professor/a de que gostasse muito na esc. primária, secundária, na universidade ? Ele/ela influenciou-a de algum modo na sua vida futura ?

De que aspectos se orgulha mais durante o tempo em que estudou ?

O que aprendeu sobre si própria durante esses anos ?

Qual é para si o papel da educação/escola na vida de uma pessoa ?

Lembra-se de em criança/jovem ter sido encorajada a fazer coisas novas/diferentes?

Qual foi, até agora, o livro de que gostou mais ?

Fora da escola, qual foi a lição de vida mais importante ?

### 3. *Trabalho*

Quais eram as suas ambições/sonhos em adolescente?

Que profissão queria ter?

A família /o ambiente encorajavam-na?

Como veio a ter a profissão que tem hoje?

Que outras profissões teve?

O que acha mais fácil/difícil/importante no seu trabalho ?

Por que é que tem este trabalho ?

Frequentou cursos profissionais ou outros em Inglaterra?

### 4. *Vinda para Inglaterra*

Quando é que pela 1ª vez pensou sair de Portugal?

O que a levou a pensar no assunto?

Tomou a decisão sozinha?

Veio sozinha? Quando é que chegou? Daquilo que viu, o que é que achou? O que sentiu?

Como se sentiu durante os primeiros tempos?

A que aspectos da vida em Inglaterra lhe custou mais a habituar?

Aprende inglês? Como? Com quem?

Como é o seu dia a dia? O que gosta de fazer no seu tempo livre?

Convive com outras mulheres portuguesas?

Tem amigas/os inglesas/es ou de outras nacionalidades?

Pertence ou frequenta alguma associação portuguesa?

Ou de outra nacionalidade?

O que mais lhe agrada em Inglaterra?

### 5. *Filhos e família*

Onde nasceram? Com que idade vieram para Inglaterra?

Estiveram sempre consigo?

O que mais a preocupou na educação dos filhos?  
O pai participa/partilhou dessas preocupações?  
Até que idade estiveram na escola? Incentiva-os a tirar um curso?  
Vai ajudá-los a ir para a universidade?  
Na vida actual qual o papel, a importância da educação?  
Frequentaram aulas de português em Inglaterra?  
Ensinou-lhes ou fala com eles em português?  
Acha importante que eles saibam português? Porquê?  
Fala-se português em casa?

#### *6. Sentimentos em relação a Portugal*

Lembra-se de algum acontecimento histórico importante, em Portugal ?  
Onde estava ? O que sentiu ?  
O que sente quando pensa em Portugal ?  
O que é que a liga a Portugal ?  
Vê a televisão portuguesa?  
Quantas vezes por ano vai a Portugal ? Pensa regressar definitivamente?  
Será mais difícil ser portuguesa em Inglaterra do que, por ex., francesa ou italiana ?

#### *7. Balanço*

Quais as decisões mais importantes da sua vida?  
Está satisfeita com as escolhas que fez na sua vida?  
Qual foi o tempo mais feliz da sua vida?  
O que é que atingiu até agora que lhe pareça mais importante?  
Como se sente acerca de si própria?  
Pensa que as mulheres portuguesas que conhece evoluíram?  
Quer fazer algum comentário acerca dos homens portugueses?  
Qual a sua maior preocupação?  
Já conseguiu realizar algum dos seus sonhos/objectivos?  
Que planos tem para o futuro?

## Bibliografia

- Abreu, G., Silva, T. & Lambert, H.(2001) *Portuguese children in British schools: England and the Channel Islands, Report of the first phase of the Project*. University of Luton, UK.
- Arroteia, J. (1983) *A emigração portuguesa: suas origens e distribuição*. Lisboa, Instituto de Cultura e Lingua Portuguesa
- Atkinson, R. (1998) *The Life Story Interview*, Sage University Papers Series on Qualitative Research Methods, vol. 44. Thousand Oaks, CA, USA.
- Bertaux, D. (1981), *Biography and Society*, Beverly Hills, CA: Sage, USA
- Brettell, C. (1978) *Já chorei muitas lágrimas, crónica de uma mulher portuguesa imigrada em França*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- Cacouault, M., Oeuvarard, F. (1995) *Sociologie de l'éducation*, Éditions La Découverte, Paris.
- Dias, E. M. (1998) *Português distante, os falares da emigração*, in *Interculturalismo e cidadania em espaços lusófonos*, Coordenação de Rocha- Trindade, M. B., Cursos da Arrábida, nº 05, Europa-América, Lisboa
- Hermans, Hubert J.M. (2001) *The Dialogical Self: Toward a Theory of Personal and Cultural Positioning*, Culture and Psychology, Sage Publications, London
- Hoffman, Eva (1989) *Lost in translation*, W. Heinemann, London
- Hoffman, Eva (2002) 'A personal perspective on emmigration', conferência não publicada, Londres.
- Mota, K. (1999) *Imigrantes Brasileiros nos Estados Unidos: Trajetórias de identidades em situação de bilinguismo*. PhD Thesis, Brown University, USA.
- Neto, Felix (1986) *A migração portuguesa vivida e representada; Contribuição para o estudo dos projectos migratórios.*; Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Centro de estudos. Porto
- Neto, Felix (1993) *Psicologia da migração portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Peplau, L.A. and Perlman, D (Eds) (1982) *Loneliness: a source book of current theory, research and therapy.*; Willey-Interscience; New York.
- Pereira, D. M. (2001) *Ser português no Grão Ducado do Luxemburgo, trajectórias socio-económicas, educativas e culturais*, dissertação de mestrado, Universidade Aberta. Porto.

- Porteus, D. and Nogueira, M.J.M.(2001) *The social and Cultural Needs of the Portuguese Community in Stockwell*, University of Luton, UK.
- Robins, K. and Aksoy, A. (2001) *From spaces of identity to mental spaces: lessons from Turkish-Cypriot cultural experience in Britain*, Journal of Ethnic and Migration Studies vol.27, No4, Taylor and Francis Ltd., London.
- Rocha-Trindade, M. B. (1995) *Sociologia das migrações*, Universidade Aberta, Lisboa.
- Rosenthal, G.(1993) Reconstruction of life stories: Principles of selection in generating stories for narrative biographical interviews. In R. Josselson & A. Lieblich (eds), *The narrative study of lives: vol.1* (pp59-91), Newbury Park, CA: Sage, USA.
- Sanjek, R. and Colen, S., eds.(1990) *At work in homes: Household workers in world perspective*: American Ethnological Society Monograph Series, no.3. Washington DC.
- Vicente, A. (2001) *As mulheres portuguesas vistas por viajantes estrangeiros, seculos XVIII, XIX, XX*, Lisboa, Gótica.
- Volovitch-Tavares, M-C (1995) *Portugais à Champigny, le temps des baraques*, Éditions Autrement, Paris.

## **Agradecimentos**

Este trabalho é um relatório final de pesquisa que só foi possível efectuar devido à concessão de uma licença sabática atribuída pelo Departamento de Educação Básica do Ministério da Educação Nacional e obtida depois de 33 anos dedicados ao ensino. A pesquisa beneficiou também de um subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian em Londres. Ao Director das Relações Culturais Anglo-Portuguesas, Dr. Miguel Santos, agradeço o apoio, o estímulo e a confiança.

Não tendo praticamente formação anterior como investigadora, quando comecei a delinear o trabalho de recolha de dados, decidi privilegiar o objecto da minha pesquisa e dedicar-me ao relato tão claro quanto possível dos meus achados, sem me preocupar obsessivamente com a leitura de teoria académica de investigação e análise. Com isso procurei que a minha tarefa não se me apresentasse enorme e intransponível e que a minha actividade e o resultado dela fossem tão espontâneos, genuínos e próximos da realidade da vida destas mulheres quanto possível. Previoguei o uso do bom senso e de um tipo de raciocínio pragmático na maior parte das escolhas que fiz e na resolução dos problemas que surgiram ao longo da pesquisa. Agradeço, portanto, ao leitor que tenha esta situação em conta.

Tive sempre a assistir-me o conselho sabedor, experiente, interessado e estimulante da Doutora Guida de Abreu, Professora e Investigadora da Universidade de Luton, Inglaterra. Sem a sua orientação segura e actual em áreas tão vastas como Sociologia, Psicologia, Interculturalidade e Multiculturalidade, este trabalho não teria sido possível. À Universidade de Luton e aos professores do Mestrado em Psicologia e Cultura agradeço os conhecimentos transmitidos e a atmosfera de trabalho acolhedora e propiciadora da realização de projectos pessoais inovadores.

O Professor Doutor Paulo Abrantes foi sempre um modelo de Director, esclarecido e atento; o seu interesse pela investigação e pelos problemas da educação na comunidade emigrante foram, para mim, o maior estímulo e inspiração.

Agradeço comovidamente a todas as dezassete entrevistadas a disponibilidade, a confiança, a sinceridade e a maturidade com que narraram parte das suas vidas.

À Dr<sup>a</sup> Maria Emília Monjardino agradeço a inteligência e a vivacidade das suas impressões sobre os contornos da comunidade nos anos 60/70. O interesse e o apoio de algumas amigas dedicadas, como Isabel Chuva, foram preciosos e incentivadores.

Aos meus filhos Maria João e Nuno agradeço muito o carinho, a paciência, o bom-senso, o tempo e o saber com que me ouviram e ajudaram, principalmente na fase de revisão e de apresentação do texto.





